Laís Carvalhal



DESABANDO EM CHAMAS

DESABANDO EM CHAMAS

Créditos

Desabando em chamas
Lais Carvalhal

2025 Editora do Cristão
1ª edição

Revisão ortográfica
Luana Alves e João Vitor M. Bastos

Leitura crítica
Alexandre Carvalho

Capa e Coordenação editorial
Jéssica Rocha, João Vitor M. Bastos

Diagramação E-book:
Álefe Brite Nunes

Contato comercial:
WhatsApp: (35) 9 9919-7137
www.editoradocristao.com
editoradocristao@gmail.com

©Todos os direitos Reservados
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou utilizada de qualquer forma sem a permissão expressa por escrito do autor. O artigo 28 da Lei de direitos autorais estabelece que cabe ao autor o direito exclusivo de utilizar, fruir e dispor da obra literária, artística ou científica que criar. A violação dos direitos autorais é crime previsto no artigo 184 do Código Penal

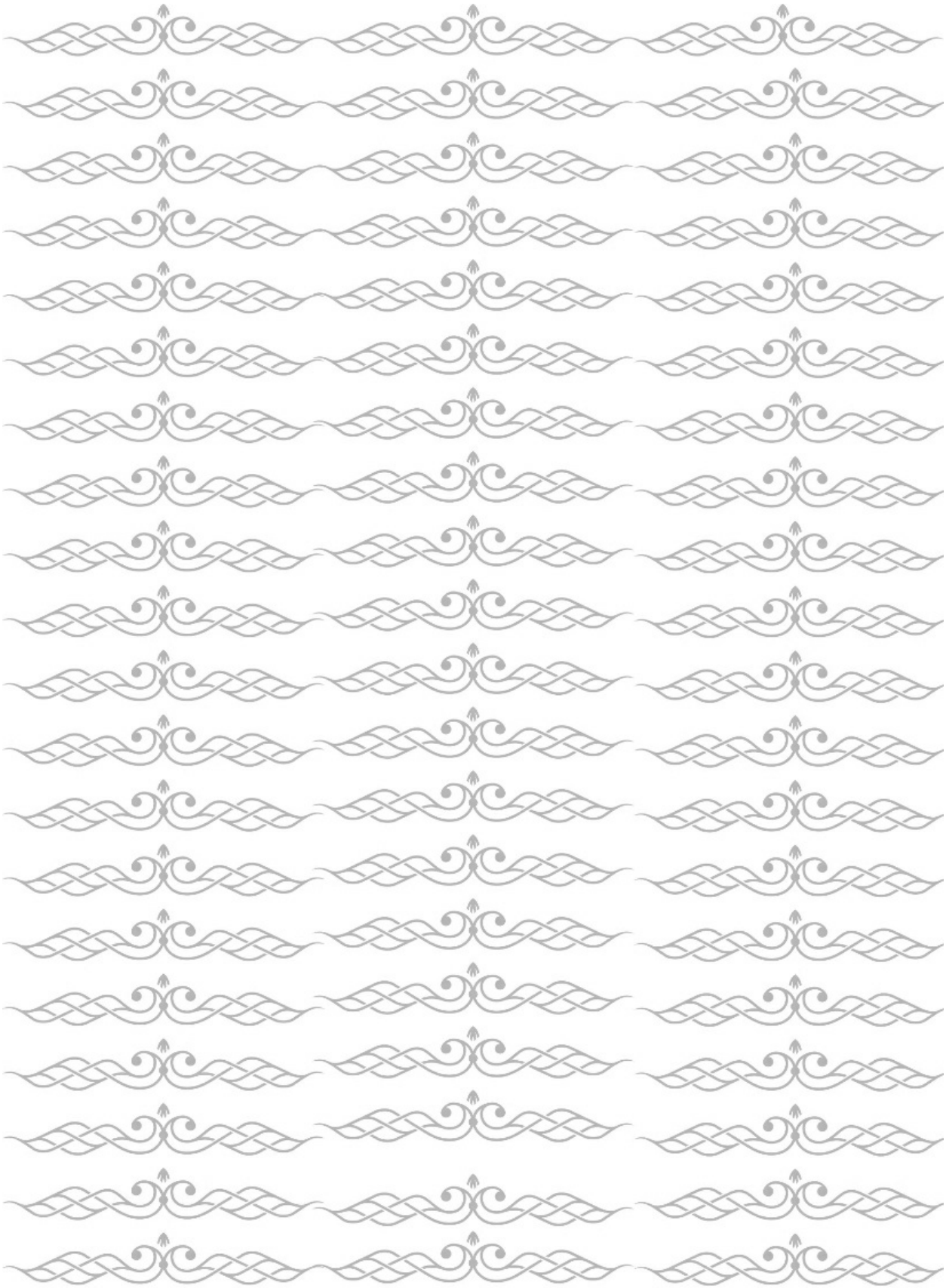
Para o Deus que
aceitou ser pregado numa cruz
para não passar a eternidade
longe de mim.

E para todos que acham que
precisam se esforçar para
Deus continuar os amando:
Ele não muda.



Pois vocês são salvos pela graça,
por meio da fé,
e isto não vem de vocês, é um presente de Deus;
não vem de obras, para que ninguém se glorie.

Carta de S. Paulo aos Efésios (2:8-10)



Tendo sido, pois,
declarados justos pela fé,
temos paz com Deus,
por nosso Senhor Jesus Cristo

Carta de S. Paulo aos Romanos (5:1)

SUMÁRIO

Querido leitor,
01
02
03
04 - Parte 1
04 - Parte 2
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
EPÍLOGO
Agradecimentos
Notas

Querido leitor,

Obrigada por escolher essa história.

Antes de começarmos, gostaria de pedir para que levasse em consideração alguns fatores:

O primeiro deles é que essa obra reproduz padrões e comportamentos da época em que se passa. Trocar isso seria descaracterizar os personagens completamente e acho que nenhum de nós quer isso, certo?

Segundo: a intenção desse livro não é de maneira nenhuma ser uma ofensa ao catolicismo romano ou à alguma outra igreja. Me inspirei no evento real da Reforma Protestante para criticar pontos que eu considero perigosos à fé cristã.

Gostaria de deixar claro também que tentei ao máximo seguir a ordem cronológica dos eventos da Reforma da forma como eles realmente aconteceram. Nem sempre foi possível, então tomei algumas liberdades criativas. Algumas pessoas reais também serão utilizadas em situações fictícias por meio de licença poética.

E por último: Amelia vai parecer confusa algumas vezes. Agindo, pensando e sentindo. Peço que tenham paciência com ela. Tudo que escrevi, o modo de pensar dela, seus comportamentos extremamente ansiosos, o medo, a dúvida, eu mesma vivi.

O medo faz agirmos com coragem às vezes. E, em outras ocasiões, como covardes. Depende da intensidade dele. Fiz o meu melhor para retratar esse comportamento. No mais, divirta-se. Ria, chore, aprenda, se apaixone e, principalmente, glorifique a Deus lendo



01

“Os santos que vemos são todos feitos de ouro”

Demons - Imagine Dragons

SPEYER, ALEMANHA

1520

— Padre, perdoe, porque pequei — Amelia Hohl estava sentada dentro do confessionário, em uma de suas visitas frequentes ao local. Não tão regulares como ela desejava: se não fossem pelas repreensões de sua mãe, e se padre Enton não fosse tão atarefado, ela com certeza viria todos os dias.

A catedral da cidade não era longe de sua residência e o clima e a segurança de Speyer estavam amenos o suficiente naquele dia para permitir que ela fosse a pé e desacompanhada.

— Confesse, minha filha — o padre respondeu, o tom de voz carregado de paciência.

Amelia podia ver através da grade da pequena janela do confessionário que ele mantinha as mãos juntas e o terço entrelaçado entre elas. Padre Enton sempre conservava seus olhos fechados durante a confissão, como em uma reza silenciosa, e ela apreciava muito o gesto.

Se sentia mais confiante para contar o que fosse necessário e aliviar um pouco do peso que tinha no coração.

Apesar de, um dia, Amelia poder jurar de pés juntos que pegou o homem cochilando enquanto a moça desabafava, ambos fingiam que nada tinha acontecido. A única prova que ela tinha era o pulinho assustado que ele deu no banco, na ocasião.

— Falhei em rezar ao dormir por duas vezes durante os últimos dias — ela balançou a cabeça para dispersar os pensamentos engraçados e se focou na confissão — Estive imersa em um livro e, quando me dei conta, o sono

estava mais atrativo. Rezei por duas vezes quando acordei, mas não sei se foi o suficiente para compensar o meu pecado. — Ela mordeu o lábio, enquanto aguardava pelo parecer do padre.

— A sua reza utilizou o tempo que você perdeu no livro?

— Não — Amelia respondeu, levemente envergonhada. Ela sentia as bochechas começarem a queimar e parecia que o próprio Deus estava olhando decepcionado para ela.

— Pois teremos que fazer algo em relação a isso, então — ele atestou — Ainda é devota de Santa Matilde? — A moça assentiu, mas se lembrou que o homem não podia vê-la e vocalizou, um tanto preocupada, sua resposta.

Padre Enton estava ficando velho, com certeza, pois toda vez que ela ia à igreja ele tinha que confirmar a qual santa Amelia dirigia suas rezas. Ora, quem podia garantir que ele estava passando as penitências corretas?

— Acenda velas por 3 dias antes de dormir e reze para ela. Nesses dias, se abstenha de seus livros. Ela estará intercedendo por você e isso te ajudará a ficar mais próxima do reino dos céus.

A postura de Amelia murchou com a fala do padre. Ela queria muito se livrar da culpa e com certeza não queria castigo nenhum sobre si, mas ela já tinha ficado longe dos livros por conta própria para testar essa penitência e não tinha funcionado.

Era sempre assim. Desde que ela tinha crismado ao atingir a idade da razão e passado a ser apta para fazer as penitências, Amelia vivia em um estado de desespero. Mesmo quando terminava suas confissões e garantia sua absolvição, ou quando deveria estar em estado de graça, após os sacerdotes concederem indulgências a ela, a moça não conseguia ter a paz que eles ensinavam.

As penitências, as rezas, as idas às missas, a eucaristia, nada fazia ela acreditar que tinha feito o suficiente para ir para o céu. No mínimo, ela sofreria no purgatório por séculos. Até essa ideia já era a melhor possível para a Hohl, pois, se passasse por lá, pelo menos tinha chance de entrar nos céus.

Entretanto, Amelia desconfiava que seria jogada no inferno com os maus na primeira oportunidade que Deus tivesse. A fé, dedicação e

constância dela falhavam demais. Então ela fazia mais, para garantir o seu lado.

Além disso, a sugestão do padre era desconfortável, pois ela amava demais conteúdos complexos sobre flores, mesmo com alguns termos eruditos difíceis de entender. A moça era fascinada por plantas e passava horas entretida lendo sobre o funcionamento dessas espécies.

Ela se perguntava se não havia outro jeito, mas padre Enton era o sacerdote, instituído por Deus, afinal. A palavra dele era o que valia.

— Sim, padre — ela acatou. Talvez, por ser uma ordem dele e não uma iniciativa própria como da última vez, isso teria poder para apaziguar sua consciência.

— Mais algo? — ele questionou.

— Sim — ela falou, se mexendo desconfortavelmente no banco, parecendo se lembrar do motivo mais importante pelo qual precisava falar com o padre. — Entrei em uma briga com minha mãe essa semana. O senhor sabia que ela e meu padrasto acordaram para que eu me casasse com o filho do meio dos Besser? — Amelia sentia raiva só de lembrar — Primeiro, ela me nega o véu, depois quer que eu me torne esposa de um libertino? — A moça percebeu que seu tom de voz tinha se elevado e buscou se acalmar. Que Deus a livrasse que alguém de fora ouvisse o que ela estava dizendo ali.

Amelia Hohl não queria de verdade ser freira. Queria ir para o céu. E na época que solicitou o véu à sua mãe, achava que essa era a única maneira de conseguir tal realização. Sua reclamação atual nem era referente à negação que tinha recebido, mas sim devido às implicações que o casamento com alguém devasso como o conde fosse trazer a ela. E se o pecado dele caísse nela? Estava convencida de que havia tal possibilidade.

Padre Enton só respirou fundo e abriu os olhos, percebendo que a fala dela parecia mais um desabafo do que uma intenção de se confessar.

— Sua família e os Besser vieram falar comigo sobre o assunto e eu lhes dei a minha benção, filha.

— O senhor fez o quê? — Amelia estava falando alto novamente e ele a deu um olhar de repreensão, tendo sua ordem implícita logo obedecida.

— Amelia, já lhe disse que o véu não é para você. É espirituosa demais, filhos lhe farão bem. Pode servir ao Senhor educando suas crianças nos caminhos da santa igreja.

— Sim, padre, me lembro — ela suspirou — já havia concordado com o senhor. Meu problema não é com o casamento, e sim com o homem que designaram para tal. O senhor está ciente da fama do *Herr*[1] Besser? Padre, todo mundo sabe que, quando ele vem passar as férias na casa de seus pais, ele frequenta locais para encontrar mulheres duvidosas — ela se aproximou mais da janela e sussurrou essa última frase.

O padre não se abalou com a afirmação da moça.

— Levin é um homem honrado, Amelia. Apesar de seus... — ele hesitou um pouco procurando a palavra adequada para usar — ...suas indiscrições, ele será um marido fiel e respeitoso. Eu mesmo o adverti a respeito disso e ele garante que tem todas as intenções de tratá-la como é devido. Além disso, o próprio Carlos o tem como um de seus soldados de maior estima e será de grande benefício que as duas famílias se juntem. Para o bem de nosso império e de nossa igreja.

"E para o bem de Carlos, que terá uma das maiores famílias de uma cidade independente unida a ele, então". Amelia queria dizer, mas se aquietou. Não era apropriado desrespeitar uma autoridade instituída.

— E imagine, minha querida — ele continuou, dando à moça um olhar encorajador — Com o título que o imperador o concedeu recentemente, você se tornaria a *Gräfin*[2] de Handschuhsheim e, no futuro, seus filhos herdariam o distrito. Isso não lhe parece promissor?

— Padre, não consigo nem expressar o quanto eu dou pouca importância a esse título.

O homem suspirou.

— Pense nisso então como um esforço de catecismo, filha. Todos sabem que os Besser não se aplicam ao catolicismo corretamente. Levin pode se tornar tão devoto quanto você, ele só precisa que alguém mostre a ele o caminho. Seja firme em sua fé e você tem grandes chances de convertê-los. ´

Amelia assentiu, mais para não contrariar o padre, porque ela não

estava muito convencida dessa confiança que ele demonstrava nela.

Amelia Hohl sabia que não era firme na sua fé e isso a aterrorizava.

— Tentarei, padre — ela respondeu, por fim — Posso ser dispensada agora?

— Escolha uma refeição de amanhã para jejum devido à briga com sua mãe.

— Certo — Amelia tinha perdido o foco nisso e, aparentemente, o padre Enton não estava tão ruim de memória assim.

Depois de dizer sua reza de contrição e receber o perdão do padre, Amelia se despediu e caminhou em direção à saída do lado sul da igreja.

Ao olhar ao redor, a moça se deteve em um afresco colorido no teto, retratando cenas das vidas de S. Sebastião e S. Benedito, e na estátua de Jesus, que, com seus três metros de altura, parecia acolhê-la. A arquitetura da igreja era vibrante e emanava uma sensação de calor e familiaridade.

Junto a isso, havia o momento. Todos garantiam que, se morresse naquela hora, com o perdão recém-adquirido e a certeza de ter feito a coisa certa, ela iria para um bom lugar. Por alguns instantes, se permitiu acreditar que aquilo era verdade, durante o tempo que admirava as belezas que sempre fizeram parte de sua vida.

— Amelia — ela ouviu uma voz conhecida gritando seu nome e franziu o nariz ao reconhecer a dona. Embora gostasse demais dela, não estava disposta a enfrentar certos assuntos que viriam junto.

— Leona — ela se virou, sorrindo cordialmente, e viu a amiga, filha da família Besser, se aproximando, com seu irmãozinho Ludwig no seu encalço.

Toda vez que ela imaginava como seria a vida cotidiana na residência dos Besser quando todos se reuniam, com a madame tendo que gritar o nome de seus cinco filhos, todos iniciados com a letra L., Amelia tinha que se controlar para não gargalhar.

— Olá, Ludwig — Amelia se abaixou para ficar à altura do rapazinho e cumprimentá-lo. O menino imediatamente se escondeu atrás da irmã, com vergonha da vizinha, mas deu a ela um sorriso tímido, mostrando um de seus dentinhos que estava faltando.

Amelia achou muito fofo, apesar de Leona dizer que as quedas já deveriam ter terminado há muito tempo.

— Ludwig, não seja assim — Leona repreendeu suavemente — logo Amelia será parte da nossa família, queremos que ela se sinta bem-vinda — a mulher deu um sorriso travesso e piscou para Amelia, que sorriu envergonhada. Pelo visto madame Besser já tinha compartilhado as novidades. — Como vai, querida?

— Muito bem, Leona, e você?

— Estou bem. Imagino que tenha vindo se confessar, não é? — Amelia assentiu — Tentei ir à sua casa essa semana, mas não consegui me liberar dos meus deveres antes. Não sabe quanto fiquei feliz em saber do noivado. Todos lá em casa estão super empolgados de ganharmos uma nova irmã. — Quando Leona estava empenhada em falar, ela não dava abertura para ninguém responder até finalizar, então Amelia deixou — Liesel não para de mencionar em como você faz as melhores tranças, e até a esposa de Lothar já escreveu para mamãe nos parabenizando pelo aumento da família.

Lothar era o mais velho dos Besser, com quem Amelia tinha tido pouco contato, devido às suas diferenças de idade. Apesar das semelhanças físicas com Levin (aliás, todos os irmãos eram incrivelmente parecidos entre si, com seus cabelos escuros e ossos longos), os dois tinham personalidades totalmente diferentes.

Ao passo que Lothar era uma mente centrada em negócios, tendo assumido a administração dos recursos do pai e multiplicado a fortuna de sua família, Levin era sempre visto em treinamentos, cavalgadas e em trabalhos braçais. Não era de se admirar que sua tendência em empunhar uma espada com maestria tenha o levado a um lugar de prestígio como responsável pelas tropas de Carlos.

Lothar e a esposa Heidi haviam se mudado para o centro de Frankfurt há dois anos, mas Amelia suspeitava que eles passavam mais tempo na estrada do que na nova residência, pois Lothar tinha viagens de negócios frequentes e, além disso, não se demoravam em visitar os pais do homem em Speyer. Como Heidi ainda não tinha filhos, ela era ávida em acompanhar o marido nos longos dias de estrada, com a carruagem deles tendo passado por várias adaptações para ser mais confortável para essa finalidade.

Amelia ouviu de Ulrike, sua melhor amiga, que garante que ouviu de um vendedor de tecidos, que diz ter ouvido de um cocheiro, que as almofadas lá eram mais confortáveis que as camas dos Besser. Como alguma dessas pessoas saberia qual é o conforto da cama dos Besser estava fora do alcance da Hohl saber.

— Também veio para a confissão, Leona?

— Eu? — ela fez um estalo rápido com a língua, descartando a ideia imediatamente — Não, já me confessei esse mês. Sabe que não consigo ser como você nesse quesito. Que Deus me perdoe — Leona levantou as mãos em um gesto de oração. Amelia não sabia se ela estava sendo reverente ou brincalhona. Mesmo achando desrespeitoso, não conseguiu segurar e soltou uma risada leve, mas genuína — Vim gastar energia de Ludwig. Choveu atipicamente ontem e ele está pulando para todos os lados agora porque dormiu mais que deveria. A pobre de minha mãe está exausta.

— Achei que não gostasse de caminhadas longas — Amelia a provocou. Sabia que a outra era extremamente caseira.

— Ai Amelia, me conhece tão bem — Leona fez uma careta — Hoje estava com vontade de esticar as pernas. Mas prometi a mim mesma que, quando Levin chegar, descobrirei o esconderijo dos *marzipans*[3] que ele traz de Lübeck e comerei todos como recompensa pelo meu esforço.

Aquilo chamou a atenção de Amelia.

— Seu irmão está voltando do Norte? — ela perguntou, arqueando uma de suas sobrancelhas.

— Ele está fixando residência em Heidelberg, a serviço do imperador, na verdade. Já faz alguns meses que não fica em Wittenberg. Depois da cerimônia do título, se mudou oficialmente para a casa no distrito. Não soube dos rumores? O herege continua suas críticas e já há mais pessoas apoiando suas ideias.

— Procuro não dar ouvidos ao que dizem aqueles que são contra a igreja verdadeira de Jesus, Leona. Os padres dizem que o diabo pode usar isso para nos cegar e nos fazer acreditar em falsas doutrinas — Amelia falou, firme em sua convicção.

— Sim, claro — a moça se dissuadiu, usando as mãos e balançando a

cabeça para afastar o assunto — De qualquer modo, como não é sábio para o imperador voltar para a Espanha agora, seus conselheiros sugeriram que ele ficaria mais seguro no palácio de Heidelberg. Levin achou o momento propício para se instalar como o *Graf*[4] do local.

— Leona percebeu a confusão no rosto da menina e se deu conta da situação — Oh! Desculpe, Amelia. Supus que você sabia de tudo isso, não queria que descobrisse por mim onde irá morar. — Leona agora mordia os lábios de nervosismo.

— Está tudo bem — e de verdade estava. Morar em Worms, Speyer ou em Heidelberg não fazia a menor diferença para ela — Eu estou aliviada, na verdade. Só a ideia de morar em Wittenberg era que não me aprazia. — Ela fez uma careta só de imaginar — Depois do que aconteceu com o escândalo na porta da igreja, acho que a cidade ainda está com os ânimos aflorados. Não é um ambiente propício. E também é muito longe daqui. Se eu for me mudar, prefiro não ir para um lugar onde eu tenha que viajar por dez dias para visitar minha família.

— Sim, claro. Eu entendo. E Heidelberg é a menos de um dia de distância daqui. Vocês podem nos visitar quando quiserem e podemos ir te fazer companhia também. — Os olhos dela se iluminaram com a possibilidade — Certamente o trabalho de Levin deve exigir que ele fique muito fora de casa e deve ser assustador para você estar sozinha em uma nova cidade.

— Receber sua visita seria ótimo — ela respondeu, verdadeiramente animada com a ideia.

Leona teve que se virar rapidamente para pegar Ludwig, que ameaçava correr para longe, e o menino fez uma cara feia por ter tido seus planos interrompidos.

— Como Levin está mais próximo daqui agora, ele prometeu à mamãe que vai passar mais tempo em casa para os preparativos do casamento, mesmo tendo que ir e voltar. Ele também garantiu que os serviçais deixarão tudo arrumado para quando ele voltar com a nova senhora do condado — ela olhou sugestiva para a loira, que corou com a informação.

Ela seria a senhora de uma casa. Teria criados dependendo dela. Teria obrigações com seu marido e, se Deus permitisse, teria filhos seus para criar.

A ideia tanto assustava quanto empolgava.

— Não se preocupe — Leona pareceu ler os pensamentos dela — Vai se sair bem — ela entrelaçou seus braços com o da amiga e, juntas, foram à saída — Lembro de ter ficado apavorada quando a data se aproximava, mas homens são seres incrivelmente simples. Não à toa nosso Deus olhou do céu e viu que não poderia deixá-los sozinhos. Imagine a bagunça — Leona riu sapeca e Amelia a acompanhou, se divertindo com a ideia — A primeira vez que sentei para repassar o cardápio de refeições com Franz, ele me olhou como se eu estivesse falando grego e disse que, desde que eu garantisse que tivéssemos pão quente e cerveja gelada sempre, ele não se importava com qual carne eu mandasse cozinhar — Amelia a observou e percebeu que a mulher agora tinha um ar de anseio no rosto, com certeza sentindo falta de seu falecido marido.

A viuvez da mulher não era tão recente e a Hohl havia dado as suas condolências muitas vezes, já que era só o que sabia fazer. Desejava ter mais consolo para oferecer para a Besser, mas percebia que as palavras falhavam nesses momentos.

— Espero que esteja tudo nos conformes — ela ofereceu, constrangida pelo sofrimento da moça e ansiosa para mudar de assunto — Também estamos muito felizes com a notícia do casamento lá em casa — uma meia verdade, ela pensou, os modos nada castos de Levin não a agradavam, apesar de todo o resto fazer o estômago da moça se encher de borboletas. Todavia, ela não contaria isso para a irmã gêmea do futuro marido — Gostaria que Franz pudesse estar presente, tanto por você quanto por *Herr* Besser. Imagino que ele também sofra com a perda.

— Obrigada — Leona respondeu com sinceridade. Seu ar de saudade tinha sumido e ela voltou à animação inicial — Mas direi a Levin que se acerte com você para não o tratar tão formalmente. Ao dizer *Herr* Besser parece que você está chamando meu pai.

As duas riram com a afirmação e Amelia concordou. Em sua mente irreverente, sempre tratava Levin pelo primeiro nome e ia ser só questão de tempo até ela se dirigir a ele dessa maneira.

— Me acompanha até o sepulcro? Quero sua opinião sobre quais flores deixar lá para tirar aquele ar mórbido da região. — O sorriso sereno de Leona

contrastava com a seriedade do assunto que a moça puxou — Mas depois podemos ir caminhando para casa juntas para você me contar tudo sobre como está morrendo de vontade de ser esposa de meu irmão.

— É claro — ela assentiu e a Besser fez uma feição travessa — É claro que te acompanho, não que estou morrendo de vontade de ser esposa do seu irmão Leona, deixe essas ideias.

— Amelia, Amelia — Leona deu dois tapinhas nas costas da amiga. — Você nunca conseguiu me enganar. Levin, muito menos.

— Você não queria indicações de flores, ao invés desse papo? — Amelia torceu para a amiga aceitar sua mudança de assunto e Leona levantou as mãos em rendição, ouvindo atentamente a amiga recomendar arranjos que ficariam belos no túmulo de Franz.

Ninguém mais por ali levava flores para seus mortos, mas Leona insistia que manter o terreno de sepultamento vazio era aumentar a tristeza associada com o local.

Leona era muito jovem, apenas oito estações mais velha que Amelia, e havia ficado casada por poucos anos com Franz, melhor amigo de seu irmão gêmeo, quando ele fora acometido por uma enfermidade no sangue. Os médicos não puderam fazer nada após os sintomas aparecerem, senão tentar deixar o homem confortável e sem dor.

Ele e Leona se amavam tanto que, mesmo ambos passando por essa situação, o relacionamento deles era invejável. Ela ficou com ele até o fim e Amelia lembrava vividamente dos gritos da moça sendo ouvidos pela vizinhança. Ninguém precisou pronunciar notícia nenhuma depois disso. Todos sabiam que Franz tinha partido.

Apesar de tudo, Amelia não entendia algumas escolhas dos Besser e da família de Franz. Além dos procedimentos e missas usuais, nenhum deles se preocupou em fazer nada mais pela alma do homem. Era como se não estivessem apreensivos ou interessados em abreviar os dias de sofrimento dele no purgatório. E, baseado no tanto de missas que Franz faltou, ela temia que fosse haver muitos.

Em um ato de compaixão, Amelia fez o ato prescrito de Adoração ao Santíssimo Sacramento por meia hora e recebeu indulgência parcial por ele

através do bispo do território. Os sacerdotes acharam a ação dela louvável.

— Ele está num bom lugar — ela garantiu à amiga, enquanto ambas olhavam a lápide, após saírem juntas da igreja.



— Mama — Amelia chamou, tirando o véu de oração que usou como xale no caminho — Estou em casa.

— Na cozinha, querida — ela ouviu a voz da mulher vindo do fundo do primeiro andar da casa e se dirigiu para lá.

A residência principal da família Kühnemann-Hohl se destacava na rua. A construção em pedra e madeira com suas telhas amarronzadas, as janelas emolduradas por troncos esculpidos, o amplo jardim com sua fonte de esculturas, tudo isso exalava um ar de sofisticação.

Dentro, a sala era espaçosa, com paredes adornadas por pinturas religiosas e de paisagem e os móveis tinham uma coloração escura. Seu padrasto, Rolf, estava próximo ao piano branco, que contrastava com o chão de tábuas polidas. Ele puxava algumas notas da partitura, espremendo os olhos com uma expressão cômica que fez Amelia rir.

— Rolf — ela chamou sua atenção — Onde estão seus óculos? — ele se virou para ela com um olhar de quem é pego no flagra — Se aqueles não forem suficientes, não é melhor uma nova visita ao artesão para conseguir novas lentes? — ela questionou, genuinamente curiosa.

— *Humpf* — ele grunhiu — aqueles me atendem perfeitamente. — O homem desconversou com as mãos — A não ser pelo fato que não posso tocar piano e segurar a lente ao mesmo tempo, posso?

— Talvez para decorar a partitura? — ela sugeriu e os olhos de Rolf se iluminaram.

— Como você tem as melhores ideias dessa casa?

— Não deixe minha mãe ouvir você falando isso. Ela ficou muito

orgulhosa do esquema que inventou para a sovada — ela piscou.

Rolf balançou a cabeça lembrando do incidente de quando Gerda decidiu que sovar massas era muito trabalhoso e montou um objeto parecido com um tear para isso.

O experimento teria sido um sucesso caso ignorassem a farinha sujando toda a cozinha e os pedaços de massa crua sendo atirados para todos os lados.

— Olá, mama — Amelia chegou na cozinha e viu sua mãe experimentando um caldo, com as *Mägde*[5] da casa trabalhando apressadamente.

Sua mãe não podia ver ninguém parado, gostava de ver as pessoas sempre ativas e isso refletia nas criadas: Denise varria o chão de ladrilhos enquanto Deisy lavava os pratos em uma pia de pedra. A governanta, por sua vez, mexia algo no fogão.

— Oh, Amelia. — A mulher sorriu ao ver sua filha entrar — Venha aqui — ela acenou e deu um pouco do caldo para a menina experimentar.

Gerda Kühnemann, ex madame Hohl, compartilhava das longas madeixas louras da filha, apesar de serem diferentes em muitos aspectos da personalidade. Gerda tinha a calma, o otimismo e a determinação. Amelia tinha tendência a negativar tudo ao seu redor e, frequentemente, se via com vontade de desistir das suas empreitadas.

Seu pai, falecido antes da menina chegar à adolescência, sabia administrar sua casa de maneira excelente. Ele era capaz de equilibrar as vontades impassíveis da mulher e a passividade da filha. Sua maior realização foi ensinar Amelia a ler e a escrever em alemão, depois de falhar em fazer a menina gostar de tocar qualquer instrumento.

Dieter Hohl era um joalheiro muito requisitado na corte. Ele preferia não levar a esposa e a filha quando frequentava os ambientes cheios de membros da nobreza, então passou muitos períodos fora de casa. Mas, sempre que estava com elas, dedicava sua total atenção.

Amelia sentia saudades dele, mas era grata pela oportunidade de sua mãe ter se casado novamente; isso aliviou a solidão e o peso sob os ombros de Gerda de ter que lidar com o patrimônio do marido sozinha, e Rolf era

amável e honrado. Amelia nunca teria que se preocupar em deixar a mãe desamparada, principalmente agora que se mudaria em breve. Elas podiam ter seus esbarrões às vezes, mas a mulher sabia que sua mãe se doava totalmente por sua felicidade.

O aroma reconfortante do caldo fervendo encheu o olfato de Amelia e ela foi envolvida pela atmosfera acolhedora e familiar. O vapor perfumado, carregado com notas de carne cozida e especiarias, e o sabor que veio quando ela provou fizeram a Hohl suspirar de prazer.

— Está uma delícia, mama. Teremos caldo de carne para o jantar hoje? — ela perguntou, já imaginando que teria que adiar seus planos de jejum.

— Estou testando para nosso jantar com a família Besser amanhã — a mulher respondeu e Amelia arregalou os olhos. Não tinha sido informada dos planos.

— Mama, como a senhora organizou isso? A madame Besser está sabendo do compromisso?

— Não seja boba — Gerda falou, como se fosse óbvio — É claro que sabe. Estava agora com ela, combinando tudo. Resolvi iniciar para experimentar algumas misturas. Vamos recebê-los para celebrar e para que você e seu noivo possam se conhecer.

— Por quê? Não é como se não nos conhecêssemos. Ele morou bem ali na frente.

— Você conhece *Herr* Besser, o filho da família de nossos vizinhos, um soldado do imperador e irmão de uma de suas amigas. Você não conhece Levin, seu futuro marido—Amelia revirou os olhos ouvindo aquilo. Não adiantava discutir com alguém que tinha razão — E não revire seus olhos para mim, senhorita — Gerda apontou.

— Perdão, madame — ela fingiu fazer uma reverência e a mãe se segurou para não rir — Mas a madame sabe se Levin, meu futuro marido, está em Speyer?

— Estará — a mulher assentiu — Madame Besser garante que ele chega amanhã pela tarde — ela parecia orgulhosa pelo pedaço de informação que tinha adquirido — A mãe dele vai recebê-lo e disse que não deixará ele se acomodar, apenas um banho e virão direto para cá.

— Mama, pobre homem. Ele vai ficar exausto.

— Homens são simples, minha filha. Tenho certeza de que ele vai preferir ver seu belo sorriso a ficar naquela casa descansando —Amelia corou.

Simples... Ouviu isso mais de uma vez apenas naquele dia, mas Amelia não conseguia evitar pensar que isso estava o mais longe possível da verdade sobre os homens.



02

“Nos deparamos num lugar comum

E aí, quais são seus planos?

Eu até que tenho vários. Se me acompanhar, no caminho eu posso te contar”

Dois - Tiê

— É o suficiente, obrigada — Amelia agradeceu depois de Denise ter ajudado ela com os nós que se formaram no seu cabelo e com os ajustes no vestido.

— Azul te cai muito bem, *Fräulein*[6].

— Também gosto, querida. Só garanta que esses laços estejam firmes, por favor.

Os panos entrelaçados e cheios de amarrações em lugares estratégicos dificultavam e muito a tarefa de alguém se arrumar sozinha. Se vestir era uma missão que demandava muita energia; se despir, igualmente, ao ponto de Amelia muitas vezes dormir com a roupa que estava e acordar no outro dia, se levantar e continuar com suas tarefas como se nada tivesse acontecido. Ela ganhava tempo e isso dava à moça uma sensação de controle.

Amelia entendia, obviamente, que aquilo teria que parar após se mudar. Não sabia se Levin iria querer dividir o quarto ou

se cada um teria o seu próprio. Ela imaginava que isso variava muito entre os casais. Os pais de Ulrike dividiam o mesmo aposento e cama desde que ela se entendia por gente. Gerda e Dieter tinham dormido em cantos opostos da casa, mas sua mãe e seu padrasto agora preferiam dividir o quarto.

A Hohl não sabia qual destas era a melhor opção. Estava ciente das obrigações que teria após o casamento: sua mãe teve que explicar, alguns anos antes, após ela, Leona e Ulrike, achando que tinham em mãos a melhor ideia de todas, resolverem ficar vigiando à espera da cegonha quando a madame Besser estava dando à luz a Liesel.

O plano era realmente infalível, na mente das três meninas. Uma ficaria responsável por vigiar o céu, a outra a entrada do quarto, e Leona, por ser filha da gestante, se esgueiraria para dentro do aposento onde a mãe estava.

Após Amelia não ver nada no céu, Ulrike ficar entediada de esperar na porta e Leona sair ao encontro delas aterrorizada, pálida como nunca, as três voltaram para suas casas com mais perguntas do que respostas sobre como um bebê havia saído de dentro da madame Besser, e como a cegonha tinha colocado ele lá, para começo de assunto.

Gerda tentou desconversar e distrair Amelia com promessas de bonecas ou doces, mas a menina estava determinada a descobrir, e ameaçou perguntar ao catequista durante sua próxima aula. Isso fez com que a mãe desse a ela sua total atenção.

Foi assim que madame Kühnemann, tão vermelha que ameaçava entrar em combustão, respondeu às perguntas da filha, procurando ser o mais breve possível.

Com a idade que tinha, Amelia revirou os olhos e fez uma cara de nojo quando obteve suas respostas. Achou todo o processo muito bizarro inicialmente e, passado o horror inicial, quanto mais pensava naquilo, mais achava tudo muito desinteressante.

Agora, além dos indícios que seu corpo dava de que talvez não fosse tão desinteressante assim, e muito menos bizarro, ela sentia um pouco de medo e vergonha ao pensar em como tudo funcionaria.

Morar sob os mesmos aposentos, ser casada, criarem filhos juntos, era uma coisa totalmente a par de morar no mesmo quarto, dividir intimidade e privacidade. Era não ter um local só para si para rezar, ou não poder mais chorar na cama ao dormir, deixando a lamentação entrar noite adentro. Tudo isso precisava ser considerado e era o mais assustador.

Havia ainda o fato de que Levin era famoso por ser galanteador de mulheres. Ela não tinha certeza se ele iria querer manter uma amante, e honestamente não gostava da ideia. Sabia que era comum e muitos homens desfrutavam dessa prática, mas Amelia tinha medo do que Deus poderia fazer com ele como pena do pecado de adultério. E tinha mais medo ainda de que Deus a punisse por ser conivente com a situação, porque com certeza não conseguiria fazer o suficiente para impedir.

Por outro lado, ela ainda achava preferível, de certa maneira. Ouviu sermões na missa a respeito de buscar certos tipos de prazeres e, no seu entendimento, o ato que deveria acontecer entre o casal era simplesmente para gerar filhos. Portanto, se o contato entre eles não tivesse esse fim, seria pecado.

Então, se Levin estivesse buscando esse tipo de coisa ilícita, Amelia preferia que ele pecasse com as mulheres na rua em vez de arrastar ela para a lama.

Ela jogou para bem longe os pensamentos dele estando com outra mulher após casarem e a aflição que tais ideias causaram nela.

Seus devaneios foram interrompidos por uma batida na porta. Ela deu uma última olhada no vestido antes de autorizar a pessoa, que sabia ser sua mãe, a entrar.

— Está na hora? — Amelia se virou, esperando por uma confirmação da mulher, apesar de também já saber da resposta. Era tradição que a família dos noivos conversassem na sala de estar um pouco e só depois a noiva descesse para se juntar a eles. Ela ouviu a movimentação quando os Besser cruzaram a rua, o barulho de passos e conversas no andar de baixo e até alguma coisa sendo quebrada, com a madame Besser gritando o nome de Ludwig logo na sequência.

—Você está linda — a mãe dela sorria se aproximando com os braços abertos — Ah, minha filhinha.

— Mama — Amelia repreendeu, constrangida, mas aceitou o abraço da mulher — assim a senhora me deixa envergonhada.

— O que posso dizer se você é a melhor coisa que fiz em minha vida? — a mulher se afastou para olhar no rosto de Amelia, acariciando suavemente suas bochechas — Quero que saiba que te amo absurdamente e que tomamos a decisão que achamos que vai te fazer mais feliz. — No fundo, Amelia sabia e entendia as intenções deles — Perdoe sua pobre mãe naquilo que não consegui acertar para você.

— Ah, mama — Amelia voltou a se acomodar nos braços da mais velha — Eu que deveria pedir perdão por não ser a filha que a senhora merece. Por favor, não fique emotiva demais. Não está me perdendo.

— Eu sei — a mulher respondeu, contra os cabelos dela — Estou garantindo netos, só isso. Mal posso esperar para passar longos verões com eles em Niederbayern.

Amelia queria censurá-la pela indiscrição, mas era divertido imaginar sua mãe e Rolf sendo avôs, por isso deixou passar. A propriedade da família em Niederbayern tinha um lugar especial no coração de Amelia. Não apenas porque as terras eram férteis, com boas fontes de água e com bons ares para descansar, mas também porque seu pai sempre a levava para lá durante a infância, e passavam momentos memoráveis.

Pensar que a futura geração teria lembranças semelhantes a deixava alegre.

— Vamos descer?

— Sim, claro — Gerda respondeu, mas antes de se soltar, sussurrou — Arranjei uma mesa separada para você jantar com o Levin — e puxando Amelia pela mão, piscou para a menina — Você pode achar problemas no caráter do seu futuro esposo, mas tem que admitir que ele é belíssimo como se o próprio Deus tivesse pintado com um pincel, não?

Amelia corou e não respondeu. Concordar parecia luxúria e mentir seria pecado.



Definitivamente o conceito da mãe de Amelia para mesa separada estava muito além do que o decoro permitia. A moça imaginou que ela e o noivo teriam um lugar a centímetros da mesa principal, mas sua mãe achou de bom tom colocar ambos para se sentarem no extremo de onde o restante dos convidados estaria. Com a altura adequada das vozes para jantares desse tipo, nenhuma das mesas conseguiria ouvir a outra.

O sorriso que a mãe dela deu quando Amelia ficou ciente desse fato deixou claro que tinha sido tudo proposital. Gerda tinha aptidão por desafiar as normas sociais e, ao se juntar com a madame Besser, isso se intensificava.

A sala da casa estava colorida e alegre. Grupos de conversas enchiam o ambiente, junto com a movimentação das *Mägde* entrando e saindo com chás e bebidas quentes para as mulheres e cerveja para os homens.

A moça achava contagiante o tanto de risadas que havia em casas cheias, mas sua mãe sempre deixou claro que seu desejo era por apenas um filho e que Deus a havia atendido.

Por ironia do destino, Levin foi o primeiro a perceber sua presença chegando no ambiente. Talvez fossem os instintos de soldado que o levavam a ficar sempre atento ao seu redor, ou algo que ela não era capaz de entender. Mas ele olhou para Amelia e, quando seus olhos se encontraram, ela vivenciou de novo uma coisa saída diretamente daqueles livros com lendas fantasiosas que Ulrike gostava de carregar por aí.

Levin Besser era o homem mais bonito que Amelia já vira e isso significava algo, já que Speyer tinha muitos deles. Desde o fatídico baile promovido pelo duque e a duquesa Friedrich, em que ambos iniciavam sua mocidade, ele tinha deixado de ser o menino sapeca e começado a se tornar o moço charmoso que encantava todos ao seu redor. Levin tinha presença, era bonito e sabia disso, possuía lábia para conversar e, apesar de isso incentivar muitas mulheres a se meterem em problemas, ele era gentil como nenhum outro.

O irmão do meio dos Besser não era apenas um cavalheiro por obrigação, mas sim generoso e cuidadoso com as pessoas ao seu redor genuinamente.

Amelia viu o sorriso discreto e até, arriscava dizer, travesso que ele deu ao vê-la. Os olhos do homem pareciam consumi-la. Ela tinha dificuldade de sustentar as encaradas dele, então desviou o olhar para os outros membros do aposento, mas sabia que Levin não tinha feito o mesmo.

— Aí está ela — Rolf estava alheio enquanto conversava com Lothar e o senhor Besser, mas teve um vislumbre das duas chegando e se dirigiu à esposa, interrompendo todas as conversas da sala.

Leona, Heidi, madame Besser e Liesel estavam sentadas no sofá de frente para os homens, e Ludwig estava com um cavalinho de pau, brincando aos pés da sua mãe.

Liesel era a mais nova dos irmãos, depois de Ludwig, e a princesinha da família. Os irmãos eram loucos por ela e chegava a ser engraçado ver o quanto de demonstração de afeto eles faziam pela menininha em público. Com Ludwig não era diferente. O garotinho era capaz de encantar todos ao seu redor e era realmente difícil não querer apertar as bochechas dele toda vez que Amelia o via, então ela podia imaginar como era para os irmãos dele, que tinham aquela fofura por perto o dia inteiro.

O pequeno foi o único que não parou o que estava fazendo para olhar a entrada da moça Hohl.

Amelia se adiantou para cumprimentá-las primeiro, recebendo um beijo no rosto de cada uma. Leona deu a Amélia um olhar cúmplice. Liesel elogiou seu cabelo, Heidi disse que seu crucifixo novo, que Amelia ostentava pendurado no pescoço, era belíssimo, e a madame deu a ela um olhar de aprovação que dispensava palavras.

Lothar a cumprimentou com um aceno de cabeça e ela se inclinou ligeiramente em uma reverência para ele e para seu pai, que trocou o mesmo olhar de aprovação com a esposa.

Ela sabia que Levin estava esperando para ela cumprimentá-lo e que estava aproveitando cada momento do seu nervosismo. Amelia suspirou internamente e finalmente criou coragem para encarar os olhos escuros dele novamente.

Lá estava. A intensidade, a curiosidade e a vontade. Tudo isso direcionado para ela. Amelia queria se virar e sair correndo. Era como se ele quisesse conhecer todos os segredos dela, como se conseguisse lê-la e descobrir desde suas alegrias até seus medos mais profundos.

— *Fräulein* Hohl — Levin tomou as mãos da moça nas suas e inclinou-se para beijá-las suavemente, sem deixar de olhar por um segundo nos olhos de Amelia — Está encantadora, como sempre.

— *Graf* Besser — A moça se curvou da forma mais graciosa que pode, com a ponta do vestido entre os dedos. — Seja bem-vindo. Heidelberg tem lhe tratado bem?

— Não posso reclamar. Mas nem toda a beleza da cidade e os luxos da corte se comparam à senhorita. — A boca dele se curvou em um sorriso ao

ver Amelia corar.

A moça usou de todas as suas forças para não se esquivar.

— O senhor é muito gentil com as palavras, *Graf*. Agora vejo que sua fama lhe faz jus — Amelia não pode evitar a pequena provocação e, por mais que sua fala saísse disfarçada, viu Lothar se segurando para não rir ao lado do irmão.

Gerda, que estava atrás da filha, lhe deu um cutucão discreto nas costas.

— A senhorita precisa me contar sobre a fama que corre sobre mim na cidade — Levin em nenhum momento desviou o olhar intenso dela ou diminuiu seu sorriso de canto. — Meus irmãos são modestos demais para compartilhar comigo os rumores.

— Ora, tenho certeza de que as histórias verdadeiras são melhores que as especulações.

— Eu não me compararia a Siegfried[7] em nenhum aspecto, mas suponho que tenho uma ou duas aventuras para contar em algum momento.

— E algo como Tannhäuser[8] também, imagino? — ela

perguntou, tomando o cuidado de não deixar o seu tom de voz soar como uma crítica, pelo conteúdo que tal poeta era adepto de escrever.

A menção à lenda da Baviera provocou reações mistas nos presentes na sala. Liesel foi a única das que estava prestando atenção ao diálogo do casal que não entendeu por que alguns dos presentes coraram.

A tensão foi quebrada pelo Besser mais novo.

— Comida, mamãe — Ludwig gritou e foi correndo para a sala de jantar ao ver as *Mägde* trazendo os pratos. Todos na sala, com exceção do noivo de Amelia, pareceram aliviados pela interrupção.



— Foi a senhorita que cozinhou, Amelia? — Levin quebrou o silêncio,

após eles terem se ajeitado na mesa e a refeição da noite começar a ser servida.

Ela notou que ele aproximava os lábios de seu ouvido, o mais próximo que o decoro permitia, quando ia falar, e notou também o quanto ficou arrepiada com o gesto.

Um olhar de relance para a mesa onde estavam seus pais mostrou que, incrivelmente, todos tinham engajado em uma conversa e não estavam mais fitando-os.

Com certeza a motivação do seu noivo com aquela aproximação não era falar baixo.

— Minha mãe é muito possessiva com a cozinha dela — ela respondeu — Não me deixaria responsável por uma refeição tão importante.

— Ela não confia nas suas habilidades para cozinhar? — o canto da boca dele se curvou num sorriso.

— Claro que confia — ela respondeu, meio ultrajada com a ousadia do Besser — entretanto, gosta de ter um espaço da casa que seja só dela.

— Não preciso me preocupar com a famosa troca do sal pelo açúcar que os recém-casados tanto comentam, então? — o assunto parecia diverti-lo e a imagem mental de Leona dizendo que, sem querer, fez uma sopa extremamente doce para Franz, veio imediatamente na mente de Amelia, fazendo ela rir.

— Se você se comportar, não — ela respondeu com a mesma ousadia dele.

— Ora ora, acha que é inteligente ameaçar um soldado, *Fräulein* Hohl?

— O soldado em questão fará um juramento perante Deus para me proteger daqui a algumas semanas, então acho que estou segura — Amelia costumava guardar suas pequenas piadinhas para seu círculo íntimo, mas Levin de alguma forma fazia com que ela não conseguisse ficar quieta. Sempre tinha sido assim. Era incrível o efeito que ele tinha sobre a moça.

— A senhorita tem um ponto — ele se reclinou novamente na cadeira, um pouco mais longe dela, e levou a caneca à boca, tomando um gole generoso de sua cerveja. Quando terminou de esvaziar sua caneca, estendeu a

mão para a que fora enchida para ela e tomou um gole também.

— Ei — Amelia protestou — isso é meu.

Levin passou o seu copo de água, que ainda estava intocado, para o lado dela.

— Sei que não gosta de beber. Fique na água.

— Como sabe disso? — a moça fez um beicinho, involuntariamente — Talvez hoje eu quisesse.

Levin arqueou a sobrancelha para ela, que suspirou em derrota.

— Está certo, eu não ia beber. Leona andou te contando sobre meus gostos?

— Você me contou, Amelia, aquele dia que nos encontramos no comércio central pela manhã. Não se lembra?

Amelia empalideceu.

Não é que não lembrasse desse dia. Mas preferia se ocupar com lembranças bem mais agradáveis do que essas. Para começar, naquele dia tinha acordado mais cedo que o normal e isso contribuía para seu desgosto com a vida. Já não bastasse estar desperta imediatamente no nascer do sol, sua mãe a encarregou de buscar doces especiais para Ulrike no centro, pois a amiga passaria o dia em sua casa e, de acordo com Gerda, era um absurdo receber uma amiga despreparada. Amelia até tinha argumentado que Ulrike praticamente morava com elas, mas o espírito hospitaleiro da mãe não aceitou discussões.

O problema era que os melhores comércios de doce ficavam numa parte muito específica às margens do rio Reno, onde, coincidentemente, algumas tavernas de reputação duvidosa estavam instaladas.

Não eram como as do distrito vermelho, porque, nesses casos, sua mãe não a deixaria pisar a dez metros do local. Eram mais sofisticadas e discretas, onde trabalhavam mulheres que tinham até alguma classe, se você observasse com certo discernimento.

Era, também, o lugar de onde ela havia visto Levin sair de braços dados com duas mulheres de camisola, bebendo cerveja e dando beijos tão obscenos

nelas que Amelia pensou que cairia dura ali mesmo. Ela não era sua noiva ainda, mas isso não a impediu de dizer boas palavras para o homem sobre como não gostava de bebida forte e que achava o comportamento dele desprezível.

Agora, olhando para ele sabendo que seria sua esposa, não sabia como encarar sua atitude. Se houvesse alguma regra quanto a isso no manual da igreja para casais, ou se houvesse ao menos algum manual para casais, se desculparia. Não de bom grado, mas faria.

— Acho que eu disse mesmo — ela preferiu ir pelo lado seguro.

Levin, contanto, não estava com vontade de dar a conversa por encerrada.

— Não se preocupe, quando nos casarmos, não agirei mais desse jeito — o homem lançou a Amelia um olhar sério.

— Não tenho direito de lhe pedir isso — ela mordeu o lábio.

— Eu sei. Mas estou oferecendo mesmo assim. — ele deu outro gole — Meus pais me ensinaram como tratar minha esposa e garanto que não farei nada deliberadamente para desonrá-la.

— Eu agradeço, *Herr* Besser. Mas acredito que as mulheres com quem o senhor teve seus... — ela hesitou, buscando uma palavra — suas aventuras, também mereciam ser tratadas com honra, não?

— Por favor — ele franziu o rosto — *Herr* Besser é meu pai. Me chame de Levin.

— Levin — Amelia testou a palavra saindo dos seus lábios e sendo dirigida a ele. O sorriso satisfeito que o homem lançou para ela era um indicativo que ele gostava de como soava. Ela tentou não medir suas próprias reações ao sorriso dele. — Pode me chamar de Amelia, então. — O conde não fez objeções.

— Eu aprecio seu senso de honra em relação a mim — ela gostaria de ter insistido no assunto das mulheres, mas Amelia sabia que certas batalhas eram travadas inutilmente — Sei que não poderia me opor caso quisesse ter uma amante, mas agradeço a consideração. — Era verdade, Amelia se deu conta. Definitivamente preferia a alternativa de que ele não tivesse relações

extraconjugais — Garanto que darei meu melhor para suprir as expectativas de uma boa esposa. E, caso Deus nos abençoe com tal, uma excelente mãe para seus filhos. Se há algo que eu faço com maestria, é cumprir meus deveres.

Ela esperava que ele só concordasse e deixasse isso para lá, mas o que ele disse a seguir deixou uma sementinha de dúvida na mente dela por muito tempo.

— Só seja você mesma — e Amelia podia jurar que viu um brilho nos olhos de Levin quando ele disse isso — É o suficiente.

A moça não tinha resposta para aquilo, então focou toda sua atenção em terminar o ensopado que estava a sua frente e viu que seu noivo fazia o mesmo, a única diferença era que ele não demonstrava a mesma inquietação.

Amelia não conseguia imaginar o que tiraria Levin do sério. Talvez Leona, apesar de ela desconfiar que ele no fundo gostava das implicâncias da irmã.

Incapaz de suportar o silêncio por mais tempo, especialmente ao perceber que sua mãe e a sogra cochichavam enquanto olhavam em sua direção, Amelia decidiu agir. Lothar, de modo mais contido, encarava o irmão com reprovação. Ele, por sua vez, apenas respondia com um olhar divertido, o que levou Amelia a sentir-se responsável por amenizar a situação.

— Você sabia que há uma espécie de animal exótico chamado pavão em cuja espécie são os machos que se exibem para receber o cortejo da fêmea? — ela disse a primeira coisa que julgou ser interessante e arregalou os olhos ao ver a reação dele.

Amelia podia jurar que o viu se engasgar, muito de leve, diga-se de passagem, com a bebida, mas se recompôs rapidamente. Ponto para Amelia.

— Por Deus — ele clamou, rindo — Por que eu saberia de algo assim, Amelia?

— Não saberia — Ela segurou a língua para não o repreender por ter usado o nome de Deus em vão — Por isso achei de bom tom fornecer esse fato curioso para você. Não é fascinante?

— Realmente — ele concordou. A moça viu pelo canto dos olhos que suas famílias, ao perceberem que a conversa fluía entre eles, voltaram suas atenções à própria mesa — Embora me preocupe um pouco sua animação com fatos tão destoantes de nosso modo de vida.

Amelia sentiu de novo o rubor se apoderar de sua face, dessa vez por achar que estava sendo repreendida.

Entretanto, ao encarar o noivo, percebeu que era tudo motivo de humor para ele. Isso deu a ela uma confiança para entretê-lo mais.

— Ora, é tão absurdo que se chega a ser cômico, se quer saber. Se fossemos pavões, teríamos esperado a sua descida para a sala hoje, e não a minha. — Ela disse, testando trazer mais do humor que reservava para as amigas e ficou satisfeita vendo as intenções de Levin de continuar o tom da conversa.

— Aposto que você adoraria isso, não? — ele riu, molhando o pão no caldo para se servir de outra fatia.

— Me parece uma boa troca — Amelia assentiu com vigor, um sorriso exagerado se formando nos lábios. Ela aproveitou para fazer uma anotação mental sobre o apetite admirável que Levin tinha, em contraste com as poucas porções de comida que ela própria tinha consumido.

— Não se preocupe — Os olhos de Levin dançavam de diversão e seus ombros balançavam levemente com o riso baixo que ele dava com o diálogo entre eles — Se desejar, quando estivermos em nossa residência em Handschuhsheim te acompanharei a quantos eventos sociais quiser, caso pretenda me exibir como um pavão.

A risada que Amelia deu não foi forçada e ela teve que colocar a mão na boca para não atrair atenção das famílias para si.

— Devo considerar que será um compromisso oficial então?

— Me considere confirmado.

Aquilo parecia um plano para Amelia e ela não pôde deixar de se animar com a possibilidade de que ela e Levin Besser estavam planejando o futuro.



03

“Com sabedoria se constrói a casa, e com entendimento ela se fortalece”

Provérbios do Rei Salomão 24:3

Levin estava inquieto e começando a se irritar facilmente com aqueles ao seu redor por causa do seu excesso de sono. Normalmente, era mais tolerante com as pessoas da corte e lidava bem com as noites sem dormir. Mas ali, depois de ter viajado quase um dia completo a cavalo depois de dias agitados na casa de seus pais e ter se dirigido direto para a corte por algo que ele sabia ser um puro capricho do rei, estava no seu limite.

A imagem de sua cama o esperando era o que fazia ele suportar as falas do menino, uma de cada vez. O menino, sim, Levin deu a si mesmo o direito de chamar ele assim em sua cabeça, já que ele era um pouco mais novo que o Besser e bem mais liberal que Maximiliano.

Levin gostava de Maximiliano, o avô de Carlos. O homem tinha mais tempo de governo quando Levin foi trabalhar para ele e, portanto, tinha experiência.

O antigo imperador romano-germânico era ousado, mas recatado. Levin gostava de ouvir a história de como ele conseguiu consentimento do Papa Júlio II para quebrar a tradição de coroação papal para receber o título, que já era dele por direito de eleição.

Carlos, por outro lado, tinha uma ousadia diferente. Levin sabia que ele tinha sido tutorado por Guillermo de Croÿ, seu atual primeiro-ministro, e Adriano de Utrecht, a quem rumores apontavam que seria o sucessor do Papa Leão X. Sendo assim, ele desejava e vivia de acordo com a cultura e a vida cortesã dos Países Baixos.

O imperador tinha os ideais dos cavaleiros medievais e o desejo de combater infiéis. Levin respeitava a primeira coisa e achava a segunda, assim como o todo da religião, uma grande perda de tempo.

— Ele emitiu outra de suas chamadas teses — O homem disse com

desdém, sentado no trono.

Outro hábito que Levin achava irritante em Carlos era que o homem não dava indícios de que ia terminar seus estudos de alemão, portanto ele tinha que gastar energia conversando com o rei em francês. Uma vez, Levin o ouvira dizer que falava latim para Deus, italiano para mulheres, francês para homens e alemão para seu cavalo. O Besser achava uma tremenda estupidez tratar com desprezo a linguagem dos cidadãos do império que governaria.

— Fui informado — Levin respondeu, deixando-o direcionar o assunto.

— Essa causou mais tumulto do que as outras. Isso é ultrajante. Nosso império e a santa igreja ensinaram aquele homem a ler, orientamos ele nos caminhos do Senhor e é assim que ele nos retribui? Desafiando nossa autoridade e rompendo com os homens de Deus na terra?

— O que torna essa tão especial, *Eure Majestät*[9]?

— Um bando de baboseiras que vai afrouxar a consciência das pessoas. — Levin pôde ver uma veia saltar para fora do pescoço de Carlos quando este falou. A pele do homem, que nunca fora muito adepto ao hábito de caminhar no sol, tinha adquirido uma cor que muitos na corte julgavam ser quase transparente.

— *Majestät*, preciso lhe falar com franqueza — Levin se aproximou com cautela — Sabe como me sinto em relação a trabalhar com assuntos religiosos, porém mesmo assim o faço pois tem minha lealdade. Mas, se quiser que eu ajude, preciso saber a verdade e não a versão oficial que o povo conhecerá.

Carlos suspirou e Levin aguardou por uma resposta. Não sentia pena do homem por ser muito jovem e ter que lidar com tais levantes rebeldes logo no seu reinado, tinha plena convicção de que o imperador era apto para o trabalho, visto que tinha sido preparado desde a infância para isso.

Entretanto, nem todos os ensinos do mundo são capazes de trazer maturidade antes do tempo para alguém e Levin sabia que esse era o mal de Carlos.

O imperador havia subestimado o tamanho do problema desde o primeiro momento.

“É só um louco com ideais de grandeza”

— Levin lembrava que essas foram as palavras exatas de Maximiliano após as primeiras notícias que tiveram de Martinho Lutero em Wittenberg. Carlos reiterava o discurso do avô.

E não era só Carlos que tinha o subestimado, mas também toda Roma. Agora isso estava voltando para assombrá-los.

— Existem... — ele pausou por um instante, calculando suas próximas palavras — verdades no que o rebelde diz — Carlos continuou com a expressão fechada — Verdades que não podemos deixar as pessoas acatarem.

Levin aguardou, dando a ele um olhar sugestivo. Carlos conhecia o homem, então sabia que o conde queria mais fatos, e tê-lo ao seu lado era precioso demais para não ceder às vontades do Besser.

— As indulgências talvez não tenham o valor que fizemos o povo acreditar que têm. Mas você já deve saber disso.

Levin deu de ombros. Aquilo não o afetava, então fazia vista grossa.

— Alguns rituais religiosos — Carlos se apoiou nas mãos, se reclinando sobre o trono — também não — Isso captou a atenção do Besser.

— O que isso significa? — ele perguntou, tentando não demonstrar sua mudança de interesse.

— Um representante do pontífice está chegando para dar mais detalhes. E, antes que pergunte — se antecipou, vendo que o homem estava prestes a interrompê-lo — não tenho autorização de compartilhar tudo. Mas, aparentemente, há algumas interpretações sobre a relação do homem com Deus que não envolvem o bom comportamento — Carlos deu uma risada seca — Como se o povo precisasse de mais um motivo para andar de forma desordenada.

— É disso que têm medo, *Majestät*? Desordem?

— Ninguém está com medo Levin — o imperador ajeitou sua postura e, com esse gesto, Levin sabia que estava mentindo — Mas que mensagem isso passa ao povo? Se um questionar, o que impede o restante de colocar à prova a autoridade de toda nossa Igreja? E aí não seriamos diferentes dos pagãos, ou pior ainda — seu semblante agora era de repulsa — dos bárbaros.

— É desordem que teme, Majestät? — Levin ergueu uma sobrancelha.

Durante os momentos que Carlos falava, Levin notou a cautela excessiva nos olhos do imperador. O país havia sido atormentado nos séculos anteriores por fomes, pragas e revoltas devastadoras, que haviam se alastrado como fogo, corroendo cidades e impondo caos e destruição. Para os que governavam, o medo de um novo surto parecia nunca ter sido esquecido. Levin, no entanto, encarava tudo isso com um desprezo velado. Conhecia as histórias, mas para ele, essas preocupações eram distantes, quase supersticiosas, um reflexo de uma era de terrores passados que não deveriam sufocar o presente.

— Sei que não aprecia a religião como eu — Carlos fazia um esforço para não responder de forma direta a pergunta do conde — mas imagine as consequências se as pessoas achassem que entrar no céu é fácil? A Igreja, os Santos, os Sacramentos, tudo isso perderia a importância.

"Ou passariam a valorizar mais por gratidão" Levin pensou, mas não era sua função externalizar aquilo. Seu trabalho era garantir que a visão do rei para o império fosse seguida.

Então só assentiu, o que pareceu deixar o imperador satisfeito.

— Dito isso — ele bateu uma palma — passemos a assuntos mais alegres. Eu confio que os acertos para o noivado tenham sido satisfatórios?

— Sim, *Majestät* — Levin balançou a cabeça, e seu rosto foi tomado por contentamento — Dentro de algumas semanas voltarei à Speyer para a cerimônia.

— Os últimos arranjos em Handschuhsheim ficarão prontos até a chegada da Condessa?

— Eu mesmo estou supervisionando os trabalhos — Levin garantiu e Carlos deu um sorriso satisfeito.

— Ótimo, não gostaríamos que a sua futura esposa chegasse no distrito com a casa menos que impecável. — O canto da boca dele se curvou — Apresente-a formalmente à corte quando estiverem estabelecidos — Levin sabia que não era um pedido — Estarei esperando para conhecê-la.

O Besser só assentiu novamente, sem vontade de se demorar mais.

Carlos notou a impaciência do homem e, como já tinha o colocado a par do que precisava, resolveu se apiedar dele.

— Está dispensado, *Graf*. — Levin se curvou em reverência — Fique por perto. Posso precisar.



Um mensageiro o encontrou na saída do palácio a mando de

Frau[10] Schielen, sua nova governanta, para avisá-lo de que seu irmão estava esperando por ele na casa e tinha pedido por uma reunião.

A visita surpresa não era tão inesperada assim, já que ele sabia que Lothar tinha negócios na cidade e estaria de passagem por alguns dias. Mas isso não impediu Levin de ranger os dentes ao imaginar que não poderia só chegar em casa e dormir.

— Boa noite — ele cumprimentou ao entrar no seu escritório, onde o irmão estava o esperando. A *Frau* tinha informado para Levin de tudo que havia servido ao mais velho dos Besser e no quanto tinha sido receptiva, ansiosa para agradar o patrão. Ela fez bem em imaginar que eles ficariam mais confortáveis num ambiente mais privado.

Levin encontrou Lothar sentado em um dos sofás no canto mais afastado, próximo à janela. O cômodo era amplo, o que permitia que houvesse espaço suficiente para sua escrivaninha no meio e dois ambientes menores ao redor, com poltronas e mesinhas de centro.

Totalmente adequado para conversas que não precisassem ocorrer com separações tão formais ou com hierarquia entre ele e as outras partes envolvidas.

— Irmão — Lothar se levantou e colocou os papéis que estavam na sua mão no balcão ao seu lado. Ele se aproximou de braços abertos enquanto Levin fazia o mesmo na sua direção. — O Conde de Handschuhsheim. É uma bela residência que você tem aqui.

O mais novo riu. Seu irmão deu uns tapinhas em suas costas como gesto cordial e quebrou o abraço para respondê-lo.

— Fico feliz que meu gosto imobiliário tenha te agradado. Minha cunhada veio com você?

— Deixei ela na estalagem. Estava muito cansada e não queria incomodá-lo vindo para cá durante o período que as coisas ainda estavam se ajeitando.

— Lothar, você sabe que nem você nem Heidi seriam incômodos nenhum. — Levin respondeu, servindo a ele um copo com *aqua vitae*[11], que o outro aceitou de bom grado.

— No fundo, sei que ela só não queria estrear a casa antes da futura condessa — ele respondeu, dando um sorriso brincalhão para o irmão.

Levin retribuiu, indicando as poltronas para se sentarem. Tinha certeza de que Heidi fizera Lothar ouvir muitas de suas regras de etiqueta social.

— Muito previsível. *"O que acha que somos? Animais? Não ousaria desrespeitar a casa de Amelia dessa maneira"* — ele tentou uma imitação da cunhada e ambos riram.

— Exatamente. Para você ver que, não importa o quanto tenha trabalhado e pagado pelo imóvel, a casa será sempre de Amelia para elas.

Levin ergueu seu copo.

— Um brinde a essa verdade.

Os dois ficaram em silêncio apreciando a bebida por uns momentos, até Lothar encarar seu irmão, tentando decifrar com antecedência a resposta que ele daria para a pergunta prestes a sair de seus lábios.

— Está feliz, irmão? — o mais novo suspirou e tomou mais um gole antes de responder.

— Amélia será uma boa esposa.

— Não foi o que eu perguntei.

— Ela é... —Ele pensou cuidadosamente nas suas próximas palavras —... fascinante. Não sei como explicar. Tem algo nela que me encanta

profundamente. Eu não me casaria com mais ninguém, sabe disso.

— Sei — Lothar concordou — Você deixou isso bem claro para mim e para nosso pai várias vezes. E, assim como eu, ele também está muito feliz com sua escolha. Então qual o problema?

— Amelia pensa no casamento como uma obrigação. Tenho certeza disso. E não foi assim com ninguém de nossa casa. Tenho receio de estar me prendendo pelo resto da vida a algo estático — Levin se reclinou em sua poltrona após seu pequeno desabafo.

— Levin, Levin... você nos faz até ter dó de você — Lothar riu e o mais novo olhou para ele de cara feia.

— Está me zombando?

— Sim — ele sustentou — Para um homem tão inteligente, você é bem burro às vezes.

— Vou te dar um momento para se explicar, caso contrário, terei que dar a notícia à Heidi de que ela não poderá ter meus sobrinhos.

— Então ela te privaria de ser pai do mesmo modo — Lothar continuou a rir, imaginando a cara de zangada de sua mulher. — Felizmente, não será necessário. — Ele se recompôs ao ver que a expressão do irmão não tinha melhorado. — Levin, você é um Besser. Os homens da nossa família fazem tudo excepcionalmente bem e conquistar mulheres não é a exceção. Tenho certeza de que pode deixá-la louca por você, assim como você é por ela.

— Não sou louco por ela — ele retrucou.

— Ah não? E como você chama não tirar uma mulher da cabeça desde o momento que ambos entraram na mocidade?

Levin deu de ombros, tentando transparecer indiferença. Seu irmão o conhecia bem demais para se deixar levar por aquilo.

— Você é inteligente, rico, tem uma boa posição e há rumores até de que você é bonito — Lothar deu um soco de leve no braço do outro Besser — E, pelo que ouvi na corte e nos bordéis — ele ressaltou o último local — você sabe muito bem disso.

— Não há como negar — Levin respondeu, com um sorriso presunçoso

— Elas me adoram.

— O que me lembra — o semblante de Lothar ficou mais sério e ele se ajeitou na cadeira. Tinha algo que precisava deixar bem definido com seu irmão — Preciso que me prometa algo.

— O que é? — o mais novo imitou o movimento, logo perdendo os resquícios de brincadeira de seu rosto.

— Tem até o casamento para lidar com suas aventuras — Lothar falou bem devagar — Após isso, Amelia é sua esposa e merece ser respeitada, ouviu? Tem que prometer, pelo bem de nossa família, que não trará nada daquilo para seu matrimônio.

— Por Deus, irmão, quem pensa que sou? — Levin se levantou, ofendido pelo assunto e devolveu seu copo com força na mesa. O barulho o fez ter certeza de que o vidro tinha trincado — É claro que não desrespeitarei minha mulher dessa maneira. Nossa mãe me ensinou melhor que isso.

— Ei — Lothar levantou as mãos em forma de rendição — Só queria que ficasse claro entre nós. Eu não tinha dúvidas, mas Leona manifestou sua preocupação e eu garanti a ela que conversaria com você.

— Leona veio falar com você sobre isso? — ele revirou os olhos. Queria dizer que não acreditava que a irmã fosse tão intrometida, mas, conhecendo ela, aquela não era uma atitude inesperada. E, outra coisa o incomodava — Agora minha própria irmã não confia em mim, ótimo — Não pôde evitar o tom sarcástico.

— Ela veio a mim como amiga de Amelia, e não como nossa irmã. Além disso, disse que a moça viu você sair embriagado de uma taverna. Por amor de tudo que é sagrado, é inadmissível que sua futura esposa tenha tido que presenciar isso.

— Nós não éramos nem noivos ainda — ele tentou se defender, mas, no fundo, concordava com o irmão.

— Espero que tenha se desculpado com a moça — o irmão disse em tom de ordenança.

— Fiz. E garanti a ela o mesmo que estou garantindo a você aqui.

— Muito bem — Lothar se levantou, disposto a sair e a encerrar o

assunto, totalmente convencido da verdade nas palavras do irmão. Eles tinham essa relação de honestidade e não havia indícios de que algo havia mudado.

Levin odiava quando essas situações aconteciam. Lothar era o mais velho e isso inspirava respeito, mas se sentia como uma criança todas as vezes que o irmão usava essa autoridade. Sabia que ele não fazia com essa intenção, só estava cumprindo seu dever de garantir o bem-estar de todos, mas o conde não conseguia evitar o sentimento. Tudo que lhe restava era tentar seu melhor para não agir como um menino mimado nesses casos.

Era o conde de um distrito agora. Um homem de confiança na corte de Carlos V, responsável por várias propriedades e, em breve, esposo. Suas atitudes deveriam refletir essa base.

— Não devo tomar seu tempo mais — Lothar estendeu as mãos e, quando o irmão foi apertar, o puxou para um abraço — Traz muito orgulho para nosso nome, irmão.

— Mande meus cumprimentos a Heidi — Levin nunca sabia como responder ao modo de Lothar de ser afetuoso após as conversas sérias.

Por sorte, o mais velho entendia perfeitamente.

— Mandarei. Tomaria o desjejum conosco amanhã? Vamos partir logo após.

— É claro — ele acenou com a cabeça, indo abrir a porta — Mande me informar o local, que será um prazer acompanhá-los.

— Ah, e Levin? — o homem se virou após já ter passado pela soleira — Se quer agradar sua noiva, é melhor tratar seu terço melhor — ele apontou para o objeto que estava jogado embaixo da escrivaninha do irmão.

— Acho que posso me virar muito bem sem colocar Deus no meio, Lothar — ele arqueou as sobrancelhas. — Funcionou muitas vezes com minhas conquistas, te garanto.

— Eu não contaria com isso — o irmão abriu um sorriso.

— E por quê?

— Porque agora você está se casando com a filha dele.



— Quer parar de andar de um lado para o outro, Ulrike? Você está me deixando tonta — Amelia levantou ligeiramente a cabeça de seu travesseiro para fitar a amiga.

Ulrike não era do tipo que conseguia ficar parada por muito tempo para conversar. Ou para fazer qualquer atividade. Desde que eram crianças, a amiga sempre exibia machucados na testa, resultados de esbarrar em pilares por ler enquanto andava. Conforme ela foi crescendo, em nome do decoro e da vaidade, ela tentou diminuir a atividade e, quando não conseguia, bem...

Produtos de beleza faziam maravilhas, apesar de serem bem nojentos, na opinião de Amelia.

— Eu é que estou ficando tonta com todos esses eventos emocionantes — a moça exclamou, mas cedeu ao pedido de Amelia. A ruiva agia como se tudo que a amiga estivesse lhe contando fosse parte de um grande enredo de um livro romântico — Como assim só seja você mesma? — ela deu muita ênfase à palavra “só”.

— Se eu soubesse, teria te dito. Te contei só o que ele disse justamente para entender — A Hohl revirou os olhos.

— Ainda acho que deveríamos chamar Leona para essa conversa.

— Já disse que não quero colocar Leona nessa posição — Amelia reafirmou — A coitada já tem muito o que se preocupar para ficar lidando com as estupefarias do irmão.

Amelia viu Ulrike franzindo os lábios, claramente segurando o riso, e depois se dirigindo a ela com todos os seus esforços para fazer uma cara de sobriedade.

— Eu tenho duas perguntas — ela disse, e a outra apenas ergueu as sobrancelhas indicando para que continuasse.

— Estupefarias? Sério, Amélia? Tenho certeza de que essa palavra não existe.

— Por falta de palavras melhores para descrever.

— Bobagens, estupidezes, tolices... — ela estava pronta para disparar mais algumas, mas, ao ver a cara de brava que Amelia lhe lançou, achou melhor não continuar a lista.

— Próxima pergunta — a moça pediu.

— É um pedido, na verdade — Ulrike disse — Se algum dia eu ficar viúva, não deixe ninguém me chamar de coitada.

— Ulrike, que palavras horríveis — Amelia franziu a testa para a ruiva.

— Estou falando sério! — ela exclamou, se levantando — Tenho certeza de que Leona não aprecia os olhares de pena que lançam para ela. Se eu estivesse no lugar dela, odiaria que até minhas amigas próximas me vissem como uma coitada.

A forma como ela falou aquilo fez Amelia pensar no assunto por uns instantes. Fazia sentido. Leona raramente tocava no assunto da viuvez e, quando mencionava o marido, era sempre relembrando o quanto tinham sido felizes. Quando lembrava dela e de Franz, só sentia dó por terem se separado muito cedo e pesar pela amiga, coisa que a própria não parecia sentir.

A Hohl se recordou de que, dias após Leona estar em prantos e inconsolável no funeral, ela tirou as roupas de luto e apareceu em sua casa para tomarem chá.

Amelia ficou com medo de perguntar, mas Leona percebeu o seu constrangimento e disse simplesmente:

“Franz me disse uma vez que nunca se perdoaria se fosse a razão das minhas lágrimas”.

— Agora, de volta ao irmão da tal — Ulrike retornou ao assunto anterior, se sentando na beira da cama de Amelia. Ficar de pé só era divertido quando estava em movimento — Note como ele não brigou pelo seu ataque de ciúmes no centro.

A velocidade com que Amelia se sentou na cama foi admirável.

— Não foi um ataque de ciúmes, Ulrike — ela cruzou os braços, como uma criança emburrada.

— Sim, claro — a moça desconversou com as mãos — Você se achou no direito de confrontar o pobre homem. Por quê?

— Achei que era minha obrigação como serva de Deus repreender o pecado dele — A Hohl evitou contato visual com a amiga ao dizer isso.

— E por que quando viu o duque Von Mecklenburg dando flores para sua amante, você pediu para nos escondermos atrás dos barris de cerveja e sairmos de fininho?

Amelia não tinha resposta para essa pergunta e Ulrike se deu por satisfeita.

— O meu ponto é que, talvez você não seja indiferente a Levin como gostaria — a futura condessa sentiu uma vontade súbita de colocar um travesseiro no rosto de Ulrike, qualquer coisa para calá-la — E talvez o conde queira ser seu marido. Em todos os sentidos da palavra.

Aquilo ficou reverberando em Amelia. Estaria mentindo se dissesse que nunca tinha pensado sobre a primeira afirmação da amiga, ou sonhado com a segunda nos seus momentos de fraqueza. Porém, ambas as possibilidades eram trabalhosas demais. Ela já tinha muito o que se preocupar, como o destino iminente ao inferno de sua alma.

— Essa alternativa é ainda pior, minha amiga — a futura condessa respondeu, derrotada.

— Amelia — Ulrike se aproximou e cobriu as mãos da amiga com as suas — Já conversamos sobre isso. Talvez você esteja levando as coisas muito ao extremo. Perceba que as pessoas não tratam a religião de modo tão radical como você.

“Se todo mundo está indo para o inferno, eu deveria apenas segui-los?” ela pensou, mas não colocou para fora, porque isso também chatearia Ulrike, pois infelizmente, via a amiga inclusa nesse grupo.

Amelia, naquele momento, desejou que Deus não existisse, que essa tirania toda acabasse e que ela pudesse ter um pouco de paz. Ele criava regras impossíveis de cumprir e depois os punia por não atingirem o padrão alto de perfeição que Ele exigia.

Mandou Jesus Cristo para mostrar, através dos seus sermões, que era

ainda mais difícil entrar no céu e estipular um monte de novos padrões de comportamento que absolutamente ninguém conseguia estar à altura.

Toda vez que ela olhava para sua capacidade, tinha vontade de desistir. De que adiantava lutar tanto por um Deus que não a amava suficiente para ajudá-la?

Parecia que ela estava se pendurando na mão de Deus, se segurando com seus músculos (e Amelia não tinha muitos), quando tudo que Deus tinha que fazer era segurá-la de volta e ela ficaria segura. Mas nem esse mísero esforço ela recebia do Soberano.

A moça interrompeu sua linha de pensamento, porque, caso contrário, iria chorar na frente de Ulrike. Sentia o peso de seus pensamentos, uma espécie de ousadia quase blasfema.

— Está tudo bem, vai dar tudo certo dessa maneira, você vai ver — ela apertou a mão da amiga, na esperança de reassegurar a ela e a si mesma.

— Me prometa que vai aceitar a felicidade, Amelia.

— Eu prometo — ela mentiu. Se confessaria mais tarde, garantiu para si mesma. Queria encerrar o assunto e sabia que o que Ulrike pedia não era uma opção.

Deus não queria que fossem felizes. Queria que fossem santos. É isso que a ensinaram, é isso que era a verdade da palavra. E sair disso era buscar largueza.

O desejo ardente por felicidade que Amelia tinha teria que ficar para trás.



04

Parte 1

“Essa noite está brilhando, não a deixe passar”

Enchanted - Taylor Swift

[Baile dos Friedrich - Muitas estações antes]

— Ulrike, fique quieta — Amelia repreendeu a amiga, que ficava se remexendo no banco da carruagem e com toda a certeza, pisando na barra do vestido da Hohl. Se fosse Leona, aquilo não incomodaria nem um pouco, mas ela sabia que Ulrike tinha os sapatos cheios de terra, por ter contrariado as instruções da mãe de Amelia que dissera a elas claramente para ir pelas pedras.

— Sabe que não consigo — a amiga respondeu, mas começou a evitar tocar a loira ao fazer algum movimento — Tenho muita energia concentrada.

Amelia revirou os olhos. Ambas tinham praticamente dado um chilique para convencer suas mães a se arrumarem e a irem juntas para o seu primeiro baile. Não estavam se aguentando com tanta animação, mas Ulrike se superava, pois nenhuma posição sentada dentro do interior da carruagem era o suficiente para contê-la.

A Hohl nem mesmo encostava no banco, mantendo a coluna ereta numa posição que estava perto de ser dolorida, com medo daquilo estragar seu cabelo de alguma maneira. Era um período de chuvas em Speyer e isso fazia com que os fios de Amelia se comportassem de maneira engraçada, como se estivessem arrepiados. Ulrike dizia que os dela tinham o mesmo problema, mas não parecia se importar com isso.

Leona as encontraria no baile e depois as três iriam dormir na casa da menina mais velha. Esta, por sua vez, já tinha começado a ir às festas e não

achava elas mais tão interessantes assim, preferindo programas em sua residência sempre que era possível.

Amelia e Ulrike franziam o nariz para isso, afirmando que nunca chegariam a tal ponto.

Na carruagem à frente, estavam os pais das moças, madame e *Herr* Neumann-Böning junto a Gerda e Rolf, que desceram primeiro e esperaram as duas na frente do casarão dos duques.

A duquesa Friedrich era famosa por suas festas extravagantes, como um meio de ostentar riquezas. Com seus filhos todos casados e longe da cidade, a mulher tinha tomado para si o passatempo de prover entretenimento para os habitantes de Speyer, não poupando recursos para isso.

Ela também era responsável pelas melhores festas no Natal, Páscoa e as quermesses organizadas pela Igreja.

Amelia se perguntava se o padre tinha ideia de como os bailes se desenrolavam quando não tinham um propósito religioso, como o daquela noite. As regras de comportamento da catequese raramente eram seguidas. Mas sua animação era tanta que ela empurrou o pensamento para longe.

— Estou tão empolgada — Ulrike falou, entrelaçando os braços com os da amiga enquanto subiam as escadas da entrada — Parece o ambiente propício para se compor um *Minnesang*[12].

A boca de Amelia se torceu. Apesar de concordar que o lugar, a decoração, a movimentação de pessoas e a música que conseguiam ouvir antes mesmo de entrar no salão, fossem boas fontes de inspiração às poesias líricas, ela própria não tinha afinidade por esse tipo de literatura, sempre optando por seus livros com relatos precisos sobre a flora.

Para histórias fictícias, seu gosto chegava no máximo até a categoria de fábulas.

As hagiografias de santos e mártires também estavam ganhando seu lugar nas metas de leitura da menina, mas, embora odiasse admitir, trocava qualquer oportunidade que tivesse de ler essas obras pelas de natureza, fossem elas em animais falantes ou apenas descritivas.

— Lembrem-se do que as ensinamos — Gerda e madame Neumann-

Böning estavam de frente para as filhas, dando as últimas instruções antes de adentrarem o salão.

Amelia fez uma careta quando a mãe olhou ao redor e, discretamente, usou a própria saliva para arrumar a sobrancelha da filha.

— Mama — ela repreendeu — que nojo.

— Bobagem — a mulher deu de ombros — as pessoas fazem isso mais do que gostam de admitir.

— Estão prontas? — a mãe de Ulrike perguntou e as duas meninas assentiram com a cabeça — Vão em frente, então.

Seus corações estavam palpitando com uma mistura de excitação e nervosismo. O salão, iluminado por candelabros de cristal, era um mar de luzes cintilantes e cores ricas. Tapeçarias bordadas cobriam as paredes, e arranjos florais exuberantes em grandes vasos espalhavam um aroma suave de flores frescas e especiarias no ar.

O calor do salão envolveu-as como um abraço quente, e o som das conversas em murmúrios baixos misturava-se com o alaúde que preenchia o ambiente. As duas amigas avançaram, sentindo o tapete suave sob seus pés.

Elas observavam de olhos arregalados os detalhes dos convidados, todos em seus melhores trajes, bebendo espumante em pequenas taças de cristal, até que ouviram uma voz familiar chegando até elas no canto do salão a que se dirigiram.

— Meninas — Leona vinha até elas com um sorriso de orelha a orelha e de braços abertos para cumprimentá-las. Quando fossem mais velhas, com certeza não seria adequado demonstrar tanto afeto em festas públicas, mas eram recém-saídas da infância, portanto as pessoas ao seu redor davam a elas alguma clemência.

— Está linda, Leona — Amelia foi a primeira a falar ao soltarem do abraço da amiga. — Roxo lhe cai muito bem.

— Obrigada! Foi um presente de Lothar. Ele foi buscar Levin no campo de treinamento e encontrou um comerciante no caminho. Parece que foi feito para mim, não? — A Besser deu um giro discreto, para comprovar o que estava dizendo, quase esbarrando em um garçom que passava atrás dela.

— Com certeza. Quem me dera ter irmãos para me trazer presentes — Ulrike fez um beicinho.

— Se você tivesse apenas o Lothar, tudo bem. Mas não pensaria assim se tivesse que lidar com o Levin — Leona cruzou os braços, assumindo uma postura de irritada — Ele chegou há algumas horas e já me tirou do sério.

— Achei que estivesse com saudades dele — Amelia não pôde evitar achar graça da amiga. Ela sempre vivia reclamando do fato de seu irmão gêmeo ter partido há dois anos para uma escola privada para homens em Wittenberg que, além de uma educação de alta qualidade, era dedicada a treinar meninos como cavalheiros aptos a servir à realeza. Era o sonho de Levin, e Leona entendia, mas achava horrível que só podia se comunicar com o irmão através de cartas, visto que ele não podia sair por um certo período de tempo e as únicas visitas permitidas eram dos pais.

O fato de seu irmão estar no que ela considerava uma “fase de menino irritante”, palavras da própria Leona, porque ele sempre esquecia de responder suas cartas com rapidez, também não ajudava em nada.

— Eu estava — ela admitiu — mas ele acha que é um homem agora e que eu sou criança. Como se não tivéssemos nascido com segundos de diferença. E, para piorar — ela se aproximou das amigas, sua voz se tornando um sussurro prestes a contar um segredo — Ele só fala de mulheres.

— Oh — Ulrike exclamou — Ele deve estar de fato muito diferente. Só se interessava pela cavalaria.

— Pois é — a menina fez uma careta — Agora adquiriu novas inclinações. Trouxe um amigo do seu internato para passar uns dias conosco. Espero que ele não tenha os mesmos gostos terríveis.

— De que gostos terríveis estamos falando?

Amelia prendeu a respiração ao ver o dono da voz que se aproximava delas. Ela não fazia ideia que era possível alguém mudar tanto em apenas dois anos, em aparência, altura e até no timbre.

Levin Besser, que antes era um garoto e agora tinha toda a postura de um jovem cavalheiro, tinha cruzado o salão até elas e sorria de modo galanteador para as meninas.

Ele passou um dos braços pelos ombros da irmã, se espremendo entre ela e Amelia. A Hohl pode sentir o aroma delicioso que ele exalava: alecrim, provavelmente da *Badezimmer*[13] dos Besser. Ela já tinha se banhado lá e reconhecia os produtos usados. Mas havia mais camadas nesse olfato. Um leve toque que ela reconheceu como couro e algo com um odor metálico que não saberia dizer de onde vinha.

A mistura a desconcertou.

Se antes dele partir a diferença de altura entre eles era pouca, agora a menina não chegava nem aos ombros dele, ombros que, por sinal, pareciam ter dobrados de tamanho. Levin tinha deixado o cabelo crescer e agora as madeixas lisas caiam nos ombros, negras e brilhantes como a de todos seus irmãos.

Era como se tudo nele tivesse sido detalhadamente aperfeiçoado.

Ela percebeu que estava encarando o moço e ele retribuía. Amelia não aguentou quando seus olhares se cruzaram e rapidamente deixou sua visão vagar pelas paredes do salão, como se fossem muito interessantes.

Levin, por outro lado, não demonstrou nenhum empenho em desviar a atenção dela.

— Nós nos conhecemos, *Fräulein*? — ele estendeu a mão para ela.

Amelia deu graças a Deus por não ter ficado encarando-o igual uma tonta sem reação e ter conseguido devolver o cumprimento.

— Ora, não seja bobo Levin — Leona interrompeu, dando um tapa de leve nos braços do irmão — É claro que conhece Amelia, nossa vizinha da residência dos Kühnemann.

— Da casa Hohl — Amelia completou a informação, mas se sentia um pouco envergonhada por Levin não lembrar dela — Afiliada de Rolf.

— Amelia Hohl — a boca dele se curvou num sorriso — É claro que me lembro de você. Está... diferente — Levin a encarava com profundidade e ela podia sentir a cor tomando suas bochechas.

— Amelia, Ulrike — Leona apontou para ela e para a ruiva, que assistia toda a interação com um sorriso divertido — Com certeza lembram de meu irmão gêmeo Levin. E esse é nosso visitante pela temporada,

companheiro dele nos estudos, Franz Ammer.

Só então Amelia reparou no moço que estava com Levin, parado educadamente ao lado de Leona.

— Veja que interessante — A Besser continuou, sempre a mais falante do recinto — Eu, Levin e Franz fazemos aniversário no mesmo dia, todos nascidos no mesmo ano. Não é portentoso?

A loira trocou um olhar cúmplice com Ulrike e ficou claro para as duas: Leona usou a palavra portentoso sem saber o que aquilo significava. As meninas se seguraram para não rir.

— Como vão, senhoritas? — Franz cumprimentou e Amelia percebeu que Leona evitava olhar para ele. Para alguém sempre tão solta, ela ficou estranhamente imóvel quando o moço se manifestou. A mais nova ofereceu à amiga um sorriso de compreensão.

Se ela e Ulrike fossem medir pela maneira que os olhos de *Herr* Ammer sempre se voltavam para a Besser, poderiam afirmar que Leona causou em Franz o mesmo que ele causou a ela. Só tinham se expressado de formas diferentes.

— Muito bem *Herr* Ammer — Ulrike respondeu — ficarei melhor se o senhor me tirar para dançar.

Leona arregalou os olhos e a moça sorriu, tendo tirado dela a reação que gostaria.

Amelia nem se deu ao trabalho de repreender a amiga pela ousadia em frente a um cavalheiro que não conhecia. Franz parecia ter achado graça da situação e, de forma muito polida, estendeu o braço e levou ela até o meio da pista de dança.

Leona saiu dali dizendo que ia tomar um refresco. Amelia nem teve tempo de se oferecer para ir junto e foi deixada sozinha com Levin.

A Hohl desejou que um buraco abrisse e a devorasse.

— Como tem passado, *Fräulein* Hohl?

— Muito bem, *Herr* Besser. E o senhor? Está gostando dos estudos?

— Gostaria mais se fossem próximos de casa.

— Entendo. Deve ser difícil ficar longe da família.

— De fato — ele assentiu — Apesar de que algumas horas com Leona e eu fico grato pela distância — ele semicerrou os olhos e Amelia sorriu. Achava fascinante eles usarem implicância como modo de dizerem que se amavam.

— Comparada à inquietude de Ulrike, Leona é uma calmaria.

— E comparada à senhorita? — Amelia percebeu que tinha encostado na janela e Levin tinha se aproximado.

— A mim?

— A senhorita é inquietude ou calmaria?

— Oh céus, gosto de pensar que sou uma mistura adequada de ambos.

— Fico feliz em saber — ele continuava sorrindo — Apesar de achar que alguém como a senhorita nunca poderia ser calmaria.

— O que quer dizer? — a testa de Amelia se franziu.

— Existem pessoas que são destinadas a causar ondas turbulentas. Outras, apenas um vento refrescante. Cada uma tem sua utilidade.

— E o senhor acha que eu sou a que causaria ondas turbulentas? Dificilmente vejo isso como uma qualidade, *Herr* Besser.

— A verdade — ele se inclinou para a altura dela, diminuindo o tom de voz — é que eu gosto muito de enfrentar ondas, *Fräulein* Hohl.

O queixo de Amelia caiu. Ela piscou várias vezes, olhando para Levin, tentando assimilar o que ele tinha dito, ou esperando ver algum tom de zombaria no seu olhar, mas o rosto dele permanecia com um sorriso imutável.

Ela não sabia como reagir à afirmação dele. Estaria ele fazendo alguma tentativa de cortejá-la? Leona tinha avisado que o irmão estava pensando em mulheres, mas não imaginou que ele teria a audácia de usar palavras como aquela logo com ela. A cabeça da moça fervia, pensando compulsivamente na afirmação do homem. Ele, por outro lado, não dava nenhum indício de que o efeito nele era o mesmo.

— Está uma noite agradável, não? — Amelia fez, então, a única coisa que conseguiu pensar no momento, que era distorcer o assunto completamente.

— Muito. Mas nada comparado às noites em Wittenberg.

— Há mais estrelas no céu por lá?

— Há mais conversas sinceras, que não sejam tão direcionadas pelo decoro.

Amelia deu um sorriso genuíno.

— Temo que, se o senhor não se agrada do decoro, dificilmente as festas daqui de Speyer lhe chamarão a atenção, *Herr* Besser.

— A senhorita aprecia tais regras?

— Aprecio a ordem — ela deu de ombros — e há lógica em todas as ordens que nos são impostas. Regras trazem segurança. O que há para não gostar?

— Nesse momento, não gosto que a senhorita não me chame pelo primeiro nome — Levin deu um sorriso travesso.

— Ora, aí está algo inadequado — Amelia colocou uma das mãos sobre a boca, surpresa com a sugestão, mas, em sua mente, imaginou como seria.

— Suponho que não consigo te convencer, então?

— *Herr* Besser — Amelia deu ênfase no tratamento e percebeu que estava se divertindo usando esse tom de provocação com ele. Não sabia de onde tinha saído, mas gostou — Poucas coisas são capazes de razoar comigo.

— Chamá-la pelo primeiro nome é um privilégio reservado apenas para suas amigas e família?

— De fato. E o senhor deveria fazer o mesmo. Imagino que aquela que o senhor escolher para se tornar sua futura esposa não gostaria de vê-lo sugerindo a outras damas que o chamem pelo primeiro nome.

Levin a encarou por um instante e Amelia imaginou se teria falado algo errado ou ofensivo para ele. Mas então, o rosto dele se abriu em um sorriso que, a despeito de todo o luxo no lugar, foi a coisa mais preciosa que a moça

viu naquela noite.

— É claro, a senhorita tem toda a razão. Vou cuidar para respeitar os interesses da próxima madame Besser.

Amelia deu a ele um leve sorriso, mesmo que sentisse um leve pesar de inveja no seu peito por quem quer que fosse a mulher afortunada o bastante que Levin escolheria para se tornar sua esposa. Se ele estivesse se aproximando para uma primeira conversa de cortejo, jamais falaria de uma futura madame Besser dessa maneira, certo?

A esposa de Levin Besser seria portentosa e, nesse caso, ela sabia que estava fazendo o uso certo da palavra.



Mais tarde, naquela noite, a residência dos Besser estava silenciosa e todos, pelo visto, dormiam exaustos da festa.

No quarto de Leona, entretanto, Amelia encarava o teto, revivendo as cenas de sua conversa com o irmão da dona daquela cama.

Amelia não era como Ulrike, que tinha grandes ideais românticos, mas a madrugada era um momento perigoso, sua mente gostava de criar cenários sem a sua permissão.

As meninas tinham ficado conversando até muito tempo depois de todos se recolherem. Provocaram Leona sobre sua reação a Franz e, apesar de a moça jogar travesseiros nelas sempre que o assunto surgia, não negou as acusações.

Os papos se estenderam até bem tarde, que foi quando madame Besser apareceu e mandou elas fazerem silêncio, já que Liesel precisava dormir e se recusava a fechar os olhos enquanto ouvisse mais alguém de pé.

Amelia silenciosamente jogou as cobertas para o lado, pisando no chão frio e esticando os músculos. Desceria até a cozinha para tomar um chá, caso contrário ficaria muito tempo acordada e passaria o dia miserável. Tinham missa bem cedo pela manhã e, por um momento, amaldiçoou a duquesa por

marcar suas festas nas noites que antecediam os compromissos religiosos da cidade. Era quase como se fossem armadilhas para se sentirem culpados caso cedessem à carne e faltassem à celebração.

Enquanto descia, sua mente juvenil começou a vagar. Na cabeça da menina, Levin iria passar um recado por debaixo da porta, chamando-a para um passeio à luz do luar e eles conversariam a noite toda.

Ela mais uma vez repreendeu esses cenários, pois não seria nem um pouco adequado e, com certeza, algo que teria que confessar ao padre Enton depois.

Amelia estava tão distraída em seus pensamentos que não ouviu as risadas altas que vinham da cozinha.

— Oh, desculpe-me — ela cruzou os braços na frente do corpo ao se lembrar que estava de vestes de dormir.

Franz e Levin a encaravam, cada um com uma garrafa do que ela imaginava ser *aqua vitae* na mão. Se os olhos nublados deles fossem alguma indicação, Amelia podia jurar que estavam bêbados.

Franz só encarava a moça e ria e, enquanto ela se virou para sair dali o mais rápido possível, sentiu uma mão pegando na sua, impedindo-a.

Ela encarou Levin, chocada com a audácia dele, mas ele falou antes que Amelia pudesse repreendê-lo:

— Só queria dizer que foi encantador te rever, Amelia — ele não parecia perceber que estava falando informalmente com ela. Se percebeu, não se importou. — Reze por mim essa manhã.

— Algum pedido específico? — a moça conseguiu elaborar a frase, quase sem fôlego pela proximidade.

— Eu vi uma garota hoje. E queria que essa noite fosse só a primeira página da nossa história.

Ele soltou a mão de Amelia e ela, como um grande covarde, correu dele.

Amelia não dormiu aquela noite.

Na próxima vez que viu Levin, ele não deu nenhum indicativo de que

se lembrava do pedido.

Alguns dias mais para frente, soube por Leona, antes de madame Besser ouvir a conversa e repreendê-las, de que Lothar tinha levado os meninos para o distrito vermelho.

Ela não ousou rezar pelo pedido dele mais nenhuma vez depois disso.



04

Parte 2

“Essa noite é perfeita, não a deixe passar”

Enchanted - Taylor Swift

— Ela está pronta? — Amelia ouviu Rolf perguntar a sua mãe do outro lado da porta. Gerda tinha saído para dar a ela alguns minutos sozinha antes da cerimônia.

Se olhou no espelho pelo que seria a última vez como Amelia Hohl, pois a próxima vez que conseguisse encarar o seu reflexo seria Condessa Amelia Besser. Tudo em sua aparência indicava que estava pronta, mas ainda não tinha convencido seu coração disso, que batia rapidamente no peito. Ela podia jurar que se alguém chegasse muito perto, conseguiria ouvir.

Estava um tanto preocupada caso esse alguém fosse Levin.

Uma linha apareceu no meio das suas sobrancelhas por causa desse pensamento, e a moça logo tratou de seguir o conselho da mãe e relaxar o rosto, pois *“é feio e dá rugas”*, nas palavras de Gerda.

Ela olhou ao redor mais uma vez, percebendo que, sutilmente, as *Mägde* deixaram tudo bem-organizado enquanto ela se arrumava. No canto do quarto, seus três baús com roupas e itens pessoais estavam prontos para sua partida, que ocorreria na manhã seguinte.

O motivo para isso intrigava Amelia. Achava que viajariam logo após o almoço de casamento para se estabelecerem no condado deles em Heidelberg. Porém sua mãe havia lhe avisado na semana anterior de que Levin pediu para adiarem a viagem para o dia seguinte e, portanto, teriam que dormir ali em seu quarto essa noite.

A ideia causava um nó no estômago dela, de ambas as más e boas maneiras.

Durante a cerimônia e a recepção de casamento, os empregados tinham ordens de preparar as carruagens e já levar os baús, deste modo conseguiriam sair logo cedo e aproveitar todos os momentos de sol para viajar.

Não seria necessário levar mobília, já que a residência em Handschuhsheim tinha sua própria, então a madame Besser, que passava na casa dos Kühnemann periodicamente nos dias que antecederam a festa, a orientou sobre o que levar. Obviamente, o enxoval da moça estava indo com ela, assim como suas roupas, jóias e livros de preferência. A sogra havia lhe garantido que a casa possuía um acervo próprio e que ela poderia alterar a decoração e os itens nos cômodos da maneira que preferisse. Isso eliminava a necessidade de carregar objetos mais pesados.

Amelia também preferia dessa maneira. Poderia deixar seu quarto intacto na casa de seus pais, para suas visitas ocasionais. Se havia uma coisa que deixava ela mais nervosa do que dividir um quarto com o futuro marido era dividir um quarto com ele na casa dos pais dele.

Ela respirou fundo e forçou suas pernas a obedecerem, indo na direção da porta, avisando a mãe que poderia abrir.

— Oh minha querida — Rolf arregalou os olhos quando conseguiu ver finalmente a moça — Você está linda — a voz do homem ficou um pouco embargada e Amelia sorriu para ele. A ausência do pai nesse momento deixava um peso dentro do seu peito e sabia que nunca seria a mesma coisa. Dieter e ela sempre brincavam de casamento quando Amelia era criança e ambos compartilhavam o sonho de entrarem juntos na igreja. — Gostaria que seu pai pudesse vê-la agora — o homem disse e a verdade nas suas palavras fez com que Amelia se jogasse nos braços dele, abraçando-o forte. Ela foi invadida por uma vontade grande de chorar e ele podia senti-la tremendo levemente.

— *Shh, shh* — Rolf dizia enquanto passava a mão nos cabelos dela — É seu dia hoje, só pensamentos alegres, tudo bem?

— Ó céus, Rolf, você está desarrumando o véu — Gerda exclamou, puxando de leve a filha, que riu da preocupação da mãe. A mais velha ajeitou os fios pelo que Amelia pensou ser a milésima vez e se afastou um pouco da moça, dando um olhar de aprovação para seu trabalho.

— Mesmo se ela estivesse toda desarrumada, esposa, ela ainda seria a

noiva mais linda que eu já levei ao altar.

— Rolf — Amelia deu uma gargalhada — Eu sempre serei a única noiva que você está levando ao altar.

O casal acompanhou a filha na risada, ajudando a futura condessa Besser a descer as escadas.

A cada passo que davam, os gritos de Gerda podiam ser ouvidos mandando eles terem cuidado.



Levin abriu a porta da carruagem e desceu para ajudá-la. Amelia aceitou a mão que ele estendia e colocou o pé no primeiro degrau. Mas, no instante seguinte, ele se moveu rápido, passando os braços por suas costas e pernas e a ergueu no colo. Amelia deu um gritinho assustado.

Por instinto, passou os braços em volta do pescoço dele, mas, ao prestar atenção na facilidade com que Levin a carregava ao mesmo tempo que fechava a porta da carruagem, percebeu que não havia chances de ele derrubá-la.

Ela tentou convencer a si mesma de que manteria os braços lá apenas porque não custava ser precavida.

— O que está fazendo? — ela questionou quando o marido (sim, marido, teria que se acostumar a se referir a ele dessa maneira) não deu nenhum sinal de estar incomodado com o grito dela.

— É uma tradição — ele deu de ombros, caminhando para a entrada e abrindo a porta da casa dela com a mesma tranquilidade que tinha fechado a da carruagem.

Gerda tinha orientado os criados a não ficarem nas áreas comuns da casa e deixarem tudo preparado para a chegada do casal. A filha tinha ouvido ela dar as instruções quanto à iluminação e arrumação do local e aquilo foi o suficiente para que ela desejasse sumir.

— Assustar a noiva? — Amelia tinha certeza de que fez um beicinho involuntário ao perguntar. Levin achou adorável e não conseguiu conter o impulso de roçar seus lábios no dela.

A nova condessa arregalou os olhos quando sentiu os lábios dele no seu e estava começando a abrir a boca imaginando que Levin iria beijá-la como tinha feito mais cedo. Não pôde conter o suspiro desapontado que saiu quando ele se afastou sem prolongar.

Ele percebeu e deu um sorriso cúmplice para a esposa. Era bom saber que Amelia queria ser beijada tanto quanto ele queria beijá-la.

O casamento tinha sido o evento que Speyer tanto ansiava. Não esperavam pouco por uma junção das famílias Besser e Hohl-Kuhnemann e certamente a mãe e a sogra de Amelia excederam as expectativas.

A noiva, por sua vez, estava tão apreensiva que lembrava de tudo passando de forma apressada por sua frente.

A decoração da igreja estava deslumbrante e o coral com as crianças para sua entrada dava um aspecto angelical ao momento. A comida da festa estava deliciosa e ela se divertiu como uma criança dançando com as amigas. O noivo deixou bem claro que não dançava e nem os olhares feios que a madame Besser lhe lançava foram o suficiente para convencê-lo.

Liesel tranquilizou Amelia informando que aquilo era uma das únicas coisas que o irmão não fazia mesmo e até zombou dizendo que era porque o homem tinha pernas de pau.

Amelia não se importou tanto com isso, visto que ele, apesar de não dançar com ela, demonstrou muito apoio com as palmas durante as performances em conjunto que ela fez com as mulheres, e a incentivou a aceitar sempre que alguém convidava a noiva para a dança.

Apesar do nervosismo, Amelia podia dizer que aproveitou a cerimônia e a festa. O seu casamento cruzava sua imaginação desde que era menina, mesmo nos anos em que estava decidida a se tornar freira. Ela secretamente imaginava como seria e tudo excedeu suas expectativas, tanto em beleza quanto em emoção.

A moça tinha que dar créditos a Levin, porque, na maioria dos momentos, ele era responsável por ambos.

As roupas do homem não eram nada que ela já não tivesse visto antes, mas ele estava deslumbrante, e Amelia não pôde evitar de sorrir quando o viu esperando por ela no altar.

A proximidade que os dois ficaram e a antecipação durante toda a cerimônia pareciam capazes de deixá-la fora de órbita. Quando Levin se inclinou para beijá-la ao ouvir a permissão do padre, ela prendeu a respiração, o coração disparado, e só soltou quando sentiu os lábios do homem nos seus e as mãos dele segurando sua cintura.

Amelia não lembrava se beijos em cerimônias religiosas duravam tanto tempo e, de fato, não saberia dizer o quanto aquele momento durou. Se minutos ou apenas segundos. Mas ela sabia que Levin estava trazendo-a mais para perto e ainda não parecia suficiente. As mãos dela buscaram apoio nos braços do noivo e, para seu êxtase, as suas línguas se tocaram.

Ela não reclamaria se ele a beijasse para sempre, nem que tivesse que perder o fôlego totalmente para isso.

O som das palmas tirou os recém-casados do seu transe e Amelia jurou ter ouvido um pequeno pigarro vindo do padre Enton. Mas não levou para o coração. Ela beijou Levin Besser. Levin Besser, seu marido. Era muito.

E continuava sendo muito, mesmo aquele toque suave dos lábios que o esposo lhe deu quando subiam as escadas.

A nova condessa se sentiu agradecida por sua mãe não ter permitido que fosse para um convento. Naquele momento, ela teve a impressão de que a sua verdadeira condenação fosse passar a vida sem sentir os lábios de Levin nos seus.

A moça nem percebeu que já estavam em seu quarto até sentir a superfície macia da cama embaixo dela, com Levin abaixando-a gentilmente de seu colo. Ele sentiu o corpo de Amelia ficando duro embaixo de si, com os músculos tensionados.

— Precisa de um minuto? — o homem perguntou, retirando uma mecha de cabelo que tinha se soltado e agora caía no rosto dela.

— Não, está tudo bem. — A condessa respondeu, se esforçando para não desviar o olhar do dele — Desculpe, é besteira.

— Não é besteira — Levin garantiu, deitando-se ao seu lado e virando ela para si — Sua mãe conversou com você?

— Levin — ela exclamou, tampando o rosto com as mãos de vergonha — Não vamos falar sobre isso.

— Amelia — ele segurou as mãos dela, trazendo para os lados do corpo — Podemos conversar, não há problema nisso. É importante eu saber o que ela explicou, assim não vou te assustar.

— Não se preocupe — ela assegurou e apertou as mãos dele como garantia — Eu estou familiarizada com a dinâmica da... situação. Eu só não lido muito bem com dor — Amelia admitiu — E eu estou com medo de não estar à altura das suas... expectativas — essa última parte havia sido ainda mais difícil de falar e ela temia que o marido a achasse boba por isso. Felizmente, Levin não riu ou mudou seu olhar sobre ela.

— Você é minha esposa agora, Amelia — ele começou a traçar movimentos em círculo no braço dela — As minhas expectativas são que você confie em mim e me deixe guiá-la — ele se abaixou para dar um beijo em seu ombro — Prometo que serei gentil. Está segura e em um ambiente familiar.

De repente, aquilo fez sentido para ela.

— É por isso que quis que viajássemos só pela manhã?

— Não queria que acontecesse pela primeira vez em um lugar novo para você. Muitas mudanças ao mesmo tempo.

Aquilo causou uma pontada em seu peito. Tudo em Levin era muito para ela. Então resolveu se abrir com ele.

— Não sou avantajada como as mulheres que você já conheceu, Levin.

Levin colocou o indicador sobre os lábios dela e suspirou fundo. Sentiu um peso por ter colocado a esposa numa situação em que não conseguiria entregar para ela o mesmo que ela estava entregando para ele.

— Amelia, por favor, esqueça isso. Você não merecia ver aquelas coisas e o que está dizendo não é nem verdade nem importante. Eu te escolhi — ele afirmou — Mais do que isso, eu te quero como nunca quis outra mulher.

O calor que aquilo causou na moça fez com que ela abrisse um sorriso tímido.

— Eu te quero também — ela admitiu — De formas que eu não sei explicar ou te mostrar.

— Deixe-me ensinar a você então — Levin disse antes de cobrir a boca da moça mais uma vez e a proximidade que se seguiu, foi, enfim, o suficiente.



05

“Um castelo feito de cartas e nós, feito bobos

Ainda que seja um sonho em vão, fique mais um pouco assim”

House of Cards - BTS

— Amelia, acorde — ela ouviu um sussurro que parecia muito distante chamando e sentiu uma mão gentilmente a movendo.

Não lembrava de ter adormecido. De fato, se lembrava de ficar irritada porque estava achando particularmente difícil dormir devido aos solavancos da carruagem. Teria que perguntar à Heidi se as histórias sobre seus assentos eram reais e, caso fossem, providenciar os mesmos para seu transporte.

Levin tinha ficado com ela nas primeiras horas da viagem, garantindo que a esposa estivesse confortável, e a mulher era grata, mas estava claro que não tinha fornecido a ele uma boa companhia, porque Amelia odiava acordar tão cedo.

Eventualmente o homem saiu e foi se sentar ao lado do cocheiro, o que a nova condessa entendeu como sua deixa para tentar se ajeitar e dormir. Depois de muito virar e resmungar no banco, desistiu e se contentou em apenas fechar os olhos e recostar a cabeça na superfície dura da janela.

Tentou até rezar por um tempo, mas percebeu que nem isso conseguia, o que só serviu para aumentar sua inquietação.

Com certeza não se lembrava de um local tão macio como o que sentiu debaixo de si ao despertar. Amelia olhou para baixo esperando ver um amontoado de mantas e arregalou os olhos ao perceber que estava dormindo no colo de Levin, o marido com os braços ao redor dela.

— Chegamos — ele tinha um sorriso relaxado nos lábios, que se tornou provocativo com a reação da mulher — Eu devo realmente ter te deixado exausta ontem, não?

Ela se levantou abruptamente, quase batendo a cabeça no teto da carruagem e se sentou o mais distante possível dele. O susto da declaração

fazendo seu rosto corar e as lembranças a deixando sem rumo por um momento.

— Não fale assim — Amelia repreendeu. Não conseguia encará-lo, mas sabia que Levin estava se divertindo com o sofrimento dela — Está no meio do dia.

— Quer dizer que só somos marido e mulher à noite? — Ela viu pelo canto do olho Levin levantando uma sobrancelha.

— Não — a mulher disse, mais rápido e mais alto do que pôde controlar — Mas não podemos falar de nossas...intimidades... — ela engoliu seco — assim fora de nosso quarto.

Levin finalmente se compadeceu da vergonha dela e deu o assunto por encerrado, mas enquanto se dirigia à porta, Amelia viu que ele ainda exibia alguns resquícios de estar rindo.

A maneira que a carruagem tinha sido estacionada não deixava a nova condessa ter uma vista boa da casa, mas os arredores por si só já eram impressionantes.

As últimas luzes do sol deixavam o céu sobre o condado de Heidelberg em tons de dourado e roxo, um local pitoresco entre a floresta e colinas. Ruas estreitas pavimentadas com pedras antigas permitiam o acesso ao casarão principal e, na área, algumas casas de madeira com janelas emolduradas por flores coloridas, que a mulher imaginou serem dos funcionários, cercavam o local.

Ela aceitou de bom grado a mão que Levin estendia para ajudá-la a sair da carruagem, não sem antes conferir se estava tudo em ordem com sua aparência pelo reflexo da janela.

Afinal, primeiras impressões são as que contam e queria que os empregados não só a respeitassem, mas também a aprovassem por ali.

Ao descer, Amelia teve um vislumbre maior do distrito: A torre esguia da igreja de São Pedro despontava no horizonte. Isso a deixou muito satisfeita. Iria conhecer o templo e o clero assim que conseguisse.

A empolgação com a celebração do Natal e a entrada do novo ano que se passaram antes da festa de casamento a consumiram. Ela tinha muito o que

recuperar.

Cerca de uma dezena de empregados estavam esperando em frente da casa e, à distância, para trás, Amelia conseguia ver algumas pessoas com as cabeças para fora de suas janelas, curiosas com a chegada da nova senhora.

Dos que estavam mais próximos, um casal se aproximou deles, o homem tomando a frente para cumprimentá-los.

— *Graf* Besser, é um prazer revê-lo — ele estendeu a mão para Levin, que aceitou de bom grado — E essa deve ser sua esposa.

— Amelia Ho... Besser — Amelia se corrigiu quando estendeu a mão para o homem, que estava com a cabeça levemente curvada em reverência.

— Sou Otto, Vossa Graça. — Ele beijou a mão dela — Auxilio nas finanças e assuntos práticos do distrito.

— Otto é meu braço direito aqui, Amelia. E aquelas são as filhas dele — Levin apontou para duas meninas, que aparentavam ter a idade de Liesel — Veronica e Otillie.

— Veronica é a mais velha, que está usando galochas. E Otillie é a que está segurando a boneca — Otto acrescentou.

Amelia acenou para elas e ambas deram sorrisos relutantes em resposta à mulher.

— E essa é *Frau* Schielen — Levin indicou a mulher mais velha que estava à frente dos outros criados — É governanta na casa. Passará a responder a você.

— Como vai, *Gräfin*? — ela se dirigiu a Amelia — Seja muito bem-vinda. Espero que tenha feito uma boa viagem.

— Obrigada, *Frau*. Agradeço a Deus por termos chegado bem, mas admito que não sou acostumada a percorrer essas distâncias.

— Oh, claro — a senhora exclamou — Vou lhe mostrar um lugar para descansar. Venha comigo e deixe se encarregarem de seus baús.

Amelia deu um olhar questionador a Levin enquanto era conduzida porta adentro pela governanta e viu o esposo sorrindo de forma tranquilizadora para ela.

Parece que estava em boas mãos.



No dia seguinte, descansada e alimentada, Amelia Besser estava disposta a sair pela cidade. Após o café, um rápido olhar para fora a fez constatar que o dia parecia agradável, apesar de um pouco frio, e queria aproveitar a oportunidade para explorar.

— *Frau* Schielen — a condessa chamou, descendo as escadas e se dirigindo para o local que ela lembrava ser a cozinha. Ao invés disso, deu de cara com a sala de festas, onde encontrou a mulher dando ordens a dois rapazes sobre o piano.

Seu senso de direção era outra coisa a qual precisava melhorar.

— *Gräfin*, precisa de algo?

— O que eles estão fazendo? — Amelia fitou, curiosa.

— O piano está falhando, estão tentando abri-lo para ver qual o problema.

— Entendo. Bom, não posso servir muito nesse aspecto. Não sei tocar, muito menos entender qual o defeito mecânico.

— Não se preocupe, os meninos vão consertar — a mulher deu um sorriso reconfortante — E, se precisarem de outro auxílio, o *Graf* toca, então entende como funciona.

Aquilo era novidade para Amelia.

— Levin toca piano? — seus olhos se estreitaram.

— Ah sim, toca e canta. — *Frau* Schielen parecia muito animada por compartilhar a informação — Ele frequentemente reúne pessoas aqui para ouvirem. Todos ficam encantados.

Amelia se perguntou por que nunca tinham contado isso a ela ou como não descobriu isso antes. Com certeza queria vê-lo no piano.

A menção do homem a lembrou do porquê estava ali.

— Inclusive, *Frau*, sabe onde meu marido está? Quero ir até a igreja e gostaria de avisá-lo.

— Está lá em cima no escritório com Otto, *Gräfin*. Pediram para não serem incomodados. Mas posso levá-la até eles, se quiser. A senhora deseja ir à igreja caminhando ou na carruagem?

— Não, fique tranquila, gostaria de caminhar. Se saírem antes de eu voltar, pode informar que retorno para o jantar?

— É claro — a mulher assentiu — Mas não vá sozinha, *Gräfin*. É fácil se perder por aqui. Meninas — ela gritou essa última palavra — Sei que estão aí ouvindo.

Amelia viu Veronica e Otillie saírem de detrás da parede, ambas com um olhar de inocência no rosto. A mais nova ao menos parecia um pouco envergonhada por ter sido pega, ao passo que a irmã tentava manter a postura.

— Sim, *Frau*?

— Acompanhem a *Gräfin* até a basílica no centro. Não a atrapalhem, me ouviram?

As duas assentiram e saíram dali com Amelia em seu encalço, ainda achando graça da reação das meninas. Quando já estavam no caminho, Otillie estendeu a mão para ela, um pouco acanhada e a condessa aceitou de bom grado. A irmã ia na frente, de vez em quando diminuindo o passo para não se afastar das duas.

— Então, Veronica — Amelia chamou — o que vocês meninas gostam de fazer para se divertir por aqui?

— Otillie gosta de brincar com suas bonecas e fazer chás da tarde imaginários.

— Eu sempre sou uma princesa nesses, *Gräfin* — a pequena entrou no assunto, exibindo um sorriso de orelha a orelha.

— É mesmo? Espero um dia ser convidada para esse evento.

— Você pode — ela exclamou — Já parece uma princesa mesmo.

— Ora, muito obrigada, querida. E quanto a você, Veronica?

— Não gosto de ficar em chás da tarde — ela fez uma careta — Mas gosto de aprender novas receitas com a *Frau*. E de correr no quintal, mas tenho que fazer isso escondida, porque ela diz que damas tem que ser comportadas.

— Bom, eu não saberia te ensinar a cozinhar de forma tão boa como a *Frau* — Amelia admitiu — E provavelmente cairia se tentasse correr muito, mas que tal eu experimentar o que você fizer e assistir sua corrida?

A menina assentiu, satisfeita com as condições da condessa.

— E a senhora, *Gräfin*? O que gosta de fazer? — Otillie perguntou, agora se mostrando mais aberta em relação à mulher.

— Eu gosto de ler — ela afirmou — Gosto de tricotar, às vezes, mas não sou tão boa nisso. E, principalmente, gosto de conversar com minhas amigas. Elas estão longe agora, então acham que podem conversar comigo?

— Sim — elas falaram juntas, empolgadas.

— Se a senhora gosta de ler, podemos levá-la até a Biblioteca Palatina.

— Isso! Fica bem em frente à igreja. — Otillie complementou — Fomos com o papai lá muitas vezes.

— Ele já até nos deu aulas lá, mas éramos as únicas garotas no lugar. Não sei se podemos entrar sem ele.

— Bom, não vamos saber se não tentarmos, não é, meninas?



— *Gräfin* Besser — o bispo presente na igreja de São Pedro a cumprimentou quando Amelia se apresentou a ele.

— Sua benção, Excelência — a mulher pediu, inclinando a cabeça para beijar a mão do homem.

— Deus te abençoe, filha. Recebi notícias de sua paróquia local e

aguardava ansiosamente sua chegada. Presumo que não tenha vindo se confessar, então a que devo a visita antes da missa de domingo?

— Sim, me confessei antes do casamento, como era esperado, o senhor sabe — ela ressaltou e o olhar de aprovação do sacerdote a deixou satisfeita consigo mesma. — Gostaria de me apresentar e me colocar à disposição da igreja.

— Fico muito feliz em ouvir isso, *Gräfin* — o homem abriu os braços, indicando a ela que se sentassem — Seu marido não quis lhe acompanhar?

— Ele é... relutante... — Amelia mordeu os lábios ao falar — com as coisas de Deus. Se vossa excelência entende o que quero dizer.

— É claro — o homem confirmou, lançando um olhar de simpatia para Amelia — Conheço o *Graf* nesse aspecto. Mas creio que a dedicação da senhora possa mudar a opinião dele.

— Assim desejo, Excelência. E espero que Deus veja que estou fazendo meu melhor.

— É claro que sim, minha filha. Há muito que podemos fazer pela alma dele. E Levin é um homem muito bom. Nosso Senhor Jesus há de levar isso em consideração.

— Amém — a mulher assentiu, esperançosa. Se o bispo não estava ciente do histórico do marido, ela não seria a pessoa a informá-lo. Amelia acreditava no sacerdote, afinal: se desconsiderassem certos aspectos de sua reputação, Levin era de verdade um homem muito bom — Enquanto isso, gostaria de lhe fazer uma doação como forma de agradar a Deus. Afinal, temos tanto e tenho certeza de que há muitos que não são tão privilegiados como nós. E assim o senhor também pode utilizar para as necessidades do templo.

— Louvado seja Deus pela sua vida, filha. — O homem levantou as mãos para o alto — Há sempre algo a ser feito e o pobre e necessitado sempre vão existir no meio de nós. Estamos muito felizes em recebê-la.

Amelia sorriu, percebendo que a fala dele havia diminuído um pouco o inquietamento que tomava conta dela toda vez que entrava na igreja.

— Ótimo. E, se não for incômodo, Excelência, as meninas me

contaram que há um mosteiro aqui perto. Existe alguma irmã que poderia me fornecer aconselhamento?

— Pode falar comigo no confessionário, caso precise, *Gräfin* — o homem indicou o local — Mesmo que não seja assunto de confissão, pode ser tratado lá.

— Eu gostaria mesmo de falar com uma irmã, se possível. É um assunto referente a administração da casa, coisa de mulheres — ela disfarçou — Tenho certeza de que o senhor tem assuntos mais importantes para tratar.

Para alívio da Besser, o bispo pareceu entender a ideia.

— É claro. Venha comigo — ele assentiu, se levantando e indo em direção aos fundos, sendo seguido por Amelia — Por sorte, a abadessa está nos fazendo uma visita hoje. É uma serva de Deus admirável. Poderá te ajudar nas suas questões.

Ao cruzar o limiar da porta para a primeira sala de administração da igreja, os olhos da condessa foram imediatamente atraídos para a figura imponente da líder do convento. Ela estava sentada na mesa, escrevendo em um papel. Vestida com um hábito negro impecável, a mulher exalava uma aura de autoridade contida.

— Abadessa Matilde — o homem chamou e ela levantou o olhar — Gostaria que conhecesse *Gräfin* Amelia Besser, senhora da propriedade de Handschuhsheim.

— É um prazer, irmã — Amelia curvou a cabeça em sinal de respeito.

— *Gräfin* Besser — a mulher a cumprimentou de volta — É recém-casada com Levin, do círculo de confiança do imperador, estou certa?

— Sim, senhora.

— Amelia gostaria de lhe falar, abadessa. Deixarei vocês a sós. — O bispo se retirou e a condessa lhe deu um sorriso em agradecimento.

— Sente-se, *Gräfin*. Posso lhe oferecer algo para beber?

— Uma água, por favor — ela pediu e viu a mais velha se dirigir a um cântaro para servi-la. — Sou devota de santa Matilde — Amelia disse quando a freira retornava com o copo. — Que alegria que tenha um nome tão

respeitável.

— De fato. Sigo os passos dela com todo o meu ser. Para mim é uma honra ser lembrada como alguém que teve o mesmo nome que nossa falecida rainha. O que me lembra, em algumas semanas é o mês de sua festa. Precisaremos de todo apoio possível para fazer uma celebração que faça jus a ela.

— É claro — Amelia assentiu com força, animada com o que ela supunha ser um convite — Disse ao bispo e repito: me coloco à disposição para tudo que a Igreja precisar. Eu e minha casa.

— Excelente, *Gräfin*, tenho certeza de que seu ânimo agradará a nosso Deus. — A mulher pareceu pensar por um instante — Mas imagino que não veio falar de santa Matilde?

— Não — a mais nova balançou a cabeça — Minhas desculpas. Me estendi. Eu gostaria de conversar com a irmã sobre um assunto no que diz respeito a meu matrimônio. Pedir o aconselhamento de quem conhece a vontade do Senhor Jesus mais do que eu.

— Pois não, pode falar.

— Veja bem — Amelia olhou ao redor, para garantir que estavam sozinhas. Tinha deixado as meninas na nave da igreja e não queria que ninguém ouvisse. — Eu e Levin nos conhecemos desde que éramos muito jovens. E ele sempre foi um rapaz... atraente — ela engoliu em seco para dizer — Sempre me despertou certas sensações. A irmã compreende?

— Continue — foi tudo que a mulher disse, o rosto impassível.

— Eu entendo que certas intimidades são necessárias para recebermos as vidas que Deus quer nos mandar, mas receio que meu marido tenha a intenção de me buscar para — ela limpou a garganta — prazeres fora da intenção da procriação. Prazeres que nos afastam da santidade de Deus.

Amelia terminou e houve uns momentos de silêncio entre as duas antes que a abadessa Matilde se pronunciasse.

— *Gräfin* Besser, a senhora não é a única mulher de fé a ter esses questionamentos. E eu suponho, pelas suas palavras, que a senhora gosta quando o seu marido lhe procura?

Amelia corou, mas o olhar da mulher não titubeou sobre ela, então apenas assentiu.

— *Gräfin*, a senhora já ouviu em algum dos sermões a história de quando um jovem rico chega para nosso Cristo e questiona o que fazer para herdar a vida eterna? — Amelia assentiu — Qual foi o último pedido que o Senhor fez a ele?

— Que ele vendesse tudo que tinha e o seguisse — a mulher respondeu imediatamente. A sensação angustiante no seu peito ameaçava voltar. Essa era uma das lições que mais lhe tinha impressionado e que lhe causava medo porque sempre achava que não estava fazendo o suficiente.

— Exato — a irmã não pareceu notar que o rosto da condessa adquiria algumas linhas de pânico. — A senhora sabe o que deve fazer: cumprir seus deveres sem deixar que o pecado da lascívia a atinja. E com essas renúncias terá seu lugar no céu. — Ela estendeu a mão e segurou as de Amelia — Temos que sempre vigiar para não cedermos às tentações. E não se preocupe, em breve a senhora lhe dará filhos e ele vai deixá-la em paz. Se o *Graf* quer agir de modo pecaminoso, ele sabe onde encontrar mulheres que o atenderão, não é mesmo? — abadessa Matilde lhe dava um sorriso reconfortante e Amelia forçou sua boca a se abrir em um também.

Amelia sabia que a mulher estava certa. Como alguém com a fé e o comportamento de uma líder de convento poderia errar em questões sobre mulheres e Deus? A ideia de renúncia fazia todo o sentido. Se não fosse capaz de abrir mão de algo, sabendo que isso lhe custaria a salvação, estava agindo como aquele jovem que se recusava a seguir o caminho reto.

Mas, ao mesmo tempo, a condessa queria gritar. Queria dizer que não suportaria ver seu marido procurando outras mulheres.

Só o fato de não aceitar isso fazia Amelia se sentir fraca. Estava falhando em seguir Jesus, e isso a aterrorizava. Sentia-se condenada. E o mais terrível de tudo: o quanto a raiva de Deus crescia dentro de si, como uma chama que não podia apagar. Como Ele poderia exigir tanto dela? Como poderia ter nascido com esses desejos, se o prazer era pecado? Era uma tortura silenciosa, e ela mal podia suportá-la.

Se amaldiçoando internamente por pensar aquelas coisas, Amelia agradeceu a irmã, que prometeu que manteria contato com ela, enviando

mensageiros para o distrito, se necessário. Respirou fundo antes de ir buscar as meninas para irem embora.

Falaram de passar na biblioteca, mas a condessa estava frustrada, triste e sua mente estava nublada. Se ela se demorasse na rua, iria direcionar seus sentimentos ruins a quem não merecia e por isso sugeriu à Veronica e Otillie que comprassem confeitos e alugassem uma carruagem para as levar embora.

Queria deitar em sua cama e esquecer que o céu e o inferno eram uma realidade. Queria não ter perguntado nada para a freira, mesmo sabendo que ignorar seus pecados não traria nenhum bem. E desejava, principalmente, ser salva de tudo aquilo.

Naquela noite, quando viu o marido de novo, ele notou que algo estava estranho, pois perguntou a Amelia se estava bem. A condessa sorriu, e aquilo o deixou mais tranquilo.

Quando estavam suados e exaustos na sua cama, Amelia não teve coragem de se afastar após terminarem. Então ela deixou Levin acariciar as costas dela e beijá-la até que ela caísse no sono grudada nele.

“Depois” a mulher pensou. *“Por hoje vou me dar ao luxo de falhar”*.



06

“Você me coloca para fora quando eu quero entrar”

Too close for comfort - Mcfly

A condessa Besser sorriu vendo a ordem reinar em sua casa. Os empregados pareciam satisfeitos com o jeito que Amelia dirigia as coisas e estavam se ambientando a ela.

Depois de um dia longo de trabalho, onde ela tinha supervisionado as lavagens das tapeçarias das paredes do salão e os polimentos da prataria, a mesa de jantar estava posta, ela estava de banho tomado e tinha decidido dar a noite de folga a todos os empregados, como forma de apreciação de seu trabalho.

Amelia esperava mostrar para Levin tudo que tinha realizado nos últimos dias. O marido tinha dormido no castelo devido ao trabalho que estava precisando fazer e Amelia queria deixá-lo orgulhoso pela maneira que cuidava de sua residência.

Iria tomar coragem e finalmente seguir os conselhos da abadessa. Fazer tudo que era esperado e não se prolongar. Seria difícil, ela notou durante suas reflexões de como agir a seguir. Tudo parecia ficar mais leve e solto quando estava com Levin e aquilo despertava nela uma vontade de proximidade de todas as formas, seja em suas carícias à noite ou em conversas cotidianas e sentia uma falta tremenda da presença dele quando estavam afastados.

Ao que tudo indicava, Levin estava cumprindo sua promessa de honrá-la sem dar a Amelia motivos para desconfiar do contrário. A mulher só esperava que isso não mudasse quando ela impusesse os seus limites.

Ela ponderou um pouco e decidiu que iria esquentar água e preparar um banho para o marido, pois era improvável que ele tivesse feito isso no palácio antes de vir dormir em casa.

A mulher já tinha visto as *Mägde* fazerem e, portanto, sabia onde encontrar tudo que precisava para a tarefa. Estava terminando de encher a banheira quando ouviu Levin a chamando da porta.

— Só um instante — ela pediu, tomando cuidado para não derramar a água e se queimar.

— Aqui, deixa eu ajudar — A voz do esposo fez Amelia estremecer e ela sentiu a presença dele atrás de si, antes que ele tirasse o barril de suas mãos. Uma vez tinha visto a madame Besser brigar com os filhos por terem deixado Leona carregar um pacote de açúcar ao voltar da feira central. De acordo com a mulher, *"onde há cavalheiros, damas não pegam coisas pesadas"*.

— Obrigada. Queria ter deixado tudo pronto antes de você chegar, acho que me atrasei um pouco.

Amelia não conseguiu evitar a aceleração do coração, um leve aperto no peito. Ele estava muito perto. Não sabia se era o trabalho que a fazia suar ou o efeito que ele causava nela, mas seu corpo parecia denunciar tudo o que tentava esconder.

— Não precisava ter feito isso. Vi a mesa posta e subi para ver onde você estava. Não achei nenhum dos criados para perguntar.

— Sobre isso — ela mordeu o lábio, receosa com o que ele ia achar da folga inesperada que ela tinha decidido — eu quis agradá-los e, como estava tudo sob controle, liberei eles mais cedo. Espero que não haja problemas?

— De modo nenhum — ele balançou a cabeça — Você é a senhora desta casa. Essas decisões cabem a você.

— Espero que confie que eu serei sensata ao tomá-las.

— Não tenho dúvidas — ele assentiu — Mas ficaria terrivelmente decepcionado se o jantar esfriar. Ou mesmo essa água — ele apontou para a banheira. — Me ajuda com isso?

Amelia piscou várias vezes, tentando processar o pedido inusitado.

— Como?

Ela quase se perdeu no olhar dele. A calma dele, a forma como tudo parecia natural para ele, enquanto ela sentia o coração batendo mais forte... Havia uma tensão que não sabia como controlar. A saudade, o desejo, tudo estava aflorando de uma vez. Ela teve que se prender, respirar fundo, para não transparecer a intensidade do que sentia.

— Com a roupa, Amelia — ele deu uma risada ao ver a expressão de choque estampada no rosto dela. — Me ajuda a desfazer esses nós, sim? Você é habilidosa com isso. Me banho rápido e depois jantamos.

As mãos dela tremiam ligeiramente quando se dirigia para atender ao pedido de Levin e, de fato, acabou várias vezes piorando as amarras das vestes, se de propósito ou pelo nervosismo, não sabia e ele fingiu também não ver.

Ela não deu tempo para ele dizer nada. Assim que todas as peças que ele vestia estavam caídas no chão, Amelia pegou os itens, com a desculpa de que iria levar para serem lavadas, e saiu dali.

Alguns minutos depois, de cabelos úmidos, Levin estava sentado à cabeceira da mesa, com um prato ainda quente na sua frente, enquanto a esposa, ávida para evitar seu constrangimento de mais cedo, contava sobre os últimos dias.

— Acho que as crianças começaram a se abrir para mim. E eu tenho apreciado passar tempo com elas. Fico feliz que Otto confie em deixá-las aqui na casa quando ele está fora cuidando dos assuntos do condado.

— Elas são realmente únicas — ele contribuiu — Apesar de ficarem tímidas de repente quando estão na minha presença, *Frau* Schielen relata que não consegue domá-las.

— Me pergunto o porquê — Amelia escondeu uma risada — Elas têm se comportado de maneira extraordinária comigo. Se não lessem tão bem, eu iria me distrair ensinando. Não é ótimo que o pai tenha incentivado elas a estudarem um pouco? — a mulher continuou, os olhos brilhando — O meu pai já ouviu muitas coisas negativas por ter me ensinado alemão, por isso nem prosseguimos com o latim. Aqui as pessoas parecem ser mais abertas.

— Comparados às cortes de Carlos na França, o povo de Speyer é ignorante.

— Foi o que ouvi — ela concordou, bebendo um gole da sua água — O próprio imperador é bem instruído, não?

— É jovem e tem conhecimento — Levin afirmou com a cabeça — Se souber manejar isso, se tornará o que eu chamaria de inteligente.

— Como você? — ela disse, soando mais provocativa do que deveria e se repreendeu por isso.

— Sim — ele riu. Amelia tinha certeza de que, apesar de aquilo ser uma piada, ele se considerava daquele modo mesmo — Isso se minha esposa hábil não me superar e se tornar o meu novo padrão de medida.

— Jamais, marido. Nem a língua dos franceses fui capaz de aprender.

— *Tu n'en as pas besoin.* — Levin se aproximou do rosto dela em um tom sedutor — *Le français est pour flirter, alors je compte être le seul dans ta vie avec qui tu parleras d'amour.* — Essa parte foi dita aos sussurros no ouvido da mulher — *Et je comprends très bien l'allemand*[14] — ele se afastou com um sorriso convencido no rosto.

Ouvir ele falar em uma língua estranha e bonita e ainda tão perto de si fez Amelia perder a concentração no assunto em questão e encarar o homem com os olhos iluminados e a boca levemente entreaberta em admiração.

— O que significa?

— Algum dia prometo que te contarei. Mas não hoje.

— Sou obstinada. Posso descobrir mais rápido do que seus planos de me contar.

— Ah, estou contando com isso, *Gräfin*.

Amelia sorriu, dessa vez com uma pitada de orgulho aquecendo seu coração. Era a primeira vez que Levin se dirigia a ela como condessa.

— A propósito — o uso do título pareceu evocar algo nele — Me lembrei que tenho duas coisas para falarmos. Quer a boa notícia ou a ruim primeiro?

— A ruim — ela disse, se remexendo na cadeira, já ansiosa.

— Preciso que vá ao palácio em duas semanas para ser apresentada a Carlos e à corte.

— Certo — Amelia assentiu, relutante. Aquilo não parecia tão ruim. — Está preocupado?

— Não acho que você vá fazer algo de errado ou me envergonhar, se é

o que está pensando — Amelia estava — Mas eles não são tão agradáveis e eu gostaria de poupá-la.

— Obrigada — ela agradeceu e, em um gesto impensado, estendeu as mãos e apertou as dele. Os dois ficaram se encarando, em silêncio, até o homem pigarrear e dar a outra notícia.

— Leona me escreveu. Perguntou se pode vir nos ver nos próximos dias. Pensei em chamá-la na data que coincidiria com sua visita ao castelo. Não respondi ainda, para saber o que acha primeiro. Mas gostaria de dar um retorno a ela o mais rápido possível.

— Mesmo? — aquilo era verdadeiramente uma boa notícia para Amelia — Eu ia gostar muito disso, Levin. Ela é muito bem-vinda. — O sorriso dela ia de orelha a orelha — Toda a sua família é. Leona já veio para cá? Onde será que gostaria de visitar? Tenho muito o que planejar para recebê-la. — Ela encheu o marido de perguntas, mas, pelo que o conde sabia sobre mulheres, Amelia não queria realmente que ele se intrometesse em tais planos.

Levin podia sentir o entusiasmo dela, de tão contagiante que era, e ficou feliz por ela se comportar desse modo com a visita de sua irmã gêmea. Não que esperasse algo diferente de Amelia, mas ver o carinho que ela tinha por sua família em prática era um dos momentos que sentia aquela pontada no peito junto com uma vontade emergente de beijá-la.

Então foi isso que fez. Com movimentos rápidos e certeiros, o homem sentou na ponta de sua cadeira e com uma das mãos, puxou a da esposa para o seu lado, tomando cuidado para não desequilibrá-la. Quando Amelia estava próxima o suficiente, suas mãos foram para a nuca da mulher e ele colou seus lábios, pedindo passagem imediatamente com a língua.

Amelia ficou sem reação a princípio e o choque do beijo pareceu derramar uma neblina sobre ela, em que tudo que conseguia pensar era o homem a sua frente e as sensações que ele causava nela.

Mas, uns momentos depois, ela precisou de fôlego e a neblina se dissipou, fazendo ela arregalar os olhos e lembrar de sua resolução mais recente.

— Levin — ela chamou, tentando gentilmente empurrar os braços do

homem de si — Pare, deixe eu falar.

Quando se afastaram, o conde a encarava com um olhar questionador e preocupado.

— O que foi? Te machuquei? — ele examinou atento o tronco da esposa.

— Não. É que não acho que devemos fazer isso.

O conde continuava com o olhar de questionamento.

— Ouça, eu entendo que somos casados. E que isso vem com certas responsabilidades... em nossa cama, principalmente — Amelia forçou as palavras a saírem e desviou o olhar — Mas acho que temos ficado íntimos de formas desnecessárias e isso pode ficar perigoso.

Levin piscou algumas vezes, confuso.

— Não tenho certeza se te entendi, Amelia. De que formas desnecessárias temos ficado íntimos e que perigo haveria nisso?

— Veja bem — a mulher respirou fundo, procurando se expressar melhor — O casamento é um dever, certo? — Levin não concordava, mas achou melhor não interrompê-la. — Um dever onde devemos ter filhos, sermos prósperos e respeitosos um com o outro. Isso — ela indicava ambos com um gesto de mão — que acabou de acontecer, é desnecessário. E pode nos levar à lascívia.

Levin não pôde evitar de dar um riso incrédulo ao ouvir aquilo. O conde encarava Amelia atentamente, buscando alguma indicação de que ela estava fazendo uma grande piada. Entretanto, o rosto da mulher não indicava nada daquilo, então ele se levantou e passou a mão pelos cabelos nervosamente.

— Quem encheu sua cabeça com essas bobagens, Amelia?

— Não são bobagens — a moça replicou, parecendo muito ofendida com o comentário dele. — Ouça — ela se levantou, ficando de frente para ele — Sou sua esposa. Irei respeitá-lo, ser submissa a você e cumprir meus deveres íntimos. Mas minhas obrigações religiosas estão acima disso e acho que alguns afetos fogem do que é esperado de nós. Do que foi acordado quando nos juntamos.

— Eu não me importo que acordo fez isso começar — A voz de Levin estava saindo mais alta que o normal — Sou seu marido agora. Está dizendo que não posso tocá-la a não ser para termos filhos? Se eu quiser me apaixonar por você, vai me impedir?

Amelia ficou sem reação com as palavras dele, principalmente a última sentença. Não imaginou que ele fosse ficar tão bravo. Levin nunca perdia a compostura e agora ela conseguia ver veias raivosas saltitando pelo pescoço dele.

— Levin — ela chamou, procurando manter a calma — isso é pecado — Amelia disse a última palavra baixo e o homem fez um esforço descomunal para não rir com incredulidade — Toda essa paixão. Não é... não é natural. Podemos ser amigos, íntimos até, mas, por favor, só estou preocupada com a nossa alma.

— Amigos? — ele balançou a cabeça e não conseguiu segurar mais a risada — Faz com seus amigos o que faz comigo na cama, *Gräfin*? — ele estava sendo cruel e sabia disso. A ideia de se afastar como Amelia requeriu dele causava uma dor profunda dentro de si e a primeira solução que encontrou para lidar com isso era machucando de volta — Não pensava que era desse tipo — Levin se arrependeu das palavras no instante que elas saíram e ele viu a expressão de choque no rosto de Amelia, os olhos da mulher se enchendo de lágrimas.

Ela deu dois passos para trás, receosa, tateando para encontrar a parede atrás de si e, quando achou um suporte, se virou e saiu correndo na direção do quarto deles.

Levin ficou como uma estátua, olhando-a subir e, quando os passos na escada perderam o som, ele saiu furioso para o escritório, chutando longe as cadeiras que estavam pelo caminho e lançando no chão a taça de vinho quando ele terminou de beber num só gole.

Durante a noite, se amaldiçoou por não ter colocado almofadas mais altas no sofá do cômodo. Nenhuma posição ficava confortável em seu móvel. Mas Levin também não imaginou que algum dia teria que pousar fora do seu quarto.

Até considerou dormir em um dos quartos de hóspede, mas não fazia ideia de onde guardavam travesseiros e lençóis e imaginou que isso só daria

aos empregados algo para comentar pela manhã.

A única utilidade para sua falta de sono foi que o homem conseguiu se acalmar e pensar melhor sobre a situação. Despejou a sua raiva em lugares errados. Nada daquilo era culpa de Amelia, conhecia a esposa e as suas reações a ele. Ela não teria chegado àquela decisão se não tivesse sido influenciada por fatores da igreja.

"Malditos propagadores do medo" Levin amaldiçoou.

Precisava se desculpar. Precisava mostrar à Amelia um modo diferente de viver. E não faria isso punindo do mesmo modo que a igreja ensinava que Deus fazia quando estava insatisfeito.



Os criados foram os únicos que dormiram bem naquela noite nos arredores e, pela manhã, se algum deles desconfiou de algo entre o casal, não ousaram comentar entre si.

Amelia caiu no sono depois de tanto chorar e, quando sentiu a luz do sol batendo em si, virou para o outro lado, cobriu seus olhos com a manta e voltou a dormir. *Frau* Schielen entrou um tempo depois bem devagar no quarto para perguntar se ela estava se sentindo bem, visto que já tinha passado e muito da hora que a mulher costumava levantar.

A condessa apenas resmungou e, quando a mais velha perguntou se gostaria de tomar o café da manhã na cama, ela assentiu.

Se estava sendo infantil, Amelia não tinha energia para se importar. Estava machucada, mal-humorada e, para piorar, com medo de sair do quarto e ter que encarar o marido.

— O *Graf* saiu cedo — ela comentou, enquanto a *Frau* colocava leite em sua xícara, ajeitando a bandeja no colo dela. — Eu não vi quando ele acordou — Amelia esperava soar convincente para a outra não perceber que não fazia ideia do paradeiro de Levin. — Está no escritório?

A governanta assentiu.

— Ele saiu apenas para tomar seu café e retornou para dentro, *Gräfin*. Está escrevendo algumas cartas. Pediu para Otto passar lá perto do almoço para recolhê-las.

— Bom. Avise a ele que também estarei ocupada escrevendo, caso ele pergunte. E que eu gostaria de privacidade.

— É claro, como a senhora desejar.

Inicialmente, as cartas serviram como desculpa, mas não pareciam má ideia. Ela havia escrito para Ulrike quando chegou em Handschuhsheim e a amiga lhe mandou muitas páginas de resposta. Amelia até tinha começado a redigir algo, mas a amiga fez tantas perguntas e demoraria muito a responder todas elas. Por isso, deixou para um momento mais propício.

Tinha também trocado correspondências com sua mãe, mas Gerda não gostava de escrever coisas longas, então enviava várias em um período menor de tempo para a filha.

Aquela parecia a hora certa.

Obviamente não contaria para qualquer uma das duas todos os detalhes do que tinha acontecido, mas seria bom desabafar sobre o quadro geral dos seus problemas com alguém. Poderia servir para, pelo menos, diminuir a frustração de Amelia.

Ela começou contextualizando sobre os sentimentos novos que o marido despertava em si. A sensação de que havia borboletas dançando em seu estômago, o aconchego que sentia quando ele a pegava nos braços, o formigamento em seu corpo quando Levin a beijava. Ulrike, como a ávida leitora de lendas românticas e a pessoa que havia lhe ensinado todas essas expressões, compreenderia isso.

A condessa contou à amiga sobre sua conversa com a abadessa, sendo um pouco mais específica sobre os seus medos, pois a Neumann-Böning sabia de tudo que se passava na cabeça de Amelia desde sempre.

Imaginou a ruiva revirando os olhos ao ver seus questionamentos de fé pelo que deveria ser a milésima vez, e aquilo até trouxe a ela um certo conforto no fato de que as coisas que pensava não fossem tão graves.

A Besser franziu a testa quando colocou no papel “E na noite passada”

se perguntando o quanto deveria revelar. Não achava certo passar uma imagem ruim do marido para a amiga. Sua mãe sempre lhe ensinara que certos problemas deveriam ser mantidos dentro de casa. Sabia que Ulrike tinha grande admiração por Levin e não queria influenciá-la de forma negativa.

Por fim, decidiu que apenas diria que o conde não havia aceitado muito bem suas ideias e isso resultou na primeira briga entre eles.

Amelia sabia que teria que se resolver com Levin antes da resposta de Ulrike chegar, provavelmente até antes da sua carta chegar até Speyer, mas ter colocado aquilo para fora ajudou ela a pensar melhor.

Ainda estava magoada. E muito. Levin não tinha o direito de falar com ela daquela maneira e partia seu coração que, na primeira oportunidade, ele agisse de forma tão cruel. Amelia não havia feito nada para merecer aquelas palavras e jamais dera a entender coisa do tipo. Ele era testemunha de como ela tinha sentido dor na primeira noite que passaram juntos, prova do nervosismo e de sua inocência no assunto.

A condessa também não entendia qual era o grande problema para Levin. Não tinha se recusado a estar na cama com ele e, pelo que entendia, era disso que os homens gostavam. Seu marido causando uma tempestade por coisas como proximidade e paixão era incompreensível.

Porém, ela entendia que teria que agir com cautela. Lembrava das palavras de padre Enton pedindo um esforço para levar Levin para a igreja. Talvez ceder um pouco em algumas áreas fosse necessário para um ganho maior lá na frente.

Talvez Deus entendesse. E era só ela garantir que se confessasse a tempo que estaria salva.

O que Amelia precisava depois de passar a tarde inteira revezando entre escrever cartas, cochilar e ler uma hagiografia, era tomar coragem e descer para o jantar, para não causar nenhuma desconfiança nos criados. E também se segurar para não chorar caso o marido aparecesse e fosse rude com ela novamente.



— Meu pai mandou avisar a senhora que o conde te espera para jantar, *Gräfin* — Veronica disse, apenas a cabeça aparecendo na fresta da porta.

A mulher fez o seu melhor para sorrir para a menina e desceu segurando as mangas dos vestidos para disfarçar o quanto suas mãos tremiam. Odiava situações incertas. Gostava mesmo era de fugir de seus conflitos até que todas as partes envolvidas esquecessem e passassem a agir como se nada tivesse acontecido.

Levin estava sentado na cabeceira da mesa, o rosto em uma expressão ilegível olhando *Frau* Schielen trazer alguns pratos para a mesa. Quando viu Amelia, se levantou e puxou a cadeira do seu lado, aguardando até ela sentar.

— Boa noite, Amelia. — Foi tudo o que ele disse.

— Boa noite, *Graf*.

— *Frau* — ele chamou a governanta, quando essa fazia menção de arrumar mais itens na mesa — É o suficiente. Obrigado. Pode nos deixar a sós, por favor? — Amelia, que estendia um guardanapo no seu colo, travou por um instante com as mãos no ar.

Se Levin reparou, não deu indícios.

— É claro, *Graf*. Chame se precisarem.

Levin apenas deu um aceno de cabeça e a mulher deixou o cômodo.

Nenhum dos dois disse nada por um tempo. A tensão que havia no ar podia ser cortada com uma faca. Tudo que se ouvia era o barulho dos talheres se movimentando no prato para pegar comida.

— Amelia — Levin suspirou e chamou a esposa. Ela manteve seu olhar fixo na comida — Eu lhe devo um pedido de desculpas. — Ele deu uma pausa buscando alguma reação nela. Como não recebeu, continuou — Entendo que te chateei ontem. Eu não deveria ter reagido daquela maneira e nem ter falado aquelas coisas para você. Fui desrespeitoso e, por isso, peço

perdão.

— Obrigada — Amelia finalmente fitou o marido — Fiquei magoada com suas palavras e ouvi lá de cima as coisas quebrando. Me assustou um pouco.

— Sinto muito, de verdade. Me descontrolei e não pensei direito no que estava fazendo. Espero que possa me perdoar. — Levin tinha um olhar cheio de expectativas e aquilo parecia derreter o coração de Amelia.

— É claro — ela percebeu que os ombros dele relaxaram —Agradeço o pedido de desculpas. Mas, Levin — ela respirou fundo — quero que me desculpe também. Eu confesso que não entendo muito bem qual foi o motivo de alarde na noite passada, mas claramente não te considerei em muitos aspectos. Acho que fui muito dura nas minhas imposições e, por isso, eu sinto muito.

— Não se preocupe, Amelia. Você não me deve desculpas. Tem o direito de decidir o que posso ou não fazer com você.

— Levin, não quero que pense dessa forma. Mas, por favor, entenda: você não é o que eu esperava. Imaginei o casamento sendo uma coisa e está sendo algo totalmente diferente para mim.

— E isso é tão ruim quanto você fez parecer? — O homem a encarava, o rosto de volta com o olhar inexpressivo.

— Em partes, não — ela admitiu e aquilo lhe trouxe uma pontada de culpa — Alguns dias eu acordo e parece que estou vivendo em um sonho. E outros, é tudo muito assustador e incerto.

— Amelia — a mulher podia ver a mandíbula de Levin travando — Eu quero que saiba que tudo que eu faço é buscando sua felicidade. Não estou aqui querendo que renuncie ao que é importante para você, mas sim que veja como coisas para seu próprio bem.

Amelia sorriu com a sensibilidade das palavras dele. Se ao menos fosse assim tão fácil.

Mas ela não sabia explicar. E, no fundo, não queria deixá-lo se aprofundar tanto na sua mente. Então ela fez o que era mais confortável.

— Obrigada por isso. É um marido melhor do que tudo que esperei.

Espero que continue tendo paciência comigo.

Levin se inclinou para trás na cadeira e agora sua postura estava completamente relaxada, demonstrada pelo sorriso travesso que voltou ao seu rosto.

— Eu preciso facilitar quando você fofocar às suas amigas sobre mim. Já tenho fama de ser inteligente, rico, bonito e bom lutador. Estou na busca de adicionar excelente marido à lista de qualidades — O conde piscou e Amelia balançou a cabeça, desacreditada com o ego do homem, mas feliz, pois ele tinha conseguido deixar o clima na sala de jantar mais leve.



07

“Dê uma chance à paz. Deixe que seu medo se desfaça”

Say Yes to Heaven - Lana Del Rey

— E o que aconteceu depois? — Otillie perguntou, os olhos fixos em Amelia, com curiosidade para ouvir o restante da história.

— As árvores foram pedir ao espinheiro que fosse o rei delas — a mulher continuou, feliz pelo entusiasmo de ambas.

Essa tinha sido uma das histórias mais fantásticas que ouvira na igreja. Ela não tirava o mérito daquelas onde Deus tinha aberto o Mar Vermelho ou de quando o Senhor curou uma mulher que apenas havia tocado nele. Só que uma vez o padre Enton contou uma parábola de um certo juiz, sobre árvores escolhendo um rei para eles.[15] Aquilo tinha surpreendido Amelia, não imaginava que Deus dava aos homens criatividade para inventar histórias e, mais ainda, histórias sobre coisas impossíveis. Árvores falantes, veja só. Mas então ela se lembrou que Jesus contava parábolas também para ensinar e tudo fez muito sentido.

— Ao espinheiro? — Veronica franziu o rosto — Quem iria querer viver sob o reinado de uma árvore tão desagradável e perigosa?

— O povo de Deus quis. Lembrem que Jotão contou essa história depois deles terem escolhido Abimeleque para governá-los sem um motivo realmente válido — ela sorriu, orgulhosa por conseguir replicar o que aprendeu do padre.

— Então o espinheiro aceitou?

— Sim — ela assentiu — Ele pediu para que fossem até a sombra dele se quisessem mesmo que ele fosse rei. Disse que, caso contrário, sairia fogo dele e queimaria as árvores do Líbano.

— Por que as árvores do Libano? — a irmã mais velha questionou.

Amelia franziu o cenho. É claro que Veronica iria se atentar a esses detalhes.

— Não sei. Quando forem à igreja, perguntem ao sacerdote.

— Não podemos perguntar para Deus? — Foi a vez de Otillie perguntar.

— Como assim, Otillie? Quando vamos à igreja, perguntamos as coisas para Deus e Ele nos responde através dos homens que instituiu sobre o povo.

— Sim — a menina rapidamente se explicou — O que eu quero dizer é que, por que temos que esperar só pelos bispos para conhecermos algo sobre Deus? Podemos rezar pedindo coisas, não podemos pedir que Ele explique algo para nós?

Amelia fitou as duas meninas que a encaravam com um pingo de ansiedade estampada em seus rostos, esperando pela resposta da mulher. Elas que, com tão pouca idade, tinham coragem de fazer as perguntas que a condessa guardava no fundo de sua alma, escondidas em um lugar profundo, temendo que, se viessem à tona, poderiam causar o furor de Deus.

Mas ali, olhando para Otillie e Veronica, não soube o que responder. E não soube como repreendê-las também, então a Besser fez o melhor que pôde, acreditando que o Senhor teria misericórdia das circunstâncias dela.

— Vocês querem tentar perguntar para Deus? — As duas crianças assentiram com a cabeça freneticamente, animadas com a possibilidade.

— Certo, vamos lá — ela se levantou da cama, sendo seguida prontamente — Peguem seus terços. Vamos rezar.

Depois que as duas voltaram, ofegantes por terem descido e subido a escada apressadas (e provavelmente por tentarem despistar *Frau* Schielen, porque Amelia ouviu a mulher gritando lá de baixo para não correrem pela casa), as irmãs se dirigiram para o sofá e olharam sua senhora com expectativa.

A condessa respirou fundo, incerta sobre como exatamente faria aquilo. Mas indicou para as meninas se ajoelharem e enrolou o terço em suas mãos enquanto se juntava a elas.

Viu que as duas já estavam com os olhos fechados, então imaginou que era para ela tomar a liderança. Só que não sabia exatamente o que dizer. Não sabia nem se deveria estar fazendo aquilo. O que ela pediria? Como pediria?

Queria que existisse uma reza específica, mas duvidava que padre Enton veria com bons olhos isso, sendo que havia homens para quem Deus revelava as coisas na igreja.

— Pai Nosso — ela achou melhor começar pelo básico — que estais nos céus. Santificado seja o vosso nome. — Suspirando, ela foi em frente — Eu e as meninas queríamos saber sobre o Líbano na parábola de Jotão. O que isso significa? Sei que o Senhor já deu revelações a homens específicos e não estamos aqui tirando a autoridade do Papa ou dos seus outros sacerdotes, mas, se o Senhor pudesse nos ajudar e nos ensinar, vamos ficar muito agradecidas.

— Por favor, Deus, o senhor está nos ouvindo? — ela ouviu a voz de Otillie sussurrar e o seu coração apertou pela menina. Iria levantar e não saberia o que dizer.

"Por favor" a condessa pediu, sem emitir nenhum som *"Não por mim, mas por elas. Diga alguma coisa."*

E, de alguma maneira, algo clareou em sua mente ao se levantar. Era como se uma voz tivesse dito a ela exatamente o que falar. Se alguém perguntasse como, Amelia não saberia explicar. Mas, dentro de si, ela ouviu uma verdade que era como um cobertor em um dia frio, como se fizesse um carinho em sua alma. E ela acreditou naquilo.

— Os justos vão crescer como o cedro do Líbano[16]. É uma árvore de uma região especial, que produz madeira nobre, com uma cor bonita e um perfume agradável.

— Então o espinheiro queria destruir logo essas árvores? — o queixo de Veronica caiu — Que absurdo.

Otillie cruzou os braços em concordância com sua irmã e Amelia riu da atitude das meninas.

Ao dispensar ambas, Amelia não sabia se aquilo que tinha escutado era Deus ou não. Mas foi a primeira vez que olhou para os céus e pensou que, se aquela gentileza que sentira vinha do Senhor, teve vontade verdadeira de amá-lo.



O bordado das novas colchas tomou grande parte dos dias de Amelia, e *Frau* Schielen pareceu satisfeita ao vê-la incumbida da tarefa. A governanta havia se sentado silenciosamente com ela nas primeiras vezes que a dona da casa se empenhou na atividade, mas chegou um momento que discretamente colocou os tecidos de seu próprio monte junto aos de Amelia e se retirou.

Bordar não era a tarefa favorita da mais velha, nem a mais importante na casa, e, embora a condessa apreciasse o esforço dela em lhe fazer companhia, sabia que o dever vinha primeiro.

A princípio, a Besser pensou em usar as imagens da capela do condado como inspiração, mas duvidava que Levin, sendo do tipo não ligado à religião, apreciasse dormir com lençóis adornados com o rosto de Jesus ou dos santos. Além disso, seu marido demonstrava grande interesse em artes que representassem o mar, algo evidente nas peças penduradas pela casa. Convencida de que estava tudo bem negligenciar as imagens religiosas, Amelia decidiu bordar um céu noturno na praia.

Algumas horas após o início, e com apenas um furo de agulha nos dedos, o que certamente deixaria Ulrike orgulhosa, a condessa encarou o trabalho, satisfeita. Era pouco, mas estava progredindo. O lençol era extenso e pesado, e o bordado de grandes luas em contraste com pequenas estrelas e algumas ondas quebrando, davam à peça um ar familiar e divertido. Os contornos em roxo, vermelho e azul, apesar de pouco realistas, conferiam uma aparência vibrante.

Tão imersa no trabalho, Amelia mal percebeu que a xícara de chá, junto aos *krapfen*[17] que *Frau* Schielen deixou, haviam esfriado. Ela observou o formato peculiar dos doces fritos, que, a essa altura, deviam estar murchos, e fez uma nota mental de pedir à governanta que preparasse mais na próxima vez que fosse visitar o convento. As irmãs sempre apreciavam o sabor dos doces após a refeição de quebra de jejum.

Terminando sua meta de bordado para aquele dia, Amelia colocou o

tecido cuidadosamente ao lado na cadeira e se espreguiçou ao levantar. Desta vez, lembrou de verificar os lugares por onde tinha passado, para garantir que nenhuma agulha tivesse ficado no cômodo.

"Ulrike ficaria realmente orgulhosa de mim", a Besser pensou, mas lembrou que a amiga não tinha grande moral para orientá-la nesse ponto, já que sempre deixava agulhas espalhadas pela *Badezimmer*, e Amelia vivia cortando o pé por causa disso.

O fato de Ulrike levar agulhas para a sala de banho era algo que escapava ao entendimento da loira, mas suspeitava que a outra se escondia ali para cochilar, levando o kit de costura apenas como uma desculpa para não ser perturbada.

Com esse pensamento, Amelia começou a descer para supervisionar o início da preparação do jantar. No entanto, se conteve na escada ao se deparar com uma cena, no mínimo, curiosa.

— O que estão fazendo? — ela esticou o pescoço para olhar as meninas. Ambas estavam encolhidas em um canto com um papel na mão e os olhos arregalados, indício de que estavam lendo o que não deveriam.

As filhas de Otto deram um pulo assustado ao ouvirem a voz da condessa e se viraram para Amelia. Otillie tinha ficado mais pálida, se é que isso era possível, mas Veronica se recuperou mais rápido, passando a usar um olhar de desentendida.

— Nada — soltou rapidamente.

— É só uma carta — A menor falou ao mesmo tempo que a irmã.

— Ora, só uma carta não pode ser nada. Por que estão tão assustadas? Sabem que não ligo de usarem seu tempo aqui para estudar.

— Sim senhora, sabemos — Otillie corrigiu, pois não queria que Amelia pensasse que a estavam enganando — É que estávamos lendo correspondências antigas do papai.

— Otillie — Veronica repreendeu.

— A *Gräfin* iria descobrir de qualquer forma — ela deu de ombros.

— Como ela iria descobrir, sua idiota?

— Veronica — Amelia chamou, elevando o tom de voz — Não fale assim com sua irmã.

A menina estava prestes a dizer algo, mas o olhar no rosto de Amelia fez com que se calasse.

— Vocês têm consciência que o que fizeram foi errado, certo?

Otillie assentiu rapidamente e Veronica o fez mais relutante.

— Me desculpe, *Gräfin*. Por favor, não fique brava. Estávamos apenas preocupadas.

— Preocupadas com o quê? Podem vir a mim e a *Frau* Schielen para o que precisarem.

— Não queríamos incomodar a senhora com tolices.

— Bobagem, prometi a seu pai que me responsabilizaria pelo bem-estar de vocês. — Ela agora estava determinada — Vamos, falem. Qual o problema?

— As conversas na cidade não são boas, Gräfin. E de acordo com a carta do papai, o herege... — Veronica sacudiu a cabeça — Não gosto nem de dizer.

— Ele queimou a bula papal, senhora — Sua irmã respondeu e Amelia soltou uma exclamação, apavorada.

Primeiro, porque nenhuma das duas tinha idade para se inteirar desse tipo de assunto. Pelo visto, a cautela de Speyer para não tratar certas coisas na frente de crianças não se aplicava ali.

Cuidando com o que diria na frente delas, Amelia finalmente refletiu sobre a notícia que as meninas haviam dado.

No passado, a condessa considerou que Lutero pudesse ser apenas um fraco na fé, depois chegou à conclusão de que ele tinha ficado louco, mas agora estava convencida de que ele era um blasfemador da pior espécie. Como ele ousava desafiar a autoridade do Senhor na terra? Amelia se sentiu meio sem ar.

— Senhora? — as meninas se entreolharam, preocupadas — Está se sentindo bem?

— Não — ela admitiu — Por Deus, não estou me sentindo nada bem. Não queria dizer isso, mas não sei se o purgatório é lugar para Lutero. Depois do que ele fez, ele assinou sua própria condenação ao inferno eternamente.

Amelia achava que a excomunhão dele seria proveitosa. Talvez assim o homem poderia se arrepender dos seus erros e, se permanecesse na humildade, ainda poderia se salvar e ser aceito por Deus novamente. Não era o caso mais. Ele caiu da graça de Deus, estava certa disso.

— Misericórdia, *Gräfin*, não diga isso — Veronica fez o sinal da cruz, com medo.

— Meninas — ela falou seriamente, encarando as duas — Não há salvação fora da igreja. Lutero não se recusou a se submeter só às ordens de Leão, mas ele está indo contra o próprio Espírito Santo que fala na boca dele. Entendem como isso é grave? — elas assentiram, um pouco chocadas pela dureza das palavras. — Nunca se esqueçam disso, temos que obedecer se quisermos sermos salvas do inferno.

— Eu entendo, senhora, mas às vezes me pergunto por que é tão difícil fazer Deus nos amar a ponto dele nos salvar?

— Nosso pai, mesmo com poucas condições, daria a vida dele para nos livrar do inferno, se pudesse. Já Deus parece que nos segura por um fio em cima do lago de fogo, pronto para nos derrubar lá ao primeiro sinal de fraqueza. — Veronica estava sussurrando ao finalizar seu desabafo.

Se elas dissessem isso na confissão ao padre, seriam repreendidas duramente, acusadas de blasfêmia e teriam que pagar penitências. As três sabiam disso, mas Amelia não tinha feito menção de interrompê-la porque, em seu coração, também se perguntava aquilo.

— Eu sei — foi tudo que ela conseguiu oferecer para confortar as meninas — Mas vai passar, me ouviram? Alguns anos no purgatório e não teremos que nos preocupar com mais nada disso — a condessa conseguiu sorrir, buscando acalmá-las. — Agora vamos, sei que tem muito a fazer. Não deem ouvidos a esses homens que buscam atingir o povo simples de Deus.

As duas assentiram e estavam prontas para descer junto com ela quando um barulho do lado de fora chamou a atenção.

— Parece que o conde chegou mais cedo em casa hoje — Amelia disse,

só para atestar o fato, mas seu estômago deu cambalhotas com a ideia.



— Levin? — ela desceu as escadas, chamando o nome do marido, indo na direção de onde tinha ouvido seus passos.

Amelia o encontrou no escritório que ele gostava de usar para ler e guardar seus equipamentos de batalha.

— Levin? — ela chamou novamente, empurrando a porta. Sabia que ele não se importaria. Tinha percebido que, quando o homem queria privacidade, ele trancava o cômodo. Dessa vez, tinha deixado apenas levemente encostado.

Ele se virou e sorriu quando a viu e Amelia podia jurar que esse sorriso causou dor física em seu coração. Levin tinha um dom de olhar para ela como se ela fosse a coisa mais preciosa que seus olhos já viram e ela se sentiria tentada a retribuir o olhar, se ao menos soubesse fazer de forma tão bonita quanto ele.

— *Gräfin* Besser.

— Pare — ela corou, se aproximando — Por que insiste em me chamar com tanto decoro?

— Gosto de saber que você tem meu sobrenome — ele deu mais um passo para perto dela.

— Somos casados — Amelia disse, simplesmente.

— De fato. E é por isso que levarei você para um piquenique hoje. Só nós dois. Quero que conheça um lugar.

— Acha apropriado? Você não deveria estar trabalhando?

— Não conheço uma alma viva nessa cidade que ousará me repreender.

— Exceto eu — a condessa sorriu com a ideia.

— Exceto você, esposa — Levin assentiu.

— Me dê alguns minutos para preparar as coisas.

— Leve aquela colcha colorida que está tecendo para nós. Vai esfriar — ele pediu e beijou a mão dela antes da mulher se afastar.

Amelia teve que se conter para não subir as escadas dando pulinhos infantis e jogou para bem longe da sua mente aquela vozinha que ameaçava irromper em pânico dizendo que ela estava pecando. Todo mundo agia assim no casamento, não deveria ser tão ruim assim, certo?

Ela já tinha feito piqueniques com as amigas antes, mas nunca com um rapaz, então, enquanto dobrava a colcha, olhou ao redor se perguntando se deveria levar mais alguma coisa além do tecido e da comida.

"Uns travesseiros cairiam bem"— pensou, olhando para as peças em sua cama.

Por fim, decidiu apenas por uma colcha extra. Poderiam dobrar e se acomodar em cima.

Estava grata por ter lembrado do dia que Veronica mostrou a ela grandes cestas guardadas na despensa, que a menina comentou serem próprias para um piquenique, assim nem precisou da ajuda de *Frau* Schielen para colocar dentro tudo que precisava, desde comida até utensílios.

Amelia se apressou para encontrar o marido na porta e Levin a olhou de cima a baixo com um sorriso divertido.

— Foi rápido — o homem estendeu a mão para pegar os itens que ela segurava — Está tão animada assim?

— Gosto de conhecer novos lugares — ela disfarçou — Gosto de natureza e de comida. Meu ânimo tem razões.

— Longe de mim presumir que estava animada por passar tempo comigo, *Gräfin* — ele riu.

— Você tem seus méritos — Amelia disse, entrando na brincadeira. — Vamos usar a carruagem?

Levin negou com a cabeça.

— Teríamos que levar um condutor. Prefiro ir a cavalo. Já montou, presumo?

— Não sou um desastre, mas nunca conduzi sozinha. — A mulher admitiu um pouco envergonhada pelo que aquilo significava. Com Levin sabendo desse fato, ele nunca iria deixá-la por si só em um cavalo.

— Não se preocupe. Aqui — ele indicou para um cavalo já com sela, amarrado na cerca da entrada — Vou carregar as coisas e subir. Te pego na sequência. Imagino que tenha ido nas costas, certo? — Amelia assentiu — Vou te colocar na minha frente. — Vendo o olhar questionador que ela lhe lançava, explicou — Assim você consegue manusear as rédeas. Não posso deixar você sem saber como cavalgar sozinha. Pode precisar algum dia.

Amelia esperava que não precisasse, mas não discutiria.

— Venha — ele pediu e a mulher estendeu os braços para que o marido a ajudasse a subir.

Levin a levantou com tanta facilidade que ela desconfiava que não pesasse mais para ele do que um saco de lã. Ele a ajeitou e, sem aviso, passou os braços por trás dela. Com muita naturalidade, encaixou a cabeça entre o pescoço e o ombro da esposa.

Amelia prendeu a respiração sentindo-o tão perto.

— Aqui — Levin indicou, pegando as mãos dela e conduzindo até a rédea — Precisa deixá-lo sentir que está confiante. Comece devagar. Isso, perfeito — ele murmurou em aprovação quando começaram a se mover.

— Não fique com as costas tão tensas, vai se cansar com facilidade — o conde orientou — Pode encostar em mim.

Amelia hesitou em primeiro momento, mas teve que ceder, afinal Levin tinha razão. Ela já tinha um péssimo hábito de postura devido às leituras e ao tempo que passava no jardim, com certeza não conseguiria se dar ao luxo de ficar tanto tempo ereta.

O calor do corpo de Levin imediatamente a tomou quando ela relaxou e recostou para trás, os braços dele a envolvendo e a cabeça dela encaixando perfeitamente embaixo da dele. Era reconfortante. Amelia fechou os olhos por um instante, apreciando a calmaria do momento.

Levin, entretanto, não estava satisfeito em deixá-la apenas relaxar, se empenhando em dar instruções pelo restante do caminho para melhorar o seu

jeito de cavalgar.



O lugar que Levin queria mostrar a ela, acabou sendo ao norte do distrito, Tiveram que passar por várias clareiras, mas enfim chegaram a um flanco no topo, que fazia os pontos majestosos de Heidelberg parecerem pequenos.

Abaixo, o Rio Neckar corria em sua tranquilidade, o sol se preparava para seus últimos momentos do dia e nenhum som além da natureza era ouvido pelo casal.

— É espetacular — Amelia exclamou, sorrindo para o marido quando desceu do cavalo e se aproximou da beira da montanha.

Levin concordava. Ele gostava da calmaria e de ter um espaço para se desligar. Para ele, Dossenheim era seu lugar de conforto. Mas, naquele dia em particular, não foi a vista do rio, da cidade ou da natureza que o fez responder, mas sim a mulher que fitava o horizonte, parada de frente para o cenário, com os raios de sol batendo nos cabelos dourados dela.

— É sim.

Amelia sorriu, alheia ao fato de que ela e o marido não estavam falando da mesma coisa.

— Olhe as plantas. Tem tantas espécies. Posso arriscar e dizer que algumas até irão frutificar em um futuro próximo.

— De todas as vezes que vim, raramente vi frutos, mas quem sabe você traga sorte.

— Terei que retornar no verão. Acredito que consigo refazer o caminho, mas, pensando bem, não sei se é prudente que eu venha para cá sozinha. E também não quero me impor no seu lugar.

— Amelia, nem sonhe em vir para cá sozinha — a expressão dele se fechou — Viu como o terreno é íngreme e as clareiras são abandonadas?

— Por isso que eu disse que não sabia se era prudente — ela revirou os olhos com a reação dele — Ainda não perdi o juízo.

Levin limpou a garganta.

— Quando quiser vir, me avise. A qualquer momento, mesmo. Não invadirá meu lugar. O que é meu é seu, lembra?

Os olhos da mulher se iluminaram.

— Eu gostaria muito disso.

O casal se ocupou com a comida e bebida que tinham trazido, com Levin deitado de costas apoiado nos cotovelos e Amelia próxima das pernas do homem.

Quando tudo que restava dos bolos eram grãos que insistiram em cair na colcha, a condessa se deitou, apreciando a vista das árvores e as nuvens que pareciam formar desenhos no céu.

Ela sentiu o olhar do marido em si e se virou, encontrando Levin com os olhos fixos nela.

— O que foi?

— A minha vista é mais interessante do que a sua.

— Ah — ela voltou a olhar para cima — Eu duvido muito.

— Tanto que eu estou enciumado — o conde se pôs em cima da mulher, se sustentando com as mãos ao lado do corpo dela, tomando cuidado para não colocar seu peso em Amelia.

— Não seja bobo.

— Eu tenho que confessar uma coisa. Pensei muito em trazer você aqui. Mas, na minha imaginação, você estava diferente do que estava agora. — Amelia franziu a testa — Você estava usando menos roupas.

— Levin — A condessa arregalou os olhos e fez menção de sair debaixo dele, sendo impedida pelo homem.

— Ora, vamos, Amelia. Você tem o poder de fazer um pobre homem muito feliz — ele agora sussurrava na orelha da mulher.

— Está de dia. E estamos em público.

— Ninguém vai chegar — A boca dele se transformou numa linha dura — Eu não faria isso com você.

Aproveitando o silêncio da mulher que se seguiu, Levin se abaixou e começou a dar beijos leves na clavícula dela, e Amelia teve dificuldades em elaborar seu próximo argumento.

— Não é apropriado.

— Amelia — ele a encarou, a seriedade tomando conta de todas suas feições. — Nenhuma das razões que deu é válida. Se não quiser, minha intenção não é te forçar ou te deixar desconfortável. Mas o que preciso saber é: você quer experimentar?

E Amelia queria. Deus a perdoasse, mas ela queria. A possibilidade, por mais absurda que soasse, deixou os pés dela formigando e a boca seca.

Ela não sentia confiança para fazer muito senão assentir.

— Você confia em mim? — Levin perguntou e ela assentiu novamente.

E as chamas tomaram conta do casal.



08

Eu te contarei meus pecados, para você afiar sua faca

Take me to church – Hozier

— Está nervosa? — Leona perguntou, encarando as mãos inquietas da cunhada.

Ela tinha chegado há três dias e passou todo o tempo possível com Amelia em passeios pela cidade. As duas haviam explorado Heidelberg com um misto de curiosidade e encantamento, principalmente a praça principal. Lá, as barracas de comerciantes vendiam pães de centeio e linguiças defumadas, e o cheiro de alembiques de cerveja recém-feita se misturava ao ar fresco da manhã.

Até que não tiveram mais escapatória e chegou o dia que Levin pediu à esposa que se apresentasse na corte de Carlos. Por isso, a condessa estava com a cunhada atrás da porta que dava acesso à sala do trono, esfregando as mãos uma na outra.

Amelia esperava que ninguém notasse seu hábito desagradável de arrancar a pele frágil que tinha ao redor das unhas. Sua mãe dava tapas discretos (e bem dolorosos) quando a pegava fazendo isso e também já havia notado o revirar dos olhos de seu marido quando ele via os pequenos machucados nos seus dedos.

Ao contrário de Gerda, Levin discretamente afastava as mãos dela uma da outra, impedindo que a esposa continuasse.

Amelia tentava não demonstrar o quanto ficava tocada com o cuidado.

— Como notou? — ela soltou um comentário irônico, que não passou despercebido pela cunhada.

— Cruzes, já entendi — Leona ergueu as mãos, em rendição.

— Queria que pudesse ir comigo — Amelia torceu o nariz — Sinto que eles vão me comer viva.

— Provavelmente — a Besser mais velha deu de ombros.

— Leona — ela exclamou, agora com um olhar horrorizado.

— Ora, você sabe o que sua mãe diz sobre eles. Vão tentar achar um motivo para te derrubar. Todos querem ver você falhar — Leona fez uma careta — Aquelas cobras.

— Me admira que a corte de Carlos se autodenomine cristã — a loira deu um suspiro.

— Nem sempre as pessoas são o que se proclamam ser. Os acontecimentos em Wittenberg provaram isso — Leona respondeu e Amelia estava prestes a concordar com ela, mas, ao fitá-la, percebeu que havia algo diferente no modo como ela falava dos hereges. Era como se Leona não estivesse se referindo à Lutero ter se passado por um servo empenhado do Senhor.

— Sim, de fato — tentou induzir a cunhada a falar mais — Quem imaginaria que um suposto homem de Deus teria as intenções de desviar o povo?

Só recebeu silêncio por parte da outra.

— Concorda, Leona? — Amelia insistiu.

— Sim, claro — Leona pareceu ter acordado de um transe — Mas não se preocupe — a moça sacudiu a cabeça, como se quisesse afastar algum pensamento que a assolasse, e voltou a se concentrar no cabelo de Amelia. — Meu irmão estará lá para garantir que tudo corra bem.

— Assim espero — ela ajudou Leona a ajeitar um fio rebelde que insistia em cair na testa dela, mas suspirou ao lembrar — Gostaria também que ele entrasse comigo.

— Eu sei. Mas você precisa mesmo fazer isso sozinha, é a tradição.

— Estou bem?

— Está linda. Lembre-se de quem você é e aja de acordo. Pode ir. — A cunhada deu um aceno encorajador e Amelia assentiu para os guardas anunciarem sua presença.

— A condessa Amelia Besser, *Majestät*, da casa Hohl.

Ela conseguiu esconder o nervosismo quando as portas foram abertas e andou com passos firmes até o trono, a cabeça erguida e não fitando os seus arredores em momento nenhum.

Aquele gesto podia transparecer confiança, mas Amelia tinha a impressão de que desmaiaria se olhasse para algum outro rosto na sala.

Ela alternava seu olhar entre Carlos, que estava sentado confortavelmente em seu trono, e Levin, ao lado do imperador, a postura tranquila olhando para ela de cima da pequena escada que ali havia.

Amelia primeiramente beijou o anel do Arcebispo e, na sequência, se afastou para se curvar em reverência ao rei. Ao ouvir ele se dirigindo a ela, se pôs ereta para fitá-lo.

— É uma honra, *Eure Majestät.*

— Seu marido me falou muito bem de você, *Gräfin* — Carlos afirmou, encarando-a de cima a baixo, e Amelia viu, pelo canto do olho, que Levin desviou momentaneamente o olhar do dela, colocando sua melhor feição de desentendimento.

— Fico feliz de ouvir que tenha bons comentários sobre mim.

— Espero que sua acomodação em Handschuhsheim tenha sido satisfatória. Levin especificamente me pediu aquela área, devido à proximidade com a igreja de São Pedro para a senhora. — Amelia ficou surpresa com a informação, mas conseguiu se recuperar para não deixar que sua face mostrasse.

— Sim, *Majestät*. Fui muito bem recebida e o local é mais do que eu poderia esperar, estou muito grata.

— E como vão as terras de Niederbayern? Confio que continuem prósperas? — Amelia fincou as unhas nas mãos. Não era segredo para ninguém que o trono do Império Sacro-Germânico, desde os tempos de Maximiliano, desejava anexar a propriedade aos tesouros reais.

— As últimas notícias que tive acesso da propriedade mostram que as colheitas continuam aumentando. — ela preferiu ir pelo caminho mais curto.

— Excelente — Carlos assentiu, mas não parecia tão satisfeito com a resposta dela — E assumo que podemos confiar na sua lealdade pela igreja,

então?

Aquilo pegou Amelia desprevenida e ela viu Levin se mexendo, desconfortável.

— *Majestät*? — ela não queria ter titubeado, mas estava verdadeiramente confusa com o rumo das perguntas do imperador.

Carlos riu, sendo acompanhado pelo resto das pessoas que estavam no salão.

— Estão todos muito nervosos com isso hoje em dia, não? — o imperador exclamou, se dirigindo ao arcebispo à sua direita, que não parecia achar a menor graça — Quem diria que esses tempos chegariam — e se voltou para a moça — Ouvi que sua fé e dedicação são louváveis. Espero que consiga convencer seu marido a se dedicar à religião tanto quanto ele se dedica às minhas tropas.

— Tenho certeza de que a dedicação do conde é suficientemente boa para servir a *Eure Majestät* e aos interesses da igreja — Amelia controlou a própria voz para não gaguejar.

— Rá. Excelente. Gosto de você, *Gräfin* — ele desviou o olhar dela para olhar para Levin — Você pegou uma das boas, Besser. — Carlos não pareceu incomodado com a expressão de dureza no olhar do homem — Diga-me, é admiradora de minha tia e seus ideais?

Desse assunto a mulher sabia falar tranquilamente.

— Com certeza, *Majestät*. Tenho acompanhado a trajetória da rainha Catarina, sua dedicação à graça de nosso Senhor Jesus e o trabalho dela como consorte. Muito me agrada.

— Excelente. *Herr* de Croy — o primeiro-ministro se aproximou do trono — Arranje para que a condessa possa enviar correspondências para Catarina de Aragão. Garanta que a rainha saiba que fui eu que providenciei essa interação e que acredito que será muito proveitoso.

— Sou muito grata, *Majestät* — O rei fez um gesto com as mãos para dispensá-la e, com outra reverência, Amelia se afastou. Sentiu a mesma frieza que sempre acompanhava esses encontros protocolares com a realeza. A formalidade parecia engolir tudo ao redor.

“Te vejo em casa”, disse mentalmente, seus olhos encontrando os de seu marido. O olhar dele foi o único resquício de emoção que conseguiu perceber, um pequeno deslizamento de seu usual rigor. Ele a compreendia, mesmo em silêncio, e isso era o suficiente.

Enquanto se retirava, o pensamento de Amelia voltava à rainha Catarina. A oportunidade de se comunicar com a rainha trazia uma alegria imensa para o seu coração. A aura da rainha era uma presença constante no continente. Catarina era uma figura misteriosa, reverenciada por uns, criticada por outros, mas sempre imponente. O que se via dela era uma imagem distante, quase inatingível, mas Amelia sentia uma curiosidade crescente.



Amelia estava deitada em sua cama, enrolada nos cobertores com um de seus livros em mãos. Tinha achado esse sobre sereias na biblioteca do marido e estava imersa nas descrições de avistamento e no que os estudiosos diziam sobre essas criaturas.

Ulrike ficaria muito decepcionada se Amelia contasse o que leu no livro, pois a moça via as sereias como seres mágicos, mulheres lindas que seduziam homens e viviam romances épicos e proibidos com marinheiros. Aparentemente, elas eram na verdade animais marinhos peculiares, e mais assustadoras do que bonitas.

A mulher estava tão concentrada na leitura que não notou os passos se aproximando. Quando sentiu a cama afundar ao seu lado, por um instante teve medo de se virar e ver a criatura medonha que vira nas gravuras.

O fato de ser apenas Levin encarando-a com curiosidade não impediu Amelia de dar um gritinho e um pulo assustada, tacando o livro na direção dele.

— O que está fazendo aqui? — ela levou uma das mãos ao peito, a respiração acelerada.

— Eu moro aqui — ele disse, como se não fosse a resposta óbvia e Amelia arqueou a sobrancelha para ele — O que te deixou tão assustada? — Levin pegou o livro que agora estava no seu colo para o folhear — Sereias? Gosta dessas coisas?

— O conceito me interessou — ela deu de ombros e se estendeu para pegar o livro das mãos dele — Desculpe não ter ficado arrumada para te receber.

— Não se preocupe — ele negou com a cabeça e se ajeitou melhor na cama, enquanto tirava as botas — Está tarde.

— Você jantou? — Amelia perguntou, preocupada em estar negligenciando seus deveres — *Frau* Schielen fez bolo de carne, quer que eu esquente para você?

— Comi no palácio, Amelia, fique tranquila — ao ver a expectativa no olhar dela, ele acrescentou: — Obrigado por se preocupar com meu bem-estar.

— É claro — a mulher pareceu satisfeita com a resposta dele — Como foi o seu trabalho?

— Estou exausto — ele deitou e fechou os olhos, massageando as têmporas, e essa resposta disse muito à Amelia. — Todos queriam me parabenizar pela nova condessa. — Aquilo a fez sorrir.

— Aqui — se aproximou do homem, pressionando os dedos na sua fronte e fazendo movimentos circulares — Minha mãe me ensinou o jeito certo de massagear. Deixe que eu faço.

Levin não disse nada, só assentiu e deixou a esposa continuar. Soltou um suspiro de alívio enquanto a tensão e o stress pareciam deixar o seu corpo quanto mais ela repetia o movimento. Sem perceber, ele se achegou para mais perto dela e, logo, para se ajeitarem numa posição mais confortável, estava com a cabeça deitada no colo de Amelia.

— Está melhor? — ela perguntou depois de um tempo, mas percebeu que o peito dele subia e descia em um ritmo muito regular. Levin tinha pegado no sono.

Amelia sorriu com a realização, feliz por ter conseguido aliviar um

pouco do fardo dele. Queria conversar sobre os acontecimentos da corte, mas aquilo poderia esperar. Sabia que nem sempre as pessoas queriam reviver o dia no trabalho imediatamente, então ficou o observando por um tempo.

Estavam indo dormir tarde por esses dias. O marido chegava do trabalho e queria passar tempo com Leona antes de se recolher. Às vezes, Amelia não aguentava ficar com eles na sala conversando e dava boa noite mais cedo. No dia da chegada de Leona, a condessa acordou sem o marido do lado e, quando desceu para procurá-lo, encontrou os gêmeos tomando café da manhã, o rosto da cunhada sendo um indicativo de que eles tinham passado a noite em claro.

Leona foi dormir após o café, pedindo a Amelia algumas horas até que a chamasse para sair, mas a condessa ficou morrendo de pena do marido, que teria que ir trabalhar tão cansado. Quando disse isso a Levin, ele riu, acariciou o rosto dela e disse:

— É muita gentileza se preocupar, mas não é nada comparado ao meu treinamento.

Ela assentiu, porque às vezes esquecia que, antes de ser um conde, ele era um guerreiro.

Amelia não queria mover a cabeça de Levin, que parecia tão confortável deitada em seu colo, então só se esticou para enrolar as cobertas nele também e se deitou, aproveitando para dormir passando as mãos no cabelo macio do homem.

De algum modo, durante a noite, eles se enroscaram e, ao acordar, ela sentiu os braços de Levin ao seu redor e a respiração dele batendo em sua nuca.

Estranhou ele estar dormindo ainda, visto que costumava acordar sempre primeiro, e fez o possível para tentar não incomodá-lo quando se mexeu.

— Você esquece que sou um soldado. — Amelia ouviu Levin murmurar e achou graça.

— Achei mesmo que estivesse dormindo. — Ela se virou, a ansiedade a tomando para sair do abraço, e os dois ficaram deitados cara a cara.

— Infelizmente, meu corpo é um relógio. Mas a disciplina tem seus benefícios.

— E por que não me acordou também?

— Não tinha necessidade. Estava te vendo dormir. Ontem tenho certeza de que fez o mesmo comigo.

Ela corou, puxando as cobertas até o pescoço, com o desejo de se esconder debaixo delas.

— Você parecia exausto — Amelia tentou desconversar — Foi por causa da nossa visita ao Palácio?

Levin rapidamente negou com a cabeça.

— Você se saiu muito bem. Carlos ficou satisfeito. Ele não teria intermediado uma conversa sua com a rainha Catarina caso não tivesse gostado de você.

— Fico feliz que atendi as expectativas — Amelia sorriu, aliviada — Não me leve a mal, mas eu terei que estar sempre por lá?

— Não se preocupe — ele riu — Não precisa ir ao castelo mais, se não quiser. Alguns eventos oficiais podem surgir, mas o imperador sabe que minha própria participação não é esperada. Entretanto, achei que gostaria do palácio — Levin franziu a testa.

— Ele é admirável — a mulher concordou — Meus olhos queriam ver cada detalhe. Mas confesso que são muitas formalidades, até para meu gosto.

— Você é nata, Amelia. A nobreza te cai bem — Levin garantiu segurando o queixo da esposa com a ponta dos dedos — Você pertence àquele lugar, não se esqueça. Mas fique tranquila para decidir quando quer retornar.

— Obrigada, Levin — Amelia sorriu, feliz com o modo que as coisas tinham ido. Mas lembrou da fala do marido e a preocupação tomou seu rosto — Quer me contar o que te incomodou ontem então?

Levin suspirou, avaliando o que poderia compartilhar com ela. Por fim, se decidiu por aquilo que era de conhecimento público, mas, pelo bem do diálogo com a esposa, deu alguns detalhes adicionais.

— As coisas em Worms não vão bem. Em breve, o rebelde será recebido para uma audiência. Frederico lhe deu um salvo-conduto para comparecer e depor.

Aquele assunto despertava os mais diversos sentimentos em Amelia: medo, curiosidade, ódio e tristeza. Ela resolveu ir pela curiosidade naquele dia, pois percebeu que o marido gostaria de conversar sobre.

— O Eleitor da Saxônia?

— Sim — Levin se sentou na cama e ela imitou o gesto — Eu não estava a serviço na ocasião, mas sua majestade tem relatos de um reformista que foi condenado em Constança após receber um salvo-conduto da Igreja. Então o Eleitor deu a ele uma garantia própria.

— Imagino que o Núncio Papal não ficou feliz com a atitude do príncipe.

— *Humpf* — o rosto de Levin se fechou, ao lembrar do homem — Girolamo não fica feliz sob nenhuma circunstância, mas podemos dizer que essa, particularmente, está o deixando mais desagradável.

— Não fale assim — Amelia fez uma cara de repreensão para ele — É compreensível que ele esteja incomodado com tudo. Também me enfureço quando atacam minha fé.

— Carlos também não está feliz com todos os recursos que estão sendo direcionados para isso — Levin ignorou a última fala dela, não estava disposto a ouvir defesas ao Núncio. — E, quando Carlos está infeliz, ele faz questão de deixar os que trabalham próximos dele da mesma maneira.

— Sinto muito — Amelia ofereceu, colocando as mãos no ombro do marido e apertando, em um gesto reconfortante — Tenho certeza de que em breve isso passará e a justiça será feita. Lutero irá abdicar de suas palavras, será punido devidamente e tudo voltará a ser como antes.

— Eu não sei, Amelia — ele suspirou — Sou bom em ler as pessoas. E tem algo acontecendo — o conde preferiu não revelar à esposa o que já tinha ouvido de Carlos, antes de seu casamento — Não acho que algum dia as coisas vão voltar a ser o que eram antes.

— Ele deve estar muito cego com as mentiras do diabo — Amelia

agora tinha um ar de reflexão — Já foi confrontado de todas as maneiras e se recusa a ouvir aqueles que estão no caminho correto.

— Ele afirma estar certo de sua fé — Levin deu de ombros.

— Uma fé que o faz ir contra o que Deus revelou à igreja para ser ensinado ao povo? Isso soa como insubordinação.

Os dois ficaram em silêncio por um instante, ambos ruminando os pensamentos.

— Você já imaginou algo do tipo? — Levin quebrou o momento e, ao ver o olhar de questionamento de Amelia, continuou — Imagine se algo do tipo poderia ser verdade — ela ia abrir a boca para falar algo, mas o marido a interrompeu — Antes que me repreenda por dizer blasfêmias, apenas entre nós dois... Ele propõe que a forma de um homem ser livre do inferno depende totalmente de Deus, pela crença no Cristo crucificado. Sem nenhum feito de nossa parte.

— Eu não gosto de ficar dando ouvidos a conversas de pessoas que se desviaram. E mesmo se ouvisse, o que Lutero propõe é descomunal. Primeiro porque Deus é um fogo devorador para lidar com nossas falhas. E também porque, se nada do que nós fazemos importa para sermos salvos, então podemos viver de qualquer maneira? — Uma linha apareceu entre suas sobrancelhas.

— Está me perguntando? — ele deu uma risada, tentando tirar a expressão de seriedade do rosto da esposa — Sei menos de religião que você, *Gräfin*.

— São só questionamentos que me surgem quando ouço possibilidades tão absurdas como essas — ela balançou a cabeça — Vamos nos arrumar para o café? — Amelia saiu da cama, o choque gelado nos seus pés ao pisar no chão sendo o que ela precisava para deixar esses assuntos de lado — Leona já deve estar se levantando também



09

“Nós não sabemos para onde estamos indo, mas sabemos aonde pertencemos”

Sweet Creature - Harry Styles

— Por que nunca vi você tocando? — Levin levantou a cabeça ao ouvir a pergunta da esposa, que estava sentada na penteadeira escovando os cabelos para descerem para o café.

Era o último dia de Leona na casa deles. Ela iria acompanhá-los na refeição e partiria logo em seguida.

Amelia esteve descobrindo tanto sobre Levin, que alguns detalhes acabavam passando. Como esse de abordá-lo sobre o detalhe mencionado pela *Frau* Schielen a respeito do talento do conde, mas, naquela manhã, com as notas do piano ressoando pela casa (feito de Leona, ela supunha), o assunto voltou à sua mente.

— Falta de oportunidade, imagino — ele deu de ombros — Não é como se minha mãe fosse me colocar para tocar nas festas.

— Leona que tinha que ser exibida como um pavão? — Amelia sorriu, lembrando de uma das conversas com Levin, e ele retribuiu, com um olhar cúmplice.

— Tudo pela moral e bons costumes — o homem piscou — Mas agradeça o meu talento não ter chegado aos ouvidos das mães de debutantes em Speyer. Caso contrário, a disputa por mim seria maior e você poderia perder sua chance de ser minha esposa.

— Ora, eu não teria participado de nenhuma disputa — ela fez um biquinho com os lábios.

— É claro que não, *Gräfin,* eu teria escolhido você imediatamente — ele se inclinou até ela para beijar a bochecha da mulher, que imediatamente corou com o gesto, fazendo o seu possível para evitar sorrir.

A convivência entre eles estava melhor do que nunca. Tinham o

costume de conversar muito e Amelia apreciava verdadeiramente ouvir as histórias do marido sobre sua infância. Ela sabia de muita coisa pelo ponto de vista de Leona, porém era fascinante ver a perspectiva dele.

Os olhos de Levin brilhavam quando contava das frequentes noites passadas com o pai e o irmão mais velho na embarcação recreativa da família navegando pelo Rio Neckar.

A condessa, entretanto, ainda tinha muito receio dos toques físicos, pela falta de confiança que tinha em si mesma e nas suas reações. Toda vez que Levin se aproximava ou tocava nela, a mulher se derretia um pouco mais.

Era difícil não ser assim frente a ele: o marido não era apenas fisicamente atraente, charmoso, com um corpo delineado e com um cheiro agradável que a deixava nas nuvens. Levin era gentil, inteligente e protetor.

Apesar de saber disfarçar muito bem, o coração de Amelia errava as batidas quando estava perto dele.

Ela tentava ignorar a culpa na maioria das vezes, os conselhos da abadessa pulsando em sua memória e a acusação de que estava desobedecendo uma autoridade tirando a sua paz. Porém, Amelia sempre se convencia de que, no fundo, não era tão grave assim.

A verdade é que estava se apaixonando pelo marido. E a pior parte era que a possibilidade não a deixava aterrorizada. Sabia que deveria tomar cuidado com o pecado das paixões, mas o sentimento que Levin despertava nela trazia uma paz tão intensa. A condessa tinha esperança de que houvesse alguma brecha e Deus tivesse misericórdia dela, mas a possibilidade era boa demais para ser verdade.

Mesmo não sendo a especialista em romances como Ulrike, Amelia não era boba. Estava convicta que Levin sentia o mesmo por ela. Ele nunca tinha dito com todas as letras, mas desde o início deixou suas intenções claras com gestos. Quando se tratava da esposa, ele não entregava mínimos.

Só que a última vez que Levin Besser ousou falar sobre a possibilidade de estar apaixonado, foi a única vez que dormiram separados, então o homem agora era muito cuidadoso com assuntos tão emocionais ao redor dela, disfarçando muitas vezes em tons de brincadeira.

Amelia se culpava por isso também.

Então continuavam. Na familiaridade, no sossego, com conversas que não exigissem profundidade em assuntos de amor. Ambos perdidos em direção a algum lugar, se agarrando um ao outro como porto seguro.

— Toca para mim amanhã à noite? Podemos reunir algumas pessoas após o jantar.

— Está se sentindo festiva, não?

— Amo a celebração de Santa Matilde. É minha época favorita do ano, se não considerar o período do Natal.

— Suponho então que vocês, meninas, tenham se divertido com as freiras nesses últimos dias.

— Ah, Levin, você nem imagina — Amelia se levantou de tanta empolgação, agora sendo ela a esperar o marido terminar de se arrumar para descer para o café — Está tudo tão lindo. Mal posso esperar para te mostrar nossos feitos.

Ele achou a empolgação dela adorável e, enquanto se dirigia à porta para descerem, ofereceu a mão para Amelia.

A mulher aceitou sem nem perceber.

— De início estavam todos preocupados que o acontecimento dos últimos meses e a convocação do imperador fossem trazer algum empecilho. Mas fico feliz que aquele homem não conseguiu tirar nossa alegria. O que me lembra — ela pausou por um momento — Terá que ficar em Worms pelo período que durar os depoimentos?

— Em parte — ele assentiu — Carlos quer que eu esteja lá quando Lutero aparecer pela primeira vez durante a Assembleia. Mas não espera que eu acompanhe avidamente tudo. As discussões podem durar semanas e ele sabe que é desperdício de tempo estar todos os homens lá ao mesmo tempo.

— Tome cuidado, sim? — ela se achegou mais a ele, o olhar cheio de preocupação — Não quero que caia nas redes de mentiras dos hereges.

— Você não me conhece, *Gräfin*? — ele deu uma leve batidinha no nariz dela, sorrindo como forma de amenizar a preocupação da mulher.

— Ah, até que enfim — ouviram Leona exclamar, seguido de um som

alto de piano. A moça tinha batido as duas mãos com força nas teclas em um gesto dramático — Achei que passariam o dia se empenhando em me dar sobrinhos.

— Leona — O rosto de Amelia adquiriu uma feição horrorizada.

— Leona, como consegue ser tão inconveniente? — Levin revirou os olhos.

— Ora, não ligue, Amelia — ela puxou a condessa do lado do marido, entrelaçando seus braços — Sabe que minhas provocações são direcionadas exclusivamente para meu querido irmão, que é meramente um meio necessário pelo qual eu serei tia — Leona deu uma risadinha para a cunhada.

— No fundo, ele sentirá sua falta — Amelia destacou.

— E eu a sua — a mulher continuou a fingir ignorar o homem ao irem para a mesa — Ainda estou triste porque não irá comemorar o mês de Santa Matilde conosco. Você sempre foi a mais animada da festa.

— Eu gostaria muito de ir para casa também para as celebrações — ela franziu o nariz — A duquesa Friedrich sabe dar uma festa. Mas já havia me comprometido com a igreja a auxiliar aqui. Quem sabe no ano que vem podemos passar esse período em Speyer — ela olhou para Levin, esperançosa, e ele assentiu.

— Mas não demorem tanto para irem nos visitar. Todos sentem sua falta, Amelia. E aceitaremos você de companhia, Levin.

— Pena que acompanhantes não precisam levar presentes, não é, irmã? Terei que ser o convidado principal de outra casa para distribuir as pérolas que comprei.

— Jamais — a mulher se levantou, uma nova determinação estampada, e foi até a cadeira do mais velho, o abraçando por trás — Sabe que é meu gêmeo favorito, certo, querido? — Amelia riu ao ver Leona depositar um beijo na bochecha de Levin, que fazia um grande esforço para manter o semblante sério para a irmã.



A Igreja do Espírito Santo, a principal em Heidelberg, estava lindamente decorada com flores e velas.

Amelia esperou na frente dela pela saída da procissão e sorriu, admirando o ambiente ao seu redor. Além do templo, as ruas da cidade tinham bandeiras e guirlandas penduradas e, os comerciantes, músicos e dançarinos começavam a encher o ambiente, se preparando para a festa que prometia durar toda a noite.

Levin tinha a acompanhado até a igreja, mas foi tratar de negócios durante a procissão. Porém Amelia fez o marido garantir que estaria com ela para a missa. A mulher de fato esperava que aquela celebração o tocasse de alguma fora. Então, pouco antes do início, ele encontrou Amelia na porta para assistirem o sermão juntos.

A mulher não sabia como abordar o fato dele ter comungado sem se confessar, por isso resolveu focar em si durante o sacramento para não estragar a noite de ambos.

— O que quer fazer primeiro? — Levin perguntou quando eles se dirigiam de braços dados para a porta da igreja.

— Dançar? — ela lhe deu um olhar sugestivo, enquanto tirava o véu, lembrando da recusa dele em seu casamento.

— Você nem gosta tanto assim de dançar, Amelia. Admita.

— Eu gosto sim. Mas admito que é mais interessante ver sua cara de desgosto com a ideia. É um dançarino tão ruim assim?

— Homens como eu não dançam — ele disse com uma leve impaciência, quase como se a ideia fosse absurda. — E eu não sou ruim em nada. Sabe disso.

— Sei — Amelia conteve um riso — Então posso convidar algum estudante para dançar comigo?

Levin parou de andar e a condessa podia jurar que ouviu um grunhido da parte dele quando o homem respondeu.

— Não ouse. — O tom de voz dele fez com que o estômago de Amelia se contorcesse de excitação. Era bom saber que despertava esses instintos no marido.

— De qualquer forma — ela desconversou, satisfeita — Eu quero comer. E encontrar os prosadores. Está com fome?

— Muita. Quero te oferecer algo, venha — Levin os conduziu por entre as barracas. O povo se amontoava em grupos, rindo e conversando. Mulheres, com vestidos de tecidos coloridos, se juntavam em torno de barracas que ofereciam frutas, vinho quente e bolos de mel, enquanto crianças corriam entre os adultos, se esgueirando por entre as pernas com gritos de felicidade. Por mais que a noite estivesse escura, as milhares de velas espalhadas pelo local cumpriam bem seu trabalho de deixar tudo muito visível.

— Aqui — ele apontou para um comerciante vendendo iscas de carne assada, que emanavam um cheiro delicioso.

— Passamos por várias barracas de carne de javali antes de chegar aqui — ela franziu a testa. — Por que viemos justamente nesta?

Levin deu um aceno de cabeça para o homem que retribuiu e lhes deu um recipiente embrulhado em um paninho.

— Cacei estes com Carlos e a comitiva essa semana. — Ele pegou um pedaço do alimento e ofereceu a ela. Quando Amelia foi tomar das mãos dele, ele balançou a cabeça — Abra. Me deixe te alimentar.

A condessa corou violentamente e olhou ao redor para se certificar de que ninguém estava prestando atenção neles, antes de abrir a boca e aceitar o que o marido estava oferecendo. Parecia um gesto íntimo demais para ser feito em público, mas a determinação nos olhos de Levin e o modo como ele tinha falado de sua caça, de estar provendo para ela com orgulho, fez com que as defesas de Amelia se abalassem.

A Besser não sabia se era coisa de sua cabeça ou aquela era de fato a melhor carne de javali que já tinha comido. Estava macia, com uma explosão de sabores de ervas, e a quantidade de gordura era ideal então disse isso a Levin. A expressão no rosto do homem ouvindo aquilo era quase primitiva.

— Não sabia que vocês caçavam.

— Te disse, esposa, não há nada que eu faça de ruim.

Na sequência, Amelia queria olhar os artesanatos. Levin suspirou quase imperceptivelmente quando se dirigiram à ala mais feminina da feira, mas não largou a mão de Amelia de maneira alguma, ficando atrás da mulher enquanto ela passava por todas as barracas do lugar.

Sabia que, se olhasse ao redor, não veria mais homem nenhum naquele espaço, mas a esposa estava se divertindo e Levin estaria condenado se parasse de olhar para a expressão feliz que ela mantinha no rosto.

— Esse ficará maravilhoso na sua coleção, Vossa Graça — A comerciante dizia a respeito de um pente encravado de pedras brilhantes que a condessa olhava, encantada.

— É lindo, de fato. Entretanto, poderia fazer para mim por 15 *groschen*[18]? É só o que me disponho a gastar.

Levin não pôde evitar e disfarçou um sorriso. Sabia que Amelia tinha trazido muito mais do que aquilo em sua bolsinha, mas ela tinha os olhos brilhando de confiança e parecia estar se divertindo com as negociações que tinha feito.

— Oh *Gräfin* — a vendedora fez uma cara de tristeza — Não costumo fazer isso, mas a senhora merece ter um objeto como esse. É seu pelo preço.

Amelia agradeceu e aceitou o embrulho da mulher, colocando as moedas na mão dela e se virando para mostrar a Levin.

— É tão brilhante — ela observou, ainda deslumbrada pelo objeto quando andavam para as próximas barracas — E consegui um ótimo preço.

— Amelia — ele riu, sem saber como dar a notícia para ela — A vendedora te enganou.

— O que? — A condessa arregalou os olhos.

— Esse pente vale no máximo 10 *groschen*. Ela estava disposta a te vender por esse valor se você não sugerisse outro.

— Está falando bobagens — a mulher estava boquiaberta ao ouvir o que o marido tinha a dizer, mas não daria o braço a torcer. — Fiz um

excelente negócio.

— É claro — ele piscou — Se você diz... Mas me mostre melhor esses brilhantes, sim?

Amelia abriu um sorriso de orelha a orelha, e se dedicou a repetir para ele tudo que a vendedora tinha explicado para si sobre a joia.

Na noite seguinte, usou para se pentear antes de descer para a sala para finalmente ver o marido tocar



10

“Ela te amarrou na cadeira da cozinha, quebrou seu trono e cortou seu cabelo. E ela tirou um ‘Aleluia’ dos seus lábios”

Hallelujah - Leonard Cohen

Amelia acordou com um forte pressentimento de que não deveria levantar da cama naquele dia. As suas regras tinham chegado e sentia tantas pontadas na barriga que estava encolhida abraçando os joelhos na esperança de amenizar a dor.

Tinha percebido algumas oscilações em seu humor nos dias anteriores, mas atribuiu às suas muitas tarefas como senhora da propriedade. A mudança com certeza cobraria seu preço em algum momento.

Além disso, a condessa sabia que muito do que estava passando se devia a motivos espirituais. Ela poderia apostar seu dinheiro que estava se sentindo mal porque, no domingo, tinha faltado à missa. Foi algo não planejado, foram a um baile na corte e tinham chegado extremamente tarde. Levin acordou primeiro e achou melhor deixá-la dormir um pouco mais.

Amelia tinha ficado agradecida quando acordou descansada, até perceber que dia era. Ela conseguiu disfarçar a expressão de horror que quis tomar conta do seu rosto quando o marido anunciou que *Frau* Schielen e Otto estavam voltando da celebração, mas chorou escondida depois.

Amelia não queria ser desagradável, sabia que diversas pessoas faltavam à missa por motivos não imperiosos e continuavam seguindo suas vidas tranquilamente. Mas não era capaz de entender como faziam, viver com um pecado mortal não absolvido. A condessa sentia que não era possível seguir em frente até aquilo ser resolvido.

Por sorte, tinha muitas distrações na casa para ajudá-la a ocupar a mente até que conseguisse ir ao confessionário. Os ânimos estavam aflorados na política dos arredores e Levin não queria que andasse longas distâncias a pé, então teve que esperar a carruagem ficar disponível. Isso seria naquele dia. Porém, Amelia duvidava que fosse conseguir ir até a igreja. A mulher

mordeu os lábios com a constatação, tanto pela dor, quanto pela negligência com Deus.

— Otillie — ela chamou, sabendo que era quem estaria mais próxima do quarto.

— Sim, *Gräfin*? — a pequena entrou sem bater, se aproximando da cama — A senhora está bem?

— Querida, peça para a *Frau* Schielen aquecer um saco de trigo e trazer para mim, sim?

— É claro.

Ela ouviu Otillie correr escada abaixo e gritar algo para a governanta. Alguns minutos depois, a porta foi aberta de novo e Amelia se surpreendeu vendo a menina retornar, ao invés da mais velha.

— A *Frau* já está vindo, *Gräfin*. Ela me pediu para ir trazendo isso para a senhora. — Otillie tinha em mãos uma bandeja repleta de *marzipans* e uma bebida fumegante.

Apesar do desconforto, a boca de Amelia se encheu de água.

— Obrigada.

— Precisa de mais algo? Quer que eu lhe faça companhia?

— Mais tarde, pode ser? Preciso ficar sozinha um pouco e depois você pode vir para me contar quais novas lições seu pai tem ensinado.

— É claro, *Gräfin*, pode deixar.

— Com licença — agora era *Frau* Schielen entrando — Os grãos que pediu.

— Obrigada, e pelos *marzipans*. Foi muito atencioso ter enviado eles.

— Não me agradeça *Gräfin*, seu esposo comprou muitos na última viagem dele a Lübeck. Ele próprio me pediu para que entregasse para a senhora nesses casos. Disse que o doce fazia maravilhas pela sua irmã.

De primeiro momento, Amelia se sentiu envergonhada ao saber que Levin tinha pensado nisso. A *Frau* percebeu que a moça tinha ficado vermelha e garantiu que não havia motivo para tal.

— Além disso, ia lhe trazer quando acordasse, mas quero que descanse e leia só quando estiver se sentindo melhor, certo? Chegou uma correspondência da Inglaterra para a senhora.

As sobrancelhas de Amelia se ergueram e ela assentiu, estendendo a mão curiosa para ver o remetente. Para sua surpresa, a carta era mais luxuosa que qualquer uma que já tinha recebido e ela imediatamente reconheceu o selo real.

À Sua Excelência,
Gräfin Amelia Besser
Propriedade central de Handschuhsheim, distrito de Heidelberg

Da parte de Catarina,
Rainha Consorte de Inglaterra,
Dama do Nobre Reino de Castela e Aragão,
Anno Domini MDXXI

— Depois — A *Frau* tomou delicadamente o envelope das mãos dela quando Amelia fez menção de abri-lo. — O que quer que seja, pode esperar.

Quando a mais velha saiu do quarto, deixando a condessa enrolada nas cobertas e com a bolsa na barriga, Amelia teve tempo livre para voltar a ruminar sobre sua relação com a igreja, que a deixou nervosa ao acordar.

Um sentimento que não era estranho a ela desde o domingo tomou conta da mulher: raiva de Levin e de si mesma.

"Eu tenho que ouvi-lo menos" ela pensava, analisando suas atitudes.

De fato, Amelia percebeu que estava sendo muito influenciada pelo marido. Sempre via as coisas como sendo mais fáceis quando estava com ele. Nesse sentido, ele a lembrava muito de seu pai, pois Dieter tendia a mostrar para a filha um lado diferente sobre o mundo.

O pai sempre lhe dizia para confiar no amor. Que o amor e o medo não podem coexistir, então Amelia sempre deveria se apegar no primeiro.

"Amor não é o que vai livrar minha alma diante de Deus" ela recordava de ter se segurado para não responder isso ao pai. E, desde aquele

dia, ficara convicta nisso. Precisava ser obediente, precisava fazer melhor. Caso contrário, amor não seria suficiente.



— Meu pai me ensinou qual é essa palavra, mas eu já esqueci, *Gräfin* — Otillie mostrava o papel de uma história que estava aprendendo a ler para Amelia.

— Raimond — a mulher estreitou os olhos para ver o nome que ela apontava.

— Isso mesmo — a menina assentiu, mas não fez menção de repetir, coisa que Amelia achou muita graça.

— O amor entre ele e Melusina *surgeu* rapidamente e de... maneira intensa.[19] — Otillie continuou a história. A condessa sorriu ao ouvir ela se esforçando, mesmo com a menina errando a leitura de algumas palavras — Ao decidir se casar, Melusina fez um acordo peculiar. Ela *lhi* fez uma.. promessa...: aceitava se tornar sua *espousa* sob a con ...condição de que ele nunca a visse aos sábados. Durante esse dia, Melusina se transformava em uma criatu..ra metade serpente. — A pequena fez uma voz de mistério para contar esse detalhe e a condessa riu de sua personificação da história — Sem saber o *motivu* desse pedido, Raimond, apaixonado, concordou com o paqui...pacto.

Amelia não conhecia muito bem a lenda da mulher mutante. Ela lembrava de Ulrike contando com entusiasmo, dizendo que era uma grande história de amor.

—O casamento foi *xelebrado* com grande alegria, e Melusina e Raimond viveram uma vida de felicidade e prosperidade. O casal teve vários filhos, cada um dotado de cara... características especiais e poderes que *refletiaum* o legado mágico de Melusina. A vida parecia perfeita, mas o segredo que ela guardava começou a inquietar Raimond.

Amelia se remexeu um pouco na cama, incomodada, sem saber

exatamente o porquê.

— A curiosidade de Raimond cresceu com o passar dos anos. — Otillie continuou, empolgada — Ele começou a questionar o que se escondia atrás da condição *empôsta* por Melusina. Um sábado, tomado pelo desejo de descobrir a verdade, Raimond desobedeceu ao pacto e espiou Melusina enquanto ela passava por sua tran...s...transformação. Para seu horror, ele a viu em sua forma verdadeira: uma figura encantadora, mas com a parte inferior de serpente.

— A traição de Raimond partiu o coração de Melusina. Sentindo-se profun...damente magoada e *foriosa* por ter seu segredo revelado, ela se afastou de Raimond e desapareceu, deixando uma vida de amor e felicidade para trás. Seus últimos momentos foram testemunhados por Raimond e seus filhos, quando ela voou pelos céus em um lamento triste e doloroso. — A menina espiou por cima do papel a reação da condessa e pareceu satisfeita ao ver que o semblante dela estava triste. Não gostava de contar histórias que não prendessem as pessoas e considerava a tristeza um ótimo modo de terminar uma.

— Coitada, não é, *Gräfin*?

— Sim — Amelia concordou, sentindo seus olhos se encherem de água. Era tão injusto. Melusina não tinha culpa de ser defeituosa. Ela mostrou o lado bonito dela para Raimond. Por que ele não podia sossegar e cumprir o pacto?

— Oh, *Gräfin*, não chore — Otillie se levantou e foi na direção dela, usando uma parte da sua manga do vestido para enxugar umas lágrimas solitárias que rolavam pelo rosto da mulher — Não precisa ficar angustiada, viu? É só uma história e a senhora nunca seria como Melusina. É linda em todos os aspectos e será feliz para sempre com o conde.

— Não se preocupe comigo, querida. Coisa de adultos — ela disfarçou. — Obrigada pela história. Sua leitura está melhorando muito.

O rosto da menina se iluminou.

— A senhora acha? Espere só até eu contar para a Veronica, ela vive me dizendo que eu leio muito devagar.

— Todos que eu conheço que sabem ler hoje já leram devagar algum

dia. Você está se saindo bem.

— Obrigada, *Gräfin.* Tenho outros papéis que meu pai escreveu para eu treinar. Quer ouvir mais uma?

— Eu tenho uma carta para ler e responder, tudo bem? Alcance a caixinha com meus objetos de escrita para mim ali. — Amelia pediu e Otillie prontamente obedeceu, correndo com a bandeja, pena e tinteiro para ela. — E leve a bandeja de chá para baixo, por favor.

Quando finalmente estava sozinha, a Besser se concentrou em abrir a carta que tinha em mãos. Não era sempre que tinha a oportunidade de ver o selo real e ficou triste por ter que quebrá-lo, mas saber que estava segurando um papel enviado pela própria Catarina de Aragão fazia valer a pena. Apesar de ter escrito à rainha com muito entusiasmo, imaginou que demoraria muito tempo para receber algum retorno dela, inclusive se preparava para caso não recebesse nenhum.

A influência de Carlos deve ter pesado muito.

Cara Gräfin Besser,

Ler sua correspondência me trouxe grande prazer. Quanta eloquência e beleza usada nas palavras. Vejo que a senhora é muito bem-educada e de coração gentil.

Meu sobrinho me faz pedidos muito estranhos, mas fico contente que ele tenha nos colocado em contato. Poucas damas me deixam investida em suas palavras, e seu interesse por nosso Deus e por sua igreja é memorável.

Sei do momento delicado que a Alemanha está passando. Forças do mal se levantam para desviar-nos dos caminhos da fé. Pessoas inocentes, que não se precaveram, hoje buscam largueza de vida e já não seguem firme naquilo que aprenderam na Palavra de Deus.

Me alegra, todavia, que nossos governantes tenham adotado posturas para não deixar essa contaminação se espalhar. O imperador Carlos está ávido no combate aos hereges. Meu Senhor e Marido publicou recentemente em

Defesa dos Sete Sacramentos e está solidificando seu apoio ao Papa e mostrando seu compromisso com a Igreja de Deus.

Gräfin Besser, gostaria de compartilhar com a senhora palavras que ouvi durante o sermão de minha última eucaristia. São João escrevia para que não amássemos o mundo. E que, caso isso acontecesse, não teríamos o amor de Deus em nós. Espero que a senhora use isso como incentivo para se desapegar daquilo que é mundano e manter seus olhos voltados à espiritualidade.

Escreva-me novamente. Seria um prazer receber notícias de uma serva de Deus como a senhora. No futuro, espero que considere uma visita à nossa corte.

Com todo o respeito e consideração,
Catarina, Rainha de Inglaterra

As emoções passavam por Amelia como uma cachoeira. Estava se deleitando nos elogios que a rainha tinha direcionado a ela. Saber que suas palavras deixaram Catarina impressionada não tinha preço.

A correspondência também trouxe a Amelia uma nova determinação quanto aos movimentos causados pelos hereges. Eles deveriam ser afastados, para que suas ideias não causassem confusão na mente do povo simples. E Carlos e Henrique estavam com boas ações para fazer isso acontecer.

Todavia, o final da carta da rainha causou um aperto no seu peito. Amelia tinha certeza de que tudo em suas ações demonstrava que ela estava amando o mundo. Amando sua vida, amando suas atribuições, amando seu marido. Não teria o amor de Deus se não consertasse seus caminhos imediatamente.

Amelia se via indo na direção errada, tinha falhado em tudo que se propusera a fazer. Seu comprometimento com Deus estava fraco, as suas ações eram medíocres e seus pensamentos estavam longe. Tinha prometido que iria trazer o marido para os caminhos do Senhor, mas ao invés disso ela acabou caindo nas ilusões apaixonantes dele. Levin não dava indícios de que queria se consertar e Amelia estava agindo com o fogo das mulheres que ele

procurava antes de se casarem. A condessa não podia aceitar isso.

Redigiu sua carta para Catarina e gritou para a pessoa mais perto, que dessa vez foi Veronica, entregar a um mensageiro.



Levin chegou em casa antes do pôr-do-sol. *Frau* Schielen o avisou que Amelia tinha devolvido a bandeja de *marzipans* vazia e ele ficou preocupado com a esposa.

O conde passou na feira do distrito e estava com um embrulho de figos, esperando que o doce da fruta também fizesse bem a ela. Uma vez, quando era pequeno, fez um copo de limonada para Leona quando a viu com dor, porque ele amava limonada e supôs que a bebida faria a irmã ficar feliz.

Levin saiu do quarto fugindo do copo que a sua gêmea tacou em sua direção e só pôde ouvir o vidro se quebrar na parede.

Depois disso, Lothar o puxou de canto e ensinou que a solução não era o que eles gostavam, e sim o que meninas gostavam. E meninas gostavam de doces, bolos e tortas.

Levin encontrou Amelia deitada na cama, alguns papéis com mancha do tinteiro no chão, e percebeu que ela havia também derretido cera para selo. Com cuidado para não pisar em nada no caminho, ele se aproximou da cama e se sentou ao lado de onde a esposa estava, passando as mãos nos cabelos dela.

— Eu trouxe figos.

Amelia virou a cabeça para ele, olhando para o pacote que ele tinha, e sorriu, estendendo as mãos.

— Maravilhosos — ela mordeu um e suspirou com o gosto.

— Você comeu algo além de doces, hoje?

Amelia balançou a cabeça e Levin respirou fundo, pensando em como abordá-la.

— Não está com fome? — Outra vez ela balançou a cabeça —Temos pães frescos. Você pode comer com salsicha *Bratwurst*. Comprei umas da melhor qualidade.

Aquilo chamou a atenção dela.

— Fritas — a mulher falou — Nada de salsichas cozidas.

— É claro. Como preferir.

— Vou pedir à *Frau* — ela ia se levantando e pegou um chale que estava na cadeira para cobrir seu corpo.

— Amelia, fique deitada. Eu posso pedir o jantar.

— Essa é minha função, Levin.

— A dor nos exime dessas funções. — O conde se aproximou para abraçá-la, buscando trazer um pouco de conforto.

Aquilo incomodou Amelia.

— Pare — a mulher pediu, empurrando-o para sair dos braços do homem — Por favor, pare com sua clemência.

Aquilo pegou Levin de surpresa.

— Desculpe, eu fiz algo errado?

Amelia respirou fundo. Sabia que provavelmente se arrependeria das palavras que diria, mas resolveu liberá-las mesmo assim. Alguma coisa precisava ser feita e que momento era tão bom como aquele?

— Não há motivos para ficarmos próximos se não for para termos filhos. E, em minha situação, sei que isso é impossível.

— Amelia, não estou entendendo. Por que isso agora?

Amelia Besser se considerava uma pessoa calma. Não gostava de conflitos ou de causar problemas. Nem sempre dizia suas verdadeiras preferências, optando se deixar levar pelo que fosse conveniente a todos. Mas ali, naquele momento, estava magoada e com raiva de Deus, do mundo e de tudo que a cercava. Sua mente estava um turbilhão com todos os pensamentos que a tomavam desde a manhã. Não sabia como organizar tanta aflição. Ela só quis machucar alguém como retribuição. Infelizmente, o

marido era o único disponível no ambiente.

— Não percebe mesmo que tem me destruído? Levin, eu fiz um pedido para você. Que era me deixar cumprir minhas obrigações religiosas. E você tem desrespeitado isso em todas as oportunidades. — Ela se levantou e foi para longe dele. Era mais fácil brigar à distância — Esse casamento é um acordo, sempre deixei claro. E você insiste nisso — Amelia fez um gesto com a mão, apontando para os dois — Nessa proximidade toda.

— *Gräfin*...

— Não! Esse é meu título, não um apelido carinhoso que você pode usar quando quer me conquistar.

— Amelia, não está sendo razoável.

— Razoável? — ela soltou uma risada amarga — Razoável é eu ir à igreja. Razoável é eu não ir parar no inferno porque meu marido é um libertino que não consegue manter as mãos longe de mim.

— Eu vou descer — Levin respirou fundo — Claramente você está tendo um dia ruim e não é você mesma.

— Pare — ela gritou — Independente do que esteja acontecendo com meu corpo, isso é um assunto espiritual, como você não percebe? O que você achou que ia acontecer se casando comigo? Que nós iriamos nos apaixonar e ser um casal feliz?

Aquelas palavras paralisaram Levin. Ali estava sua esposa, praticamente debochando de seus maiores desejos e os transformando em medo. Seu lado racional conseguia compreender Amelia, de onde tudo aquilo estava saindo, mas seu lado emotivo, que ele achava que não aflorava com tanta frequência assim, fez com que sentisse raiva dela por dizer aquelas coisas.

— O que está dizendo então? Que não estamos apaixonados?

Amelia riu, seca, e balançou a cabeça. Sabia que se o magoasse suficiente, a situação seria resolvida e aquele casamento voltaria para o que deveria ser.

— Sabe quem eu sou Levin? Não sou como as outras mulheres que você conheceu, que são apegadas a essas coisas de romance ou loucas por

prazer carnal. Não sou uma de suas prostitutas. — Ela o encarou da forma mais séria que conseguia — Não sou de me apaixonar. E com certeza não me apaixonaria por um homem como você, que não tem compromisso nenhum com a Igreja.

Aquilo doeu. O conde não queria admitir, mas as palavras de Amelia consumiram suas entranhas e algo dentro dele se quebrou. Ele não queria chorar na frente dela, porém sentiu os olhos embaçados.

Levin tentou se aproximar, estendendo a mão para tocar o rosto dela, mas Amelia foi mais rápida e desviou do toque do homem.

— Amelia — ele chamou, a voz praticamente implorando — Não faça isso. Por que me coloca para fora? Não é isso que Deus quer para você e para nosso casamento.

Dessa vez ela olhou para ele com indignação estampada em suas feições.

— Quem é você para me dizer o que Deus quer? Você não reza três vezes ao dia, não se confessa, não paga suas obrigações com a igreja — ela estava gritando e não se importava — Você comungou sem se confessar da última vez que foi a igreja, isso é sujo Levin. — Amelia fez um som áspero, um riso curto e sem humor — Não preciso dos seus conselhos. O Papa é o único homem aqui na terra que tem autoridade para falar dos direcionamentos de Deus para mim.

— É sobre isso então? — O conde alcançou a altura de voz dela — Vai deixar homens que nunca conheceu ditarem sua felicidade ao invés de confiar em quem está ao seu lado? — Levin passou a mão pelos cabelos, nervoso — Quer saber, Amelia? Fique com sua fé problemática e com seu Deus sádico. Não pode ter eu e ele.

— Eu sou só um homem, não sou todo-poderoso, mas posso dizer com toda certeza o quanto te amo.

A afirmação saiu convicta, sem nenhuma sombra de dúvidas, e aquilo tirou um pouco da postura de Amelia. A condessa ia abrir a boca para falar algo, mas foi interrompida pelo marido.

— Não — ele levantou um dedo — Não diga nada. Não quero suas desculpas ou suas respostas condescendentes. Quero que saiba que eu nunca

faria alguém que eu amo ter esse medo aterrorizante de mim, ou fazê-los ganhar meu amor, como esse seu deus faz.

— Meu amor é seu, Amelia — ele a fitou, uma lágrima solitária insistindo em cair — Nunca teria que ganhá-lo ou temer perdê-lo. Essa é a natureza do amor. E não estou dizendo eu te amo esperando que diga de volta. Só queria que soubesse.

O conde não esperou nenhuma resposta dela dessa vez e Amelia estava impossibilitada de dar alguma. Se sentou na escrivaninha, absorvendo tudo que Levin tinha dito a ela. O que desviou sua atenção foi o marido arrastando seu baú de viagem e jogando ali alguns de seus itens pessoais.

— Levin — ela chamou, cautelosa, escondendo um soluço — Essa é sua casa, não...

— Vou para a audiência em Worms mais cedo — o homem interrompeu a esposa.

— Tem certeza? Eu...

— Amelia, basta. — Sua voz estava dura — Você quer ser deixada em paz, eu vou te deixar em paz. Sei que não irá se preocupar comigo enquanto estou fora, mas avise Otto caso precise de alguma coisa.

A mulher sentia uma dor no peito inexplicável. Tinha conseguido o que queria. Era isso, não era? Queria que Levin parasse com as emoções para cima dela e, nesse momento, tinha certeza de que não havia um pingo de sentimentos bons dele para com ela. Tinha tomado a escolha certa. Então por que sentia como se estivesse sendo despedaçada?

Amelia não ousou dizer mais nada ao ver Levin arrastando seu baú escada abaixo. Também não havia oportunidade para tal. No caminho, eles passaram por alguns dos criados que estavam de olhos arregalados, provavelmente por terem ouvido os gritos, mas todos desviaram o olhar conforme o casal passava.

Ambos pararam na soleira da porta, Amelia incerta se deveria prosseguir e Levin decidindo o que dizer.

Odiava partidas sem despedidas. Sua mãe sempre o ensinou que nunca deveria fazer viagens com assuntos pendentes. Porém, naquele momento,

Levin Besser estava tão perdido quanto poderia estar.

Mesmo assim, ele não queria deixar a esposa apenas com palavras duras. Queria que ela entendesse a gravidade da situação, mas também o porquê estava fazendo isso.

Conhecendo Amelia, ela acharia que o marido estava agindo daquele jeito como uma punição para ela.

— Amelia — ele se virou para a mulher — Vou provar a você que Deus quer que seja feliz. Enquanto isso, quero que decida se irá querer experimentar essa felicidade comigo.

Dizendo isso, Levin saiu pela porta, e foi a última vez que a condessa o viu por semanas



11

“Achávamos que tínhamos construído uma dinastia que nem os céus poderiam abalar”

Dynasty - Miia

WORMS, ALEMANHA

MAIO DE 1521

— Levin — Carlos chamou, acenando quando viu o conde entrando no Salão Episcopal, o local vasto e imponente, com tapeçarias antigas cobrindo as paredes e candelabros dourados lançando uma luz suave sobre o chão de pedra. O ambiente reverberava uma atmosfera de solenidade e poder, com sua cadeira imperial destacando-se no fundo. O ar, denso de incenso e cera, carregava a quietude de um espaço reservado para momentos como aquele.

O Besser tinha chegado mais cedo e foi capaz de ouvir a audiência, mas não se registrou formalmente como representante da Assembleia, então não tinha tido ainda a oportunidade de cumprimentar o Imperador.

— *Eure Majestät* — ele se ajoelhou brevemente para Carlos e se dirigiu a Girolamo — Excelência.

— Bem-vindo *Graf* — O Núncio se dirigiu a ele — Não esperávamos que se juntasse a nós. Vossa Alteza Imperial mencionou que não está interessado nos assuntos da Igreja. — Era possível notar o tom de desprezo na voz do homem. Carlos, entretanto, permanecia alegre, com certeza fruto do vinho que consumia.

— *Majestät* está certo. — Levin não se deixou abalar — Mas tenho profundo senso de responsabilidade e sei que era esperado de mim que comparecesse ao menos em algumas ouvidorias. E sei que estamos todos curiosos para saber o que o herege tem a dizer em sua defesa, não?

— É claro. Estava dizendo a Aleandro, Levin, que tudo está correndo muito bem. As argumentações de Lutero não o levam a lugar nenhum. O reino sairá mais forte desse contratempo, sem dúvidas.

— Todavia, ele se recusa a negar suas afirmações.

— Mais um sinal de que está fora de si — O sacerdote respondeu.

Levin não o contrariou. Ainda precisava tirar suas próprias conclusões.

— E como está a segurança na cidade?

— Lutero está ficando protegido pelos homens do Eleitor e as patrulhas dele estão em alerta para qualquer levante. O assistente pessoal de Frederico está se encarregando das estratégias. Acerte os detalhes com ele, se conheceram anteriormente, sim?

— Sim, *Majestät*, eu e Spalatin nos falamos durante sua coroação. — O imperador assentiu e Levin pediu licença, pronto para procurar o homem e logo em seguida se acomodar.

— Besser — ele ouviu o Núncio chamar e se virou. Girolamo tinha se afastado do imperador e chegava sozinho até o conde.

— Diga-me, *Graf* — Aleandro agora o encarava com um olhar de interesse — Onde realmente está sua lealdade?

— Excelência, não vejo como essas perguntas têm a ver com o que viemos fazer aqui. Acredito que o imperador, que é o maior interessado nesse assunto, já tem provas o suficiente.

— De fato, Carlos parece considerá-lo formidável — o homem concordou, mas nada no seu semblante parecia convencido — Mas sua majestade imperial é jovem. Ele ainda tem que provar seu valor perante a igreja.

— Ele sabe disso? — Levin tinha toda a intenção de soar sarcástico.

— Não jogue comigo, Levin. Já não basta a última vez que me desmoralizou em frente a toda a corte de Maximiliano.

— Pois deixe-me dizer uma coisa para você, Girolamo, já que estamos na base de primeiros nomes, não? — Levin se aproximou do sacerdote, e este não titubeou. Da última vez que se encontraram, o soldado sugeriu uma

estratégia para lidar com um conflito que era diferente da proposta pela igreja. Isso aconteceu nos tempos do antigo imperador, e o avô de Carlos aceitou a ideia do Besser com alegria. Aparentemente, Aleandro ainda não tinha o perdoado — Quer saber onde está minha lealdade? Minha lealdade é com minha condessa e com minha família. Após tudo isso, o imperador a tem. Maximiliano sabia disso, Carlos sabe disso, e não é você e sua igreja que vão mudar algo nessa hierarquia.

— Não respeita nem a Deus? — Aleandro o olhava com desprezo.

— A Deus eu respeito e sei que o julgamento dele será justo. Mas não me coloque em suas disputas egoístas que usam o divino para barganha de poder. — Levin começou a se afastar do homem, mas se virou novamente — Sabe que nunca funcionaram.



Levin Besser encontrou Georg Spalatin falando muito furtivamente com uma senhora da corte, que ele podia jurar que era amante de um dos duques de Wittenberg.

A mulher estava encostada na parede e as mãos do jurista estavam nos cachos que caiam dos penteados dela.

O Besser riria da situação se o momento não fosse tão impróprio. Ele tossiu alto, o que fez a madame empurrar o homem e encarar Levin com os olhos arregalados. Quando ela viu que não era nenhum de seus conhecidos, saiu correndo o mais rápido que conseguiu e deixou para trás um Spalatin de cabelos bagunçados e camisa desnivelada.

— Vejo que continua com seus estudos de anatomia do sexo oposto, Mestre Spalatin.

— Por favor, *Graf* Besser, não há necessidade de tantas formalidades. É Georg para o senhor. — Ele estendeu as mãos e o conde apertou.

— Só Levin.

— E, pelo que me lembro, você também era apto de tal estudo.

— Me casei. Agora estudo uma mulher só.

— Ora, quem diria. A hora chega para todos, então. Há algumas mulheres na Áustria que chorarão amargamente com a notícia.

Levin riu.

— Tenho certeza de que achará um jeito de consolá-las.

— O que posso dizer? — ele deu de ombros — Sou um humanista. Apesar de meu cargo sempre exigir que eu esteja entrelaçado nas políticas do reino.

— Como estão os ânimos na cidade? Algo suspeito?

— As pessoas estão curiosas. E Martinho não se cansa de falar. Não é uma combinação agradável.

— Ficaremos preparados para os problemas, então.

— Não acho que seja possível nos prepararmos para este tipo de problema, Levin.

— Elabore — pediu Levin, os olhos estreitos na direção de Georg.

— Aqui não — o homem olhou ao redor — Conhece a taverna próxima ao Reno? — O conde assentiu — Pode me encontrar lá após o jantar? Bêbados são bons ouvintes, não espalharão segredos como as paredes desse castelo fazem.

— Estarei lá.

Mais tarde, naquela noite, os dois homens se sentaram na taverna, acolhidos por música alta, bêbados barulhentos e muitas serviçais que insistiam em deixar os decotes à mostra. Alina, uma velha conhecida, principalmente, que deixou bem claro para o conde que a cama dela estaria vazia esperando por ele quando o seu turno acabasse.

Apesar de ver alguns rostos familiares e nobres da corte, Levin tinha certeza de que nada do que conversassem ali tinha chances de ser escutado por terceiros.

— Tive algumas conversas com Martinho. É do interesse de Frederico que ele não se envolva em atos abertos contra o papado. Até me dispus a

ajudar o pobre com as traduções de suas obras posteriormente, caso desejasse.

— E ele não tem interesse em manter-se fora das atenções, suponho.

— Mais do que isso — Spalatin suspirou — Imagine se você fizesse uma descoberta de um tesouro que resolveria os problemas de desigualdade no mundo. Há mais do que suficiente para que todos desfrutem com abundância. Outro homem poderia até guardar a descoberta para si por medo ou ganância. Mas Lutero não tem nenhuma dessas coisas.

— E a igreja não quer que outras pessoas descubram o mesmo que ele — A mandíbula de Levin estava apertada.

— Alguns são bem-intencionados — Georg deu de ombros — Acreditam que estão poupando o povo. Mas sim, há alguns que sabem da verdade e estão profundamente interessados em manter as coisas como estão.

Alina apareceu nesse momento para encher novamente suas canecas e o jurista riu ao ver a menina saindo dali fazendo biquinho pela falta de atenção de Levin, que nem mesmo olhou para ela.

— Uma das suas?

— Já foi — O conde respondeu, a postura desprendida.

— Nunca achei que veria o grande Levin Besser recusar um rabo de saia. Sua esposa o tem nas mãos, não é mesmo?

— Você nem imagina — ele deu um gole em sua bebida — Estou aqui por ela, na verdade. Minha vontade era estar o mais longe possível dessa maldita audiência.

Georg arqueou uma sobrancelha para ele, envolvido.

— Amelia sempre foi muito aplicada à religião, mas temo que ela tenha levado isso a extremos desnecessários. Não entendo de Deus, mas não acredito que seja certo ter medo dele.

— A *Gräfin* discorda, pelo visto.

— Ela vive aterrorizada — Levin concordou com a cabeça — Nunca acha que fez o suficiente. E vê pecado em tudo.

Spalatin deu uma risada seca.

— Acho que Martinho pode ter algumas boas notícias para dar a ela. Sabia que foi esse o motivo de tudo? Ele ter esses sentimentos temerosos?

— Eu esperava poder aprender algo com minha vinda aqui e com o que o sacerdote tem a dizer. Se há alguma gota de verdade nas suas afirmações, Amelia precisa saber.

Georg encarou o conde, pensativo. Uma ideia surgiu na sua mente, mas não poderia se precipitar. Precisava ter cautela. Apesar de tudo, Levin ainda era um dos homens de Carlos e qualquer passo em falso seria considerado traição. Tanto ao Império Germânico quanto ao Eleitor.

Por essa razão, o máximo que combinaram naquela noite foi de estarem atentos aos acontecimentos e voltarem a se reunir, se necessário.



HEIDELBERG, ALEMANHA

NO MESMO DIA

— Eu vim assim que pude — Ulrike encontrou Amelia esperando por ela ao descer de sua carruagem, em frente à casa principal do distrito.

A amiga a puxou para um abraço e deu as boas-vindas, que foram abafadas pelo cabelo da ruiva.

— Amelia, seu recado me deixou preocupada — Ela se afastou para olhar nos olhos da condessa e passou as mãos por todo o rosto de Amelia — Está machucada? O que houve?

— Aqui não — a Besser disse baixo, forçando um sorriso. — Podem levar as coisas da *Fräulein* Neumann-Böning para o quarto de hóspedes? — ela se dirigiu às *Mägde* que ali estavam. — Me encarregarei de mostrar a residência a ela.

— Venha comigo — ela sussurrou para Ulrike, entrelaçando seus braços e levando a moça para seu quarto no andar de cima — Está com fome? Posso te servir algo?

— Talvez mais tarde. Não conseguirei comer com tanto nervosismo. É alguma coisa com o conde? Por Deus, Amelia, você vai me causar uma morte súbita.

As duas chegaram nas acomodações da condessa, e Ulrike ficou impressionada olhando ao redor do local e todos os luxos ali presentes. Nada comparado com nenhuma das residências em Speyer, que também só tinha casas pomposas.

Ela foi interrompida ao sentir os braços de Amelia a circulando e sua mente voltou ao foco quando percebeu que a condessa tremia levemente, sinais claros de que estava chorando.

— Amelia, fique calma — ela chamou, com tranquilidade, acariciando as costas da amiga — Vem, vamos nos sentar.

As duas ficaram ali na cama, em silêncio por alguns minutos, a Besser colocando para fora todas as lágrimas que tinha acumulado dentro de si. Nada se comparava a ter uma amiga que a entenderia e a ajudaria no que fosse preciso. Ela estava grata por ter um ombro para chorar e Ulrike nunca decepcionava, não perguntou mais nada, apenas ficou acariciando os cabelos da loira, esperando que ela relaxasse um pouco.

Quando Amelia sentiu que seus olhos ardiam e não havia mais água para sair deles, ela se afastou do abraço e usou as mangas da blusa numa tentativa de secar o seu rosto.

— Seu vestido está todo molhado com minhas lágrimas, desculpe — ela apontou para o ombro de Ulrike, ainda soluçando.

— Bobagem. É a menor de minhas preocupações. Tenho certeza de que você vai me presentear com um novinho assim que tiver a chance — a ruiva riu, de leve, e a condessa não pôde deixar de sorrir.

Era fraco, mas ainda era um sorriso. Porém, assim como veio, ele desapareceu.

— Eu destruí meu casamento, Ulrike.

— Eu tenho certeza de que isso é impossível, minha amiga. O que aconteceu?

— Eu falei coisas horríveis para Levin. Disse a mim mesma que só estava sendo honesta, mas fui cruel com ele. — Ela fechou os olhos momentaneamente.

— Ele é um homem crescido, tenho certeza de que pode aguentar.

— Ulrike, a situação é séria, não faça brincadeiras.

— Não era brincadeira — ela fez uma careta — Me conte exatamente o que você disse a ele.

Então Amelia revisitou a briga com o marido, mas, para Ulrike adicionou contexto desde sua conversa com a Abadessa. Os momentos entre o casal, as conversas e os sentimentos que pairavam no ar entre os dois. Ela mordeu os lábios ao repetir as palavras duras que tinha dito para Levin, esperando a repreensão da amiga, mas a moça manteve uma expressão impassível enquanto ouvia tudo, só acenando de vez em quando para sinalizar que Amelia continuasse.

— E então? — o rosto de Amelia estava contorcido, esperando por uma reação.

Ulrike suspirou, não estava exatamente chocada, pois sabia o quanto a amiga podia se expressar duramente, como uma forma de mascarar sua própria aflição.

— E ele não mandou notícias desde então?

— Sei que está em Worms para a Assembleia, mas descobri isso sondando Otto. Não recebi nenhuma carta ou notícia direta, ele deve estar furioso comigo.

— Não acho que seja o caso.

— Como não? Você ouviu o quanto eu fui perversa nas minhas palavras. Ele tem todo o direito de estar.

— Amelia — Ulrike encarou a amiga com muita seriedade — Levin está loucamente apaixonado por você. — A loira tentou se desvencilhar do olhar da amiga, mas foi impedida — Não, pare de fugir. Essa é a verdade e

você sabe. — Amelia sabia — Seu marido te ama. Ele pode estar profundamente magoado, mas não acredito que o conde conseguiria ficar furioso com você nem que tentasse.

— O que eu vou fazer, Ulrike? Não sei como consertar essa bagunça.

— Me escute muito atentamente. Se lesse os romances de cavalaria que sempre te indiquei, não seria uma completa falha nos assuntos de amor. — A feição de Amelia mudou para uma de indignação total, mas isso não afetou a ruiva — Você vai esperar pelo retorno de seu marido e vai contar a ele tudo que contou para mim. Vai dizer quais são seus medos e o que eles significam para você. Vai se desculpar por ter brincado com os sentimentos dele e vai começar a se responsabilizar por esse casamento.

— Eu não posso — ela balançou a cabeça — Eu sei que para você não parece tão grave, mas, em minha mente, se eu ceder aos sentimentos, cometerei um grande pecado. Ulrike — ela pausou — eu não quero ir para o inferno.

— Me responda algo.

Amelia arqueou a sobrancelha, esperando.

— Alguma vez as coisas que você fez tiraram a sensação de que estava indo para o inferno?

Aquilo pegou Amelia de surpresa. Odiava como Ulrike sabia detalhes tão profundos sobre sua vida.

— Nenhuma vez, não é? — Ulrike deu um sorriso empático e acariciou os braços da amiga. — Eu entendo seu medo. E sinto muito por você se sentir dessa maneira. Mas talvez, só talvez, as coisas não sejam tão inflexíveis como você faz parecer. E sim, eu sei que há grandes riscos.

— Só que ... poderia ao menos considerar a possibilidade de que Deus te ama ou algo assim? — ela continuou, vendo que Amelia não tinha resposta — Talvez Ele mesmo vai cuidar para você não ir para o inferno. Talvez Ele queira que você seja feliz com seu marido. Talvez o Conde te amar seja uma expressão do amor de Deus.

— É claro que já pensei nisso — Amelia admitiu — Mas parece muito bom, muito fácil. E as palavras de Jesus sobre nos negar, pegar a nossa cruz?

— Eu não sei dizer. Mas se o que eu disse anteriormente é verdade, isso tem que ser entendido à luz disso. Não acredito que nosso Senhor Jesus era um homem desagradável cujo desejo era matar o prazer de todos nós. Se for, o inferno não parece uma opção ruim comparado à eternidade com alguém assim, não concorda?

— Ulrike — Amelia exclamou, horrorizada, dando um tapinha no braço dela — Não diga essas coisas nem de brincadeira.

— Ora, vamos. Também já pensou nisso, admita. Só não diz em voz alta por medo. Mas, no fundo, nenhum de nós quer estar para sempre com um tirano que se opõe a todo tipo de prazer.

— E nenhum de nós quer passar a eternidade sofrendo, Ulrike.

— Amelia, você já está sofrendo. Tudo que fez nunca aliviou sua dor. Você só se via parando no mesmo lugar. Se parar de tentar agora e confiar na misericórdia de Deus, a pior coisa que pode acontecer é o seu destino ser o mesmo que imaginava anteriormente.

Amelia apenas respirou fundo e se deitou na cama, para encarar o teto. Não tinha argumentos para isso.



WORMS

26 DE MAIO DE 1521

Levin não conseguiu pegar no sono facilmente aquela noite. Os serviços da Assembleia tinham acabado tarde e despertado os ânimos de muitas pessoas.

O conde não conversou após a audiência, mas duvidava que suas opiniões sobre o Édito ser um exagero fossem ser bem aceitas. Aleandro tinha os olhos do Imperador voltados para o interesse de Roma, e todos os oficiais eclesiásticos presentes fizeram um excelente trabalho para não dissuadi-lo de que Lutero era uma ameaça ao reinado.

O Besser pôde ver claramente no rosto de alguns nobres envolvidos a decepção pela incapacidade de Carlos de tomar suas próprias decisões e pelo quanto era fácil convencê-lo, mas ninguém, ele incluso, expressou isso em voz alta ao final do encontro.

Ele se perguntava como iria explicar isso para Amelia e se tudo não serviria para a esposa se fechar mais ainda. Afinal, ela tinha mais um motivo para não ouvir o herege.

Com o Édito outorgado, qualquer um que defendesse, sustentasse ou favorecesse o que foi dito por Martinho seria declarado criminoso.

A sua atenção foi de repente voltada para um barulho na janela no canto mais distante do quarto, e Levin ouviu passos chegando na sua direção de forma sorrateira.

O conde não se levantou e, discretamente, alcançou sua espada, que jazia ao lado da cama.

Quando o invasor estava perto o suficiente, com um movimento certeiro, Levin desembainhou a espada e, com as mãos, derrubou o homem pelos calcanhares, levando a lâmina a garganta dele.

— Sou eu, sou eu — Georg levantou as mãos para mostrar ao conde que não era uma ameaça — Cruzes, homem.

— Invade meu quarto na calada da noite e esperava algo diferente? — Levin o soltou com um empurrão — O que quer?

— O que achou das decisões de hoje?

— Poupe-me, Spalatin, não veio aqui para saber minha opinião política.

— Você é desagradável quando as coisas não saem como você quer, não? Estava pensando na *Gräfin*?

— Você tem noção do que significa para Amelia as decisões de hoje? Eu me sinto de mãos atadas. Vim para essa cidade achando que teria respostas ou que levaria soluções para minha esposa, e estou saindo cheio de novos problemas.

Georg o observou. O homem não disse em palavras concretas, mas essas afirmações contaram a ele o que precisava saber sobre a posição do

conde.

— Levin — ele colocou uma mão no ombro do outro — Eu vim para te oferecer algo. É arriscado e provavelmente vai te custar muito. Mas preciso de sua ajuda e isso pode ser a salvação para a condessa.

Ele devia estar ficando louco, mas, ao ouvir o plano de Georg e ter certeza de que poderiam fazer funcionar, Levin não considerou as consequências. E saber que realmente poderia mostrar algo para Amelia fez com que ele tomasse alegremente o que poderia ser a decisão mais estúpida de toda a sua vida.

— Conte comigo.



12

“O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade”

I Carta de Paulo aos Coríntios 13:6

— Lutero, desça e seu companheiro será poupado — um dos soldados gritou e isso fez Levin se mexer na sela do cavalo com impaciência. Aqueles homens gostavam de um ato dramático.

Spalatin nunca enviaria à captura somente pessoas que não conhecessem seu alvo, já que não mais que uma vez essas táticas de batalha ocasionaram no prisioneiro errado sendo abordado.

— Eu sou Lutero — um monge baixinho e mais jovem que o doutor Lutero se pronunciou, o que fez Martinho imediatamente pedir para ele se calar.

Não que adiantasse muita coisa, Levin estava lá quando o sacerdote tinha se apresentado perante a Dieta, então sabia muito bem como ele se parecia, sendo a garantia de Georg para que a missão fosse um sucesso.

Prender o doutor e colocar um saco em sua cabeça não foi uma tarefa agradável. Levin não participou ativamente de nenhuma das duas coisas, mas Martinho Lutero demonstrava pouquíssima resistência para seu destino incerto.

O Besser preferia quando eles resistiam.

A viagem para o Castelo de Wartburg foi penosa e silenciosa, sendo quebrada ocasionalmente por algum barulho da natureza. Os trotes dos cavalos eram eventualmente esquecidos até algum outro som tirar os cavaleiros de seus pensamentos. Então, voltavam a se fazer persistentes nos ouvidos.

Levin não era de reclamar. Estava acostumado a viagens longas nas companhias de homens silenciosos. Tendo crescido com uma irmã gêmea e uma casa lotada, esses momentos eram um escape.

Mas sentia falta de Amelia e seu interior se remexia de preocupação

por ela. Não queria ter largado a mulher daquele jeito, deveria ter ficado e resolvido a briga antes de tomar qualquer atitude. Ele só não sabia mais o que fazer para ajudá-la e, na hora, a jornada parecia ser a única coisa que trazia esperanças para resolverem de vez a situação. As ideias que tinha ouvido de Lutero pareciam ter as respostas para a inquietação da condessa.

Era irônico como um monge que tinha feito um voto de castidade aparentemente segurava nas mãos a salvação do casamento de Levin.

Caso não voltasse dessa viagem com mais respostas do que aflições, não sabia se queria retornar.

Sua esposa gritando com ele para não a tocar e dizendo que não queria proximidade tinha doído. Céus, ele amava aquela mulher. Ele amava tanto que seria capaz de dar sua própria vida para que ela ficasse segura e feliz. E havia chances de que Amelia não correspondesse o sentimento dele.

Pela primeira vez, Levin estava provando de seu próprio veneno. Esse era um dos motivos pelos quais ele sabia que havia um Deus bom lá em cima. Porque só um Deus justo não o deixaria impune por todo o sofrimento emocional que ele tinha causado para tantas mulheres.

O Besser não temia o castigo, porém, ele estava ciente que os seus atos teriam consequências algum dia. Só não imaginou que seria a doce Amelia a causar isso nele.

"Deus, se o senhor está aí, salve minha esposa. É tudo que lhe peço. Eu provavelmente estou muito longe para ser alcançado, mas, se você existe, salve Amelia. Ela só quer ser aceita pelo Senhor. Por favor, não a rejeite." — ele se lembra de ter feito essa oração, ao recordar os momentos de desespero da condessa.

Ao chegarem na entrada mais isolada do castelo, ele foi o primeiro a descer e fez um gesto aos homens, ordenando que fizessem silêncio. Não seria bom para eles, nem para Frederico, que movimentos suspeitos fossem vistos naquela área.

Levin tomou a dianteira e conduziu o monge ao quarto que Georg tinha preparado para ele. Foi recebido com um aceno de cabeça e tomou isso como um sinal para tirar o pano que impedia a vista do sacerdote.

— Mas... mas o quê? — finalmente algum deles conseguiu arrancar um

semblante de confusão de Martinho.

Levin deveria ter apostado quando teve a chance.

— Bem-vindo a Wartburg, doutor — Spalatin o cumprimentou — Sua estadia aqui é cortesia de meu generoso senhor, o príncipe Frederico. [20]

O cavaleiro revirou os olhos com os modos do amigo, que não perdia uma oportunidade de ser polido, ao ponto do exagero se transformar em comédia. Levin sempre dizia que era melhor reservar isso para mulheres, mas Georg, sendo o humanista que era, argumentava que todos eram dignos de palavras de civilidade, e que isso se voltaria para ele em benefícios algum dia.

— Admito que estou surpreso pelo Eleitor não querer me matar. Ele não julga que sou uma ameaça às suas coleções de relíquias? — o monge perguntou, interessado.

— Como se você tivesse tal poder — o Secretário desconversou.

— E o senhor? Também está a mando do Príncipe? — dessa vez ele se dirigiu para Levin, que encarava Martinho, curioso.

— Em partes, o doutor pode aceitar essa resposta. — Ele estendeu a mão, e foi retribuído — Sou Levin Besser.

— Ah sim, o conde favorito de Carlos. Assumo que o imperador não saiba que está aqui.

A breve negação de cabeça que Levin deu era suficiente para Lutero entender a situação e não fazer mais comentários.

— Agradeço pelo resgate, *Graf* Besser — o sacerdote acenou — Que Deus lhe abençoe pela generosidade.

Levin fez menção de começar a dizer algo, mas se conteve. Estava tarde, a viagem tinha sido longa e ninguém merecia um interrogatório após essas condições.

Ele já havia interrogado pessoas em situações piores e entendia o quanto eles eram suscetíveis a revelar tudo. Porém, sabia que não teria dificuldades de arrancar a verdade do homem à sua frente. Ele parecia disposto a compartilhá-la com quem quisesse ouvir.

— Descanse, doutor — Spalatin quebrou o silêncio e deu um tapinha no ombro de Martinho, se dirigindo à saída. Levin seguiu atrás dele, mas se limitou a um aceno de cabeça para Lutero.

— Espere — o monge chamou, e ambos se viraram em sincronia — Quanto tempo devo ficar?

— Quanto tempo o doutor achar necessário — foi Levin quem respondeu.

— Entendo — ele assentiu — Nesse caso, posso conseguir materiais?

— Do que precisa?

— Uma bíblia. O novo testamento, especificamente. Em grego, a versão mais antiga que conseguirem encontrar.

Spalatin assentiu.

— Mais algo?

— Papel, muito papel e tinta — ele continuou — E um dicionário. De grego para latim. Imagino que Frederico tenha uma versão das Escrituras no idioma original com ele — Martinho sabia que a resposta seria positiva.

— De fato — Levin não deveria ter ficado surpreendido com a resposta do amigo. É claro que o Eleitor da Saxônia teria acesso à leitura completa da Bíblia.

— Ótimo. Ele não vai se importar se eu a pegar emprestado, então. — O homem concluiu.

— Boa noite, doutor — Spalatin disse ao perceber que suas demandas tinham acabado.

— Boa noite, doutor — Levin completou, e ambos desceram a escada do cômodo rumo aos aposentos que passariam a noite.

Levin havia se recusado a ficar na corte, com receio das represálias que isso iria causar caso fosse reconhecido por lá. Então acompanharia Georg para sua casa de campo, onde se hospedaria até a poeira baixar.

Essa foi a versão que contou para o homem, pelo menos, já que o Besser planejava voltar para casa assim que conseguisse suas respostas.

— Uma figura, não? — seu companheiro comentou quando estavam a caminho.

— Excêntrico, sem dúvidas.

— Ele vai ajudar o mundo um dia, Besser.

Levin não respondeu. Não estava preocupado com o rumo que o mundo ia tomar. Se o sacerdote conseguisse ajudar Amelia, era o suficiente para ele.



— Estou lhe dizendo, Levin, quando essa bagunça acabar, vou cortar meu envolvimento com essa maldita política, voltar aos meus estudos e arrumar um casamento. — Georg murmurava durante o jantar deles e o conde achou graça da feição de desespero do homem.

Havia três dias que eles não se encontravam. Spalatin tinha saído para resolver algumas questões e endereçar pendências de Frederico.

Levin aproveitou para escrever para sua família em Speyer e para seu irmão em Frankfurt, caso as notícias de que ele não estava em Heidelberg se espalhassem. Mesmo não podendo contar muitos detalhes, sabia exatamente quais palavras usar para que os Besser não pensassem o pior.

Após finalizar essas cartas, ficou muito tempo com a pena na mão, olhando para um papel em branco, cogitando se deveria escrever algo para a esposa. Não sabia o que dizer a ela e, no fundo, tinha medo da mulher queimar o envelope assim que visse de quem era.

Levin imaginava que Amelia não fosse temperamental dessa maneira, porém, considerando as últimas palavras trocadas entre eles, não achava aquilo impossível.

Por fim, decidiu que a melhor abordagem era falar com ela ao retornar. Enviou uma carta a Otto, informando que estava bem e solicitando para que cuidasse de alguns itens na residência. Pediu sutilmente ao homem que, informasse à condessa de sua situação, caso ela demonstrasse alguma preocupação, coisa que, no fundo, ele duvidava.

— O casamento fará bem a você, Spalatin — o Besser respondeu ao colega — Passou muito tempo com homens na corte e relíquias sagradas. Precisa de uma mulher para melhorar sua vida.

— Fato comprovado por você aqui com essa cara de miserável — ele deu um sorriso cínico.

Levin bufou. O homem tinha um ponto.

— Já sabe o que fará se sua conversa com Martinho tiver resultados? Não se preocupa que ela resolva seguir os ideais dele? Vai sujeitar a sua esposa a preceitos criminosos?

— Não acho que isso trará grandes repercussões. Se Amelia entender o que está acontecendo, tenho certeza de que também vai compreender a necessidade de conter essas informações para si.

— A *Gräfin* não me soa como alguém que se contém ao tratar de assuntos de fé.

— Você realmente pensou em todo o lado negativo, não? — Levin já estava irritado com os cenários que o homem matutava, onde tudo dava errado.

— É o meu trabalho — Georg deu de ombros — Só quero que tenha certeza do que está fazendo e de como vão prosseguir. Odiaria ter que presenciar sua cabeça separada do corpo.

— Não sou de fazer coisas impensadas, Spalatin. E mesmo que essa fosse uma das ocasiões, não me preocupo com minha cabeça. Se Amelia ficar segura, é tudo que importa.

— Bom, de minha parte, ouvirei de meus passarinhos sobre o que lhe ocorrer. Quem sabe a viúva Besser não seja a esposa que tanto procuro — o jurista disse num tom brincalhão, mas, no momento seguinte, Levin estava em cima dele, agarrando seu colarinho, um olhar de pura fúria estampado em seu rosto.

— Eu juro por Deus, Spalatin, não repita coisas assim ou não respondo por mim.

— Está bem, cruzes — ele se desvencilhou de Levin — Foi uma brincadeira.

— Mais respeito com minha esposa — o conde grunhiu para ele.

— Desculpe-me — agora Georg tinha uma expressão séria no rosto — Não vai se repetir.

— Terminei aqui — Levin se levantou, dando um último gole na cerveja — Vou ir ver se nosso herege pode me atender.

— Estamos bem, Besser? — Georg perguntou, meio desconfiado — Posso contar que não vai me enforcar durante meu sono?

— Ainda estou decidindo se merece uma morte rápida.



Levin bateu na porta por puro hábito, pois Georg já havia avisado que Martinho estaria tão absorto em seus papéis que não o ouviria de maneira alguma.

Devagar, ele abriu, sendo recepcionado pelo barulho da madeira rangendo, característica do cômodo antigo que Lutero estava utilizando como dormitório e salão de estudos.

Um breve olhar ao redor do ambiente deu a ele a primeira impressão de que estava lidando com um louco. Um erudito, sem dúvidas, pela quantidade de livros, penas gastas e manchas de tinta nos móveis. Mas, ao mesmo tempo, um excêntrico.

Lutero se encontrava sentado no meio da sala, um livro de cada lado de suas pernas, com um papel em seu colo apoiado em uma prancheta para sustentação, e rabiscava palavras ali com fervor.

Levin poderia tê-lo emboscado naquele exato momento, e o homem não saberia o que o atingiu.

— Doutor? — O conde chamou e o monge se virou subitamente, dando um leve pulo no lugar que estava.

— Pois não? — Martinho pôs o papel ao lado, mas não fez menção de se levantar — Ah, Vossa Graça. Há algo que eu possa fazer pelo senhor?

Levin olhou ao redor, se perguntando qual era a melhor maneira de ter aquela conversa e como abordar o sacerdote que estava a sua frente. Obviamente, sentarem-se em cadeiras, como havia feito há pouco com Georg, estava fora de cogitação.

— Eu posso? — ele apontou para um dos únicos lugares no chão na frente do homem não coberto por livros, recebendo um aceno com a cabeça.

— Por favor. Peço desculpas por não poder recebê-lo em melhores condições.

— Não se preocupe. As condições não são favoráveis para ninguém — Levin se sentou.

— Imagino que minhas ações tenham causado grande tumulto para seu trabalho.

— De fato. Mas me surpreende que não seja como os baderneiros com quem já lidei.

— É mesmo? De qual maneira?

— Para começar, Carlos nunca teve medo de nenhum. E ele parece temê-lo, doutor.

— O imperador teme a falta de controle, *Graf*. — O olhar de Martinho ficou pensativo — E, principalmente, a perda de poder que ele sabe que só Roma pode fornecer. São medos perigosos para um homem. Até o mais forte deles pode acabar sendo controlado por tais temores.

— O doutor parece não ter medo de nada — Levin observou, curioso.

— Já tive por muito tempo, Vossa Graça. Chegar aos extremos de meu medo me levou para onde estou hoje.

— Tinha medo de Deus?

— Absolutamente — o homem disse rindo e Levin ficou surpreso por ele achar graça disso — Passava meus dias me preocupando com a justiça divina. Tinha certeza de que não escaparia quando Ele resolvesse derramar sua ira sobre o mal que há no mundo.

— Diga-me, *Graf* Besser — Lutero continuou ao ver o olhar relutante de Levin — o senhor parece um homem sensato, com certeza concordará

comigo que a justiça de Deus é coisa séria.

— Se há um Deus, imagino que ele punirá a iniquidade. — O conde deu de ombros.

Martinho sorriu.

— E como alguém faria, hã... — Levin hesitou — para se ver livre dessa punição? A igreja diz uma coisa, mas ,se entendi bem, o senhor não concorda com a posição oficial de Roma?

— Serei honesto com o senhor — ele franziu a testa — Passei toda a minha vida crendo no que a igreja me ensinou. Busquei ser salvo arduamente, me punia, fazia tudo que requeriam. E, mesmo assim, quando eu estudava as Escrituras, a justiça de Deus ainda me aterrorizava. Eu era um pecador nas mãos de um Deus irado.

Levin chegou à conclusão de que isso só podia significar que algo naqueles rituais não estava satisfazendo a justiça necessária. A conta não havia fechado.

— Mas um dia, me lembro exatamente, era uma noite fria em meu quarto, minhas costas ainda doíam pelo último flagelo que apliquei em minha carne. — Os olhos de Martinho se desfocaram e se prenderam em um ponto atrás do conde. Ele suspirou, nostálgico, e sua boca se contorceu em um sorriso — À luz de velas, buscando uma palavra divina, li algo que abriu meus olhos. "*Mas o justo viverá pela fé*"[21]— Ele se voltou para Levin de novo, terminando de visitar a memória — Passei a ver Deus a partir dessa afirmação. E qual não foi minha surpresa ao saber que todas as escrituras corroboram ela.

— Que devemos viver acreditando em Deus? — Levin perguntou, genuinamente confuso sobre o que tinha de tão sensacional na descoberta do homem.

— Não, Vossa Graça — Lutero balançou a cabeça — Que a fé é que nos dá vida eterna.

O semblante de Levin adquiriu um ar de confusão e o mais velho riu de maneira compreensiva.

— Tente me acompanhar na loucura das boas novas de Cristo, pode

ser? — Ele só deu espaço para o Besser assentir antes de continuar. Parecia muito satisfeito que Levin o escutasse.

— Todos os homens pecaram. Aqui não estou me referindo a pecados específicos, aquele que veio à sua mente nesse momento — Levin se esforçou para tirar sua atenção das noites passadas no Distrito Vermelho — Eu não cometi os mesmos pecados que o senhor, mas continuo sendo um homem pecador. A questão é que nenhum de nós alcançou a glória de Deus, por falta de méritos.

— Deus, sendo um ser perfeito, quando se trata de méritos, exige perfeição. É tudo ou nada se quisermos viver pelo que fazemos. Um erro nos destitui.

— Me parece exagerado.

— Parece, não? Podemos falar sobre isso também, mas tenha em mente por enquanto que apenas Deus sabe qual a gravidade que um erro pequeno, como nós chamamos, pode causar em sua Criação.

— Faz sentido — Levin assentiu. Não diria que acreditava em tudo que o homem estava dizendo, mas a lógica o satisfazia. — Prossiga.

— Considerando que um erro nos separa eternamente de Deus e só há dois lugares para passarmos a eternidade, o senhor consegue imaginar para onde todos nós estávamos fadados se estávamos separados, certo?

— Então o destino de toda a humanidade é a danação? Por isso pagamos penitências?

— O destino de toda a humanidade seria a danação — ele deu ênfase no verbo — Se alguém já não tivesse suportado o castigo no nosso lugar. — Martinho deu uma pausa para efeito dramático. O homem era especialista em sermões, afinal. — Quando Jesus Cristo, o próprio Deus encarnado viveu, Ele não cometeu nenhum pecado, ao contrário de nós. Então tinha méritos com Deus. E o senhor sabe o que aconteceu com Ele na cruz.

— Quer dizer que a cruz foi uma punição e não uma injustiça cometida contra um bom homem?

— O senhor pode considerar sim que tenha sido as duas coisas. É claro que Ele não merecia um castigo, pois não fez nada errado. Mas aceitou

voluntariamente para satisfazer a ira e a justiça de Deus.

— Não me parece uma troca justa — Levin franziu o cenho.

— E não foi — o semblante do sacerdote se tornou pesaroso — É o que me constrange todos os dias. É glorioso.

— Se eu quisesse salvar alguém do castigo, então, o que digo a ela para fazer?

O homem observou Levin, pensativo.

— Se entendi bem, o senhor está buscando informações para outra pessoa? Um ente querido, talvez?

— Minha esposa — não faria sentido mentir para o sacerdote — Vive aterrorizada com medo da danação. Eu prometi provar a ela que Deus não é o carrasco que ela imagina. Não importa o que ela faça, não se sente salva do inferno.

— É porque não está — Martinho quase conseguiu que Levin arregalasse os olhos — Não me entenda mal, Vossa Graça. Tenho certeza de que sua esposa é uma mulher de muitas qualidades. Mas ela também está destituída da glória de Deus. E, enquanto não confiar totalmente em Cristo para sua salvação e parar com o fundamento de obras mortas, estará condenada.

Levin ficou em silêncio com as palavras do homem. Achava que aquilo era o máximo de respostas que conseguiria para sua situação e, poderia ser o que traria paz finalmente ao coração de Amelia. A esposa não era, em particular, controladora com todos os aspectos. Só que, mesmo assim, não conseguia vê-la abrindo mão tão fácil de uma crença de uma vida. A mulher diria que era arriscado confiar naquilo e ir parar no inferno.

Lutero percebeu o dilema interno do homem. Ele podia ver pela expressão do conde que este estava procurando o melhor meio de retransmitir aquelas palavras. Pela sua experiência, nem todos entendiam de primeira. E, quando entendiam, não sabiam explicar de pronto.

Mas, pior que isso, eram aqueles que recebiam as palavras com hostilidade. Uns por medo e outros pela idolatria do seu coração e apego. Estava feliz por esse não ser o caso de Levin.

— Quando vossa graça retorna à Heidelberg? — ele perguntou, subitamente.

— Em dois dias. Peço desculpas por não poder ficar e ser mais útil, mas já arrisquei muito a mim e minha família para chegarmos aqui.

— O senhor foi de grande valia, *Graf* Besser. Não tenha dúvidas disso. Gostaria de recompensá-lo pela assistência.

— De forma alguma — Levin negou com a cabeça — Nossa conversa foi muito esclarecedora já. Eu acredito que recebi as respostas que procurava.

— Deus é generoso, Vossa Graça. Ele nos dá muito mais do que imaginamos. Eu poderia escrever à *Gräfin* Besser? Acredito que ela poderá se beneficiar de uma carta minha, explicando o que falamos aqui.

— Não sei se ela leria. Com todo o respeito, doutor, mas Amelia acha que o senhor está sendo usado pelo diabo.

Aquilo fez com que o sacerdote desse uma risada alta.

— Perdão — ele emendou — É que tais rumores me divertem pelo absurdo. É um péssimo hábito que tenho. — Martinho balançou a cabeça — Mas me deixe tentar. O pior que pode acontecer é ela não ler e tudo ficar como está, não é?

Levin considerou. Para que tudo ficasse como estava, não se precisava muito esforço. Mas, se Amelia lesse a carta, já seria um avanço.

— Escreva a carta, doutor. — Ele assentiu — Mas escreva como se uma vida dependesse disso.

— Venha me ver antes de partir. Terei algo para a condessa — Martinho sorriu — E, Vossa Graça? — Ele chamou, vendo Levin se levantar para sair — Posso lhe pedir um favor?

— Acredito que tem direito a tal.

— Gostaria de escrever algo para o senhor também, algo para ler após se encontrar com sua esposa. Se o que eu escrever alcançar o senhor — ele pausou antes de continuar — daria uma chance a Deus?

Levin riu, achando divertido o pedido do sacerdote.

— Doutor, se o que escrever for capaz de razoar com minha esposa, talvez eu fique com vontade de conhecer esse Deus a quem o senhor serve.



13

“Se você olhar para o horizonte, há uma casa na colina, te guiando como um farol, é um lugar onde você estará seguro para sentir nossa graça”

Leave a light on - Tom Walker

Levin sorriu para as pessoas que encontrou no caminho. Muitos acenaram para o conde enquanto ele passava e pareciam genuinamente felizes por seu retorno. Ele esperava que Amelia achasse sua volta no mínimo agradável.

Quando se aproximou da residência principal, viu ela sentada aguando as plantas com Veronica e Otillie ao seu lado. A condessa parecia muito empolgada em explicar algo para as meninas. Otillie prestava atenção, os olhos brilhando na direção dela. Já Veronica deu, no mínimo, três bocejos, pelo que Levin pôde contar.

A imagem da esposa aqueceu o coração do Besser.

As três finalmente ouviram o barulho do cavalo se aproximando e levantaram a cabeça com a chegada inesperada. Enquanto as outras só deram um sorriso tímido e acenaram para ele, Amelia arregalou os olhos e largou o instrumento de jardinagem para andar de encontro a Levin.

Quando ele desceu do cavalo, foi surpreendido pela mulher jogando os braços à sua volta. Demorou um instante para Levin superar o choque e retribuir, segurando a cintura de Amelia, buscando mantê-la perto de si. Sentia falta do cheiro dela e de toda a sua presença.

A condessa, por sua vez, estava aliviada por seu abraço não ter sido rejeitado, pois ainda tinha um nó na garganta quando lembrava das últimas coisas que tinha falado para o marido. Não sabia como seria dali para frente, mas Levin estava em casa e estava seguro. Pelo momento, aquilo bastava.

— Deve estar cansado da viagem — ela sussurrou — Deseja comer? Ou um banho, talvez?

— Sim, farei tudo isso. Mas gostaria de entregar algo a você antes,

poderia ir lá para cima comigo?

— Claro.

Eles cumprimentaram os empregados na casa ao subirem, um olhar de Amelia sendo o suficiente para pedir que não fossem interrompidos.

Quando ela fez menção de ir até o quarto, ele abriu a porta da sala de banho, só indicando com a cabeça para que ela entrasse.

— Podemos falar enquanto eu preparo a água — o conde explicou.

Houve um silêncio desconfortável entre o casal durante o tempo em que Levin se encarregava de encher os baldes com água para esquentar e preencher a banheira.

— Levin, eu queria me desculpar — Amelia se sentiu no dever de quebrar esse silêncio.

Ele acenou com a cabeça, indicando para ela prosseguir.

— Disse palavras duras a você. Palavras que devem ter te magoado e brincado com seus sentimentos. Eu sabia exatamente o que elas causariam e escolhi dizê-las mesmo assim. Peço que me perdoe pela crueldade.

O silêncio que se seguiu foi aterrorizante para Amelia.

— Elas ainda são verdades para você? — O conde perguntou sem fitá-la.

— Eu não sei — ela admitiu — Eu gostaria que não. Foram motivadas pelo medo e eu queria ser mais forte para enfrentá-lo. Mas estou aterrorizada, há muito em jogo e não sei que direção tomar. — Amelia suspirou — Me importo com você. Muito. Mais do que me disseram que deveria. Eu almejo pela sua presença, sua risada, nossas conversas e seu toque. E isso me assusta.

Levin não a respondeu por uns instantes, concentrado na tarefa em mãos e nas palavras da mulher. Sabendo que ela não veria, deu um sorriso curto com sua afirmação de que a esposa se importava com ele.

— Dentro de minha bolsa de couro — ele apontou para o objeto que havia deixado sobre o chão — Há uma carta endereçada para você. — A mulher arqueou a sobrancelha pela mudança súbita de assunto.

— Eu vou tomar um banho, quero que vá para o quarto e leia. Não deixe que nada a influencie. Me prometa uma coisa? — pediu e Amelia assentiu, mesmo relutante. — Prometa que vai ler até o final. Vai deixar de lado conceitos antigos, e todo seu julgamento, e irá ler deixando as palavras chegarem até você.

A mulher se direcionou até o objeto e de lá tirou uma correspondência selada pelo emblema da Saxônia.

— É de Frederico? — Levin negou com a cabeça.

— Você vai ver, Amelia. Depois que ler essa carta, juro por minha vida que irei respeitar suas vontades. Não irei forçá-la a nada que não deseje e irei respeitar sua visão para esse casamento. Mas leia, por favor — sua voz beirava a súplica — E venha para mim, se assim desejar.

O homem retornou para a tarefa em mãos e Amelia encarou isso como sua deixa para sair e ler o que estava naquele envelope.

Na privacidade de seu quarto, acomodada em uma poltrona, ela abriu o embrulho que, para sua surpresa, tinha uma folha maior e alguns pedaços de papéis soltos também enrolados. A Besser decidiu começar pelo maior.

Não havia remetente ou qualquer indicação do lado de fora para mostrar quem havia escrito o conteúdo, portanto Amelia teve que fazer algo que odiava e ler os cumprimentos finais.

A vontade que a acometeu foi de jogar o papel no celeiro, para que ele tomasse seu lugar junto ao esterco. Entretanto, respirou fundo, lembrou-se das conversas com Ulrike e do pedido do marido e prometeu a si mesma que leria a carta na sua plenitude.

Cara Gräfin Besser,

Espero que essa carta lhe encontre bem. Confesso que fiquei surpreso com a aproximação de seu marido, mas admito que sou da opinião de que a senhora pode se beneficiar do que tenho a dizer e ele compartilha de tal também.

Imagino que sua vontade é pegar esse papel e queimá-lo para se preservar,

pois sei que acredita que o que estou tentando fazer é difamar a Igreja e fazer os fiéis saírem dos caminhos santos do Senhor.

Por favor, leia o que tenho a escrever apenas aqui. Se ao final de minha carta a senhora julgar que sou louco, blasfemador e desviado, nunca mais ouvirá falar de mim. Creio que o próprio Deus a guardará caso eu seja alguma dessas coisas e a impedirá de se afastar dos Seus caminhos.

O conde me contou que a senhora está em um espiral de destruição em relação à sua fé. Peço que o perdoe pela indiscrição, mas saiba que ele me confidenciou isso apenas na esperança de aliviar seu sofrimento.

Gräfin, eu entendo pelo que a senhora está passando. Por grande parte da minha vida, encontrei conforto nos braços da religião, mas nunca tive dúvidas de que servia a um Deus santo. E a coisa que mais me dava medo era a sua ira.

A senhora está certa em achar que Deus está furioso com o pecado que há no mundo. Um dia ele vai derramar sua ira sobre tudo que há e só os justos prevalecerão e entrarão na vida eterna com ele.

Eu acredito que a senhora irá concluir que não está incluída nesse grupo, certo? A senhora sabe que o padrão de Deus para aqueles que irão entrar em seu santuário é a perfeição, algo que a senhora não conseguiu alcançar.

Quero que saiba que eu também não consegui e nem ninguém que conheço.

Eu me confessava, jejuava, pagava penitências e maltratava minha carne. E, ao ler as Escrituras, percebia que Deus queria mais de mim.

Em minha juventude, tive a oportunidade de visitar a Heilige Stiege em Roma, onde subi de joelhos a cada escada recitando a oração do Pai Nosso, na esperança de poupar a alma de um parente do purgatório. Pensei que, com sorte, alguém faria o mesmo por mim quando eu partisse.

O problema, Gräfin, é que isso tudo foi em vão. Em meus estudos, percebi algo extremamente profundo sobre o que a morte de nosso Senhor na cruz significou.

A senhora deve ser dotada de uma inteligência admirável, então irá entender a lógica do que lhe digo.

Rogo ao Espírito Santo que a auxilie a acreditar na verdade, pois, sem o trabalhar dele, a sabedoria é inútil. E sei como o medo opera em nós, cegando nossa fé.

Veja: o profeta Isaías havia dito que os nossos atos de justiça próprios são como trapos de imundícia para Deus. Todos nós pecamos. Todos estamos separados da graça de Deus. Todos nós estamos condenados.

Mas em Belém, há um milênio atrás, algo lindo aconteceu: um menino nasceu de uma virgem. Esse menino era o próprio Deus encarnado e ele foi tudo que nós não pudemos ser. Ele foi perfeito. Ele cumpriu toda a lei e a justiça de Deus.

Nosso Senhor Jesus disse que aquele que fizesse a vontade do Pai entraria em seu santuário.

Porém, eu acreditava que a vontade do Pai seria a obediência aos seus mandamentos.
Qual não foi minha surpresa ao perceber o próprio Cristo dizendo que a vontade do Pai era que nós crêssemos nele. E que aquele que cresse nele não seria condenado.

Até aí deve estar se perguntando o que trago de diferente do que a senhora aprendeu na igreja. Afinal, isso é pregado em suas missas, não? Que o Senhor tinha morrido por nós e a graça tinha nos alcançado, e a partir disso tínhamos uma lista de exigências para nos tornar justos e agradáveis, já que apenas os justos entrariam no reino dos céus.

Gräfin Besser, São Paulo escreveu de próprio punho o segredo para nos

tornarmos justos diante de Deus: a fé. É por ela que viveremos, é por ela que somos aceitos, é através dela que a graça de Deus nos alcança. Somos justos a partir do momento que cremos que nosso Senhor Jesus Cristo pagou todos os nossos pecados na cruz, suportou a ira de Deus em nosso lugar e que a nossa desobediência foi atribuída à Ele, para que a justiça que Ele praticou fosse atribuída a nós.

Quando cremos nisso, condessa, o Pai não nos vê mais como pecadores injustos, mas sim como Filhos Justos, por mérito de nosso Senhor Jesus.

Eu entendi que não precisava fazer mais nada para ser salvo, mas que eu já era salvo, filho de Deus, justo e co-herdeiro de seu reino. E agora minha alma tem paz e posso servir a Deus com amor e sem medo do futuro.

Não preciso me reconciliar com Deus mais, não estou em condenação, não sou mais como os perversos.

Sei que devem estar parecendo palavras de um arrogante irreverente, mas te garanto que não são. Não estou dizendo à senhora que nunca mais irei pecar ou cometer erros, e talvez Deus tenha que me disciplinar de alguma maneira por eles, pois Ele é um pai cuidadoso que quer que estejamos no melhor caminho. Mas nada disso interfere na verdade da minha salvação.

Confio plenamente que Jesus Cristo já fez tudo que deveria ser feito para que eu fosse salvo e o bem que farei a partir daqui é meramente feito de seu Espírito me restaurando. Ao passo que o mal que faço é resultado do poder do pecado que tenta me dominar. Contudo, um dia serei liberto completamente desse corpo de carne e estarei com meu Senhor.

Condessa, eu a convido a entregar sua salvação inteiramente para Jesus Cristo. Não tente se tornar justa com seus próprios atos, pois estará fadada ao fracasso. A senhora tem uma alma para dar conta no final dos tempos e a única maneira de ser poupada é se for coberta pelo sangue de nosso Redentor e nada mais.

Estou em orações para que o Senhor venha trazer paz para suas aflições, e que possa desfrutar com alegria o grande presente que recebemos de nosso Criador.

Enviei também junto de seu marido alguns frutos de meu trabalho na tradução das santas Escrituras, na esperança de que possam ser proveitosos para a fé de ambos.

Lembrem-se de mim em suas orações. Espero um dia poder vê-la pessoalmente e reencontrar também o Conde, que foi de grande ajuda para mim.

Com meus maiores cumprimentos,
Martinho Lutero

Amelia leu a carta pela primeira vez. E por uma segunda. Uma terceira e uma quarta.

Então, sem conseguir deixar o papel de lado, se perguntou o que tudo aquilo significava.

A condessa não conseguiu considerar essas as palavras de um blasfemador. Ele parecia um homem reverente e falava de Deus com puro respeito.

A pior coisa, para Amelia, é que todas as palavras que Martinho a escreveu faziam sentido. E algo dentro dela implorava para que acreditasse. A mesma sensação de quando orou com as meninas, aquela verdade cantando ao seu coração e a alegria que sentiu lá, em oposição a todos os sermões que já ouvira.

Mas a Besser estava com medo. E se acreditasse e fosse mentira? E se chegasse no dia do juízo final e não tivesse feito o suficiente por achar que poderia descansar na graça e justiça de Deus? E se crer que Jesus tomou a punição em seu lugar não fosse o caminho?

Contudo, ela desejava acreditar, de todo o seu coração. Parecia um feito de um Deus tão bom, tão admirável. Amelia se perguntou como seria servi-

lo?

Não só isso, mas as palavras de Lutero eram constrangedoras: Amelia Besser sabia que era pecadora. É claro, poderia até exagerar na sua concepção de pecado ou não, mas tinha ciência de que tinha cometido muitas coisas erradas. A ideia de Jesus, que não tinha cometido nenhum mal, teria sido torturado em seu lugar para salvá-la de uma vez por todas, era constrangedora.

Aquilo remexia algo visceral nela. Por um lado, uma injustiça. Por outro lado, uma prova de um amor possessivo.

Amelia releu a carta mais uma vez. Estava num impasse. Aquele conteúdo parecia ser o clímax de tudo que havia acontecido em sua vida. Todas as coisas pareciam culminar naquele momento. E ela tinha duas escolhas: aceitar radicalmente aquilo como verdade ou continuar na sua crença anterior só para garantir.

A segunda alternativa era segura. Mas a primeira saltava aos seus olhos, Amelia desejava aquilo e havia uma voz, gentil e convidativa, dizendo a ela para aceitar.

Ela se lembrou dos outros papéis menores que havia no embrulho e decidiu abrir alguns deles, apesar de ter visto pela carta que eram para ela e Levin.

O primeiro dizia:

Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.

Carta aos Hebreus

Salvar perfeitamente... Aquelas palavras eram como um sino aos seus ouvidos.

Que mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação, já prestes para se revelar no último tempo.

Carta de S. Pedro

O terceiro era um pouco maior:

Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito. Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte.

Carta de S. Paulo aos Romanos

Os versos lidos pareciam se cravar no coração de Amelia e traziam uma alegria imensa a ela. Pela primeira vez, ouvir algo que estava escrito na Bíblia não trouxe medo, mas sim reverência. Mas foi no próximo verso que pegou para ler que teve o suficiente e não quis abrir nenhum outro mais por aquele momento:

No amor não há medo; ao contrário, o perfeito amor expulsa o medo, porque o medo supõe castigo. Aquele que tem medo não está aperfeiçoado no amor.

Carta de S. João

Aquilo foi o estopim de Amelia. Afinal, era sobre aquilo sua vida até ali, não era? Aquela palavrinha. Medo. Todas as suas ações até ali tinham sido controladas por ele.

E ali estava, um apóstolo de Cristo, dizendo que o medo não era o caminho. Que era uma barreira contra o amor. Aquilo apertou o coração de Amelia. Estava de verdade fazendo tudo errado. Mas queria tentar algo novo. E foi com esse pensamento que pegou seu véu, se ajoelhou e jurou que, durante aquela oração, diria a Deus tudo que teve vontade de dizer, mas escondia por achar que era pecado.

— Senhor — Amelia começou — Não ouso lhe chamar de pai. Não sei qual o nosso relacionamento, mas estou me dirigindo ao Deus Criador dos céus, então não me resta dúvidas de que está aí. Por isso o tratamento formal. Senhor, toda a minha vida tentei ganhar meu caminho até o Senhor. Carreguei minha salvação com muito cuidado e, principalmente, aterrorizada daquilo ser tirado de mim. — Ela apertou o terço com muita força, uma

demonstração da tensão que havia sob todo o seu corpo.

— Eu falhei todas as vezes — Amelia deu um riso seco — E prometia que ia tentar mais. E, enquanto eu tentava, eu o odiava, Senhor. — Ela travou os dentes. Ali, tinha dito. Não tinha como voltar atrás mais — eu te odiava por me fazer passar por isso. Me fazer batalhar tanto por algo que eu nunca teria certeza. Só exigia de mim e nunca me ajudava.

— Mas agora não sei mais. Acho que estou pesarosa porque perdi meu tempo te odiando por causa de inverdades. Quando existe uma possibilidade onde eu poderia estar aproveitando teu amor.

— É absurdo, meu Deus — ela balançou a cabeça — Tudo isso que Lutero falou é absurdo e, mesmo assim — O coração de Amelia parecia que ia sair pela boca. A sua respiração ficou pesada e ela arrancava as peles ao redor da unha de nervosismo. Estava com medo de admitir o que viria na sequência, mas se forçou mesmo assim — é verdade. O Senhor parece um louco. Deturpou tudo que eu conhecia como justiça em nome do amor. Sempre achei que o Senhor não me queria o suficiente para me salvar.

Amelia abriu os olhos e olhou para cima.

— Eu cheguei ao meu limite — ela admitiu — Não consigo mais lutar para me salvar do fogo do inferno. E — Amelia estava extremamente relutante. Mordeu os lábios, se decidindo — Se aquele for o jeito de me salvar, com todas aquelas regras, padrões e incertezas... — seu coração parecia que ia sair pela boca — Eu não quero. Vou lidar com sua ira justa sobre mim. Mas não vou viver daquele jeito mais.

— Estou te dando um voto de fé — ela voltou a fechar os olhos — Entregando minha salvação para Cristo. Vou crer que Ele foi punido no meu lugar e ser grata todos os dias da minha vida a Ti por isso.

Ela ia se levantando quando ajoelhou novamente.

— Ah, e eu sinto muito. Sinto muito por Ele ter tido que passar por isso. Não deve ter sido fácil, mas, de qualquer forma, agradeço.

Amelia descobriu a cabeça, deixando o pano do véu cair sobre seus ombros, e encarou seu reflexo no espelho.

Ainda havia medo no seu coração. Mas ela não voltaria atrás. Agora era

com Deus. E pensar em deixar nas mãos dele trouxe um sorriso ao rosto da mulher. Ela percebeu pelo seu reflexo e levou as mãos ao rosto.

Algo dentro dela se iluminou.

— Estou salva — ela sussurrou, testando as palavras nos seus lábios — Deus me ama — Amelia disse, com mais ousadia, e aquilo deu à condessa uma vontade de pular — Eu sou justa aos olhos de Deus. — Os olhos dela se arregalaram — Estou livre da ira.

Amelia correu até o banheiro, abrindo a porta bruscamente, a tempo de ver o marido, que estava com a cabeça reclinada e os olhos fechados, levantar o olhar para sua direção.

Os dois ficaram ali se encarando por alguns instantes, nenhuma palavra dita, mas cheios de sentimento dentro do peito. Amelia e Levin, marido e mulher, numa união que, agora Amelia entendia, tinha sido abençoada por um Deus amoroso, então tinha todos os motivos para que fluísse amor entre eles.

A respiração da condessa estava ofegante enquanto olhava para o marido. As gotas de água caiam pelo rosto dele e, ao acompanhar o trajeto delas, percebeu que o peito do homem também subia e descia em um ritmo anormal, fitando-a.

Levin não se mexeu, não faria nada. Sabia que tinha deixado a decisão para Amelia e estava curioso para saber o que ela faria na sequência. Decidiu deixar apenas a curiosidade transparecer, porque, se pensasse muito que o resultado poderia não ser positivo, provavelmente se desesperaria.

Ele manteria sua palavra. Mas seu coração quebraria todos os dias se não pudesse amar Amelia.

A condessa percebeu que a iniciativa teria que ser dela, portanto, para puro espanto e deleite de Levin, ela fechou a porta atrás de si e correu para ter os lábios do marido colados nos seus.

Naquele momento, era como se algo dentro dele que estava muito quebrado recebesse a peça que faltava vindo dela para consertar e vice-versa. Os lábios dos amantes falaram sem emitir som e as gotas de água da banheira se misturaram com as lágrimas salgadas que caiam dos olhos de algum dos dois. Provavelmente de ambos.

Sem nem se dar conta, Amelia tinha entrado na banheira de roupa e tudo, o vestido ficando mais pesado pela quantidade de água.

O pano poderia ter se desfeito como papel e ela não perceberia.

— Eu te amo — ela disse de olhos fechados, a testa contra a dele, os braços ao redor do pescoço do marido, e ele suspirou, aliviado — Estou tão apaixonada por você que dói. Eu não queria me sentir assim, mas você faz com que isso seja impossível. Céus, Levin, por que você é tão perfeito? Eu não te mereço sob nenhuma circunstância.

— Não precisa merecer meu amor, Amelia — ele afastou o rosto do dela para fitar a mulher — Dou a você livremente. Meu coração é seu, em qualquer condição. Eu te amo. — Ele a beijou novamente.

— Quero mostrar a você ... — ela sussurrou, o olhar brilhando com intensidade — ... o quanto senti sua falta e o quanto te amo. Posso?

— Meu amor — ele riu suavemente — Eu seria um louco de negar isso a você. — Ele olhou para os arredores e aproximou o rosto do dela — Mas, aqui entre nós — ele mordiscou a orelha dela, dizendo baixinho — Temo que quando esse vestido sair, vai levar toda a água da banheira junto.

Amelia riu.

— Só há uma maneira de saber.

14

“O Senhor disse que ouviria até lamentos ridículos de ovelhas patéticas. Deus, por favor, se você existe…

I’ll be your man – BTOB

Levin fechou a porta atrás de si o mais silenciosamente que conseguiu. Amelia estava dormindo com um sorriso satisfeito no rosto e algo nela radiava uma paz imensa. Ele não sabia como se sentir por gostar tanto de observar a esposa enquanto ela dormia, mas esperava que aquilo não o tornasse algum tipo de maníaco.

Antes de sair da cama e se dirigir ao escritório, não se conteve e deu um beijo na testa da mulher, acariciando sua bochecha, e ajeitou as cobertas nela.

O conde suspirou fundo ao olhar para os papéis que estavam enrolados em cima de sua mesa. Não tinha lido o que Lutero escreveu para Amelia, aquilo era algo exclusivamente para ela, mas o sacerdote tinha enviado algumas coisas para ele, mesmo Levin achando desnecessário. Estava naquilo pelo bem de sua esposa apenas.

Entretanto, depois de ver a reação que a escrita do homem causou em Amelia, não conseguiu deixar sua curiosidade para lá. Apesar de estar feliz por Amelia finalmente desfrutar de sossego, ele gostaria de entender o que tinha acontecido para provocar essa reação na mulher. No fundo, estava até um pouco enciumado porque sabia que não era ele o principal causador da felicidade da esposa e sim o conteúdo daquela carta.

Levin nunca havia se interessado por Deus o suficiente para se comprometer. Ele sabia lidar com figuras de autoridade e não tinha problemas em seguir regras, desde que elas não interferissem na sua vida. Seus valores não eram exatamente o que um religioso chamaria de bons, mas o homem via alguma moralidade naquilo e, para ele, era o suficiente. Sempre pensava que, para Deus, também seria. Como numa balança, o bem que tinha feito superaria o mal.

Se o que Martinho tinha dito a ele fosse verdade e as coisas não funcionassem dessa maneira, Levin estava em apuros. Nunca tinha parado para pensar sobre ir ao inferno, mas agora tinha a leve impressão de que esse era o destino que o esperava. O conde não era de ter medo, mas sentiu uma queimação insuportável no peito com a possibilidade.

Ele não sabia o que fazer e também não queria agir do mesmo modo que as pessoas que ele criticava, interesseiros que buscavam a Deus apenas para benefício próprio, mas preferiu naquele momento ir pela honestidade.

— Deus — ele chamou em voz baixa, sentado na cadeira no centro do escritório. Não ajoelharia para um rei o qual não sabia se podia confiar — Me chamo Levin. O senhor deve conhecer minha esposa, Amelia. Ela fala sempre com o senhor. Mas eu não tenho esse hábito.

Ele se sentia ridículo. Primeiro porque parecia que estava jogando palavras ao vento, mas também porque, se existisse um Criador de tudo, as chances deste ouvir justamente alguém como ele, um homem que não ligava para assuntos de igreja, eram nulas.

— Um de seus servos me disse que, se pedirmos em nome de Jesus, o senhor nos ouviria. Eu sei como funciona, fazer pedidos em nome de autoridades, então suponho que ele seja uma. Particularmente, acho uma injustiça o que fizeram com ele. Como soldado, eu nunca deixaria algo semelhante acontecer a Carlos e ele não é um rei tão bom quanto eu ouvi que Jesus era.

— Meu ponto é — ele suspirou — sua ideia de justiça é estranha a mim. Deixou um homem inocente pagar o preço das transgressões de todos os culpados? Isso é loucura — Levin passou a mão pelos cabelos, dando uma risada nervosa — E ainda me diz que meu pecado que merece punição não é só minhas escapadas com as cortesãs, mas sim toda vez que eu não amei o senhor sobre todas as coisas, com todo meu entendimento e toda minha alma? Se for assim, eu sou mais pecador do que imagino.

— O que eu faço? Devo me confessar a um padre? Como pago por esses pecados? Como posso ser salvo? Seguir as regras da Igreja parece um bom caminho. É fácil, sou bom em seguir ordens. O que Lutero propôs é terrível. Crer? — o conde fechou os olhos e balançou a cabeça — Não pode ser tão simples assim. Não é uma troca justa.

— Vai mesmo me perdoar por todos os meus pecados se eu admitir que não há justiça própria em mim? Se eu confiar minha salvação somente para Cristo e na justiça dele?

— Me responda! — a voz de Levin ficou mais alta, estava com vontade de gritar com a divindade.

Já estava condenado mesmo, o que uma afronta a mais faria?

— Se for verdade, Deus — ele foi ousado o suficiente para levantar os olhos para o céu em forma de desafio — Se entregou seu filho para morrer por injustos, se essa é a expressão do seu amor pela humanidade, eu juro pela minha honra que vou te servir. Lutarei batalhas pelo senhor, darei minha vida se for preciso. Mas preciso que a resposta esteja nessas páginas. Se a Bíblia é sua palavra escrita e se o Cristo é a própria palavra em carne, tenho certeza de que dará um jeito de Lutero ter escrito o que preciso ler.

Ele abriu o objeto.

Havia, entre os fariseus, um homem chamado Nicodemos, membro do supremo tribunal dos judeus. Ele, de noite, procurou a Jesus e lhe disse: "Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer esses sinais que estás realizando, se Deus não estiver com ele." Jesus respondeu-lhe, declarando: "Em verdade, em verdade te asseguro que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus."

Levin se recordava levemente de ter ouvido essa nas missas. Aquilo o engajou. Estava impressionado por ter para si partes das Escrituras, podia ler e visualizá-las. Não em latim, mas em sua própria língua. O Besser podia não um homem religioso, mas sabia que a importância daquilo transcendia para além de si.

Nicodemos questionou-o: "Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, todavia, entrar pela segunda vez no ventre de sua mãe e nascer novamente?"

O conde segurou uma risada com a resposta de Nicodemos. A situação

era realmente absurda. Não queria nem imaginar sugerir algo assim para sua mãe.

Arrazoou Jesus: "Em verdade, em verdade te asseguro: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; mas o que nasce do Espírito é espírito. Não te surpreendas pelo fato de Eu te haver dito: 'deveis nascer de novo.'. O vento sopra onde quer, você escuta o seu som, mas não sabe de onde vem, nem para onde vai; assim ocorre com todos os nascidos do Espírito."

Essa parte incrivelmente fazia sentido. Martinho havia explicado em uma de suas declarações que, aqueles que creem em Jesus recebem o Espírito Santo habitando neles como penhor de sua salvação. E assim se tornam novas criaturas.

Replicou-lhe Nicodemos: "Como pode acontecer isso?" Explicou-lhe Jesus: "Tu és mestre em Israel e não compreendes essas verdades? Em verdade, em verdade te asseguro que nós dizemos do que conhecemos e testemunhamos do que temos visto; contudo, não acolheis o nosso testemunho. Se, falando de assuntos da terra, não me credes, como crereis, se vos falar dos celestiais?

O homem reconhecia uma repreensão quando via uma. E Jesus, pelo visto, era esperto para dar as dele.

Ninguém jamais subiu ao céu, a não ser Aquele que veio do céu: o Filho do homem que está no céu. Assim como Moisés levantou a serpente no deserto, desse mesmo modo é necessário que o Filho do homem seja levantado, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

A parte da serpente não era familiar a ele, então fez uma anotação mental de perguntar a alguém no futuro. Tinha se interessado pela comparação, mesmo que aquela carta não desse em nada para sua vida.

Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Portanto, Deus enviou o seu Filho ao mundo não para condenar o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por meio dele. Quem nele crê não é condenado; mas quem não crê já está condenado, porque não acreditou no Nome do Filho unigênito de Deus.

Levin teve que pausar a leitura, olhando fixamente para aquelas palavras.

Aquilo era tudo que tinha acabado de falar.

Estava condenado. Mas não estava condenado meramente pelos seus pecados, pelo visto. Estava vivendo uma vida de condenação por não crer no Cristo?

E mesmo ele estando condenado, Deus enviou seu Filho, não para aferir sentença? Mas para salvá-lo?

Seria essa a prova de amor que queria?

Levin queria respostas, então leu mais uma vez a passagem desde o início. Mas aquele parágrafo continuava saltando a sua atenção.

"Não é possível" ele pensava. *"Ele está mesmo me dando a notícia de que estou perdido, mas que oferece a salvação pra mim sem que eu tenha que batalhar por ela?"*

"Que tipo de rei faz isso?"

E a resposta veio, clara em sua mente: Um Deus que ama. Um Deus que ama absurdamente.

O conde não sabia de onde saiu aquela convicção, mas, de algum modo, sabia que era verdade. E ficou sem saber o que fazer diante de tamanha compaixão.

Levin se considerava um homem generoso. Bondoso com seus criados, gentil com as pessoas a sua volta. Mas nunca, em seus momentos mais gloriosos, ousaria dar um ente querido para salvar alguém que tinha o ofendido. Quem dirá um filho. Seu coração doía só de pensar em algo acontecendo com uma criança que era uma mistura sua e de Amelia.

E aquele ser divino, tinha feito aquilo.

Era excruciante.

Ele era um homem de palavra. Sabia que tinha feito um juramento há minutos. Mas não foi seu senso de obrigação que regeu a oração que fez:

— Deus, eu ainda não entendo tudo — dessa vez Levin fechou os olhos — Mas percebi que estou trilhando um caminho de trevas. — Era difícil de admitir aquilo — E gostaria de ser salvo pelo seu filho. Eu creio no que ele fez. — Era insanidade, mas era verdade — Se puder me incluir na sua lista de homens cujo pecado ele pagou, serei grato. — Levin se sentia ridículo, porque com certeza não ousaria falar com Carlos daquela maneira. Mas ali estava ele, se dirigindo a um Rei muito mais importante com toda aquela intimidade e comentários peculiares. — Se só ele é a justiça, eu não ouso confiar na minha justiça própria para chegar até você. Então vou confiar nele.

— Sim, eu sei que sou um soldado. Fui preparado para enfrentar a linha de frente em todas as circunstâncias — ele riu porque não ouviu nenhuma pergunta, mas imaginou que Deus estaria dizendo isso para ele — Mas essa batalha não vou conseguir. Ouvi que luta pelos seus. E nunca pude descansar. Vou confiar que, nessa, o Senhor vai à frente.

E era aquilo. Ele abriu os olhos e olhou ao redor.

Não se sentia diferente. Não sabia se tinha falado as palavras certas, mas, no que dependesse dele, tinha feito o que Deus tinha pedido para salvá-lo: ter fé.

E aquilo teria que ser aceitável, porque já tinha visto que nunca ia conseguir fazer bem o bastante.

Ia voltar para a cama com Amelia quando lembrou do restante do que Lutero tinha escrito para ele. As palavras, que em outra situação o trariam condenação, agora o deixaram calmo:

E o julgamento é este: que a luz veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más. Pois todo aquele que pratica o mal odeia a luz e não se aproxima da luz, temendo que as suas obras sejam expostas. Mas quem pratica a verdade vem para a luz, para que se veja claramente que as suas obras são realizadas em Deus.

Evangelho segundo S. João



Amelia não conseguia parar de sorrir durante o café da manhã. O marido tinha contado a ela o que aconteceu. A condessa percebeu que ele foi muito discreto e até se sentiu invadindo um momento muito íntimo da privacidade de Levin, mas ele parecia contente por poder compartilhar sua descoberta com ela.

Amelia Besser estava absurdamente feliz.

Tinha o amor de Deus, tinha o amor de seu esposo e, para melhorar as coisas, Levin estava disposto a se aproximar de Deus.

— Acha que teremos filhos? — ela perguntou subitamente e, se Levin não fosse muito controlado, teria engasgado com o pedaço de pão que comia.

— Como?

— Eu nunca fui oposta à ideia. Mas agora a ideia de criar filhos para o Senhor me parece uma felicidade, ao invés de apenas um dever.

— Bom, se depender de mim — ele se inclinou, colocando a mão na barriga dela — Podemos tentar quantas vezes você quiser.

— Levin — ela exclamou, dando um tapinha de leve na mão do marido — Pare de brincar.

— Eu falo sério, *Gräfin* — o homem riu — E sei que você iria aproveitar tanto quanto eu.

Amelia escondeu o rosto entre as mãos, na tentativa de reprimir a risada. Dessa vez, não ruborizou com a menção, se sentia leve para falar sobre aquilo com ele.

Levin não estava errado em sua colocação.

— Eu espero, inclusive, que já tenha um bebê aí. — Levin disse, e no fundo estava animado com a possibilidade. Um filho dele e de Amelia era

tudo que queria. Uma criança com os cabelos loiros da esposa e os olhos escuros dos Besser. Sim, o momento era ideal.

— Infelizmente, Levin, se me conheço bem, por esses dias não — o homem fez uma careta de nojo ao entender o que a esposa quis dizer — Você vai ter que tentar com mais afinco. — Amelia disse, com uma ousadia que nem ela sabia de onde surgiu.

— Desafio aceito — ele depositou um beijo sobre a barriga da mulher — Não planeje dormir hoje, esposa.

Amelia esperaria ansiosa.

Depois do café, o conde se reuniu com Otto e os dois foram para o escritório para que Levin pudesse se situar dos acontecimentos no distrito enquanto ele esteve fora.

Amelia escreveu para Ulrike, contando para a amiga o que tinha acontecido. Estava animada para compartilhar sua nova descoberta com ela. Tinha certeza de que a outra ficaria muito feliz, e até diria "eu te avisei" quando soubesse de tudo. Ulrike sempre foi a maior incentivadora para que Amelia visse as coisas de maneira diferente e aceitasse a felicidade. Todos ao redor dela, na verdade, mas a Neumann-Böning tinha sido a que mais insistia.

Depois de despachar a correspondência com o menino das entregas, acompanhou *Frau* Schielen e as mulheres na lavagem dos cobertores. O inverno tinha cessado por completo, então era seguro guardá-los para o próximo. Depois de garantir que tudo estava nos conformes e separar roupas de cama novas para todos os quartos da casa, foi procurar Veronica.

A menina estava ensinando Amelia a fazer os *marzipans* e lhe garantiu que ficariam até melhores dos que o que o conde trazia de Lübeck.

"*Ele terá que encontrar outro presente para dar para a senhora, Gräfin*" — ela dissera.

Ao final da tentativa, o vestido azul claro de Amelia tinha manchas amarelas, de quando foi separar as claras para a receita. A condessa tinha certeza de que havia açúcar em seu rosto e talvez até nos seus cabelos, e era possível ver um pouco de massa do doce, que não tinha ficado firme, embaixo de suas unhas.

— Veronica, tem certeza de que você me passou as quantidades certas? — ela disse, por fim, olhando derrotada para tudo aquilo.

— Oras, *Gräfin*, é claro. Já me viu errar alguma receita?

— Eu nunca fui uma cozinheira de primeira, mas costumava ser mais razoável que isso. Garanti ao conde.

— Não fique assim, *Gräfin* — a menina pediu, mas não teve coragem de discordar — Eu nunca conseguiria tecer como a senhora e nem saber tanto sobre plantas. Acho que cada um de nós tem um talento.

A condessa concordou com a cabeça, mas no fundo não se dava por satisfeita. Apesar de ter vontade de desistir da empreitada, um renovo estava tomando conta dela e sentia que podia conquistar o mundo.

— Tentaremos novamente — ela prometeu, para desgosto de Veronica — Agora precisamos limpar essa bagunça. E preciso me limpar também.

— Aqui — A menina delicadamente tirou o pano da mão de Amelia — Deixa que eu faço. A senhora tome um banho. Se o *Graf* vir a senhora assim, ele irá achar que a maltratamos.

A condessa riu imaginando a reação de Levin ao seu estado. Era possível que ele achasse graça. Mas queria realmente estar bonita, visto que no dia anterior ele tinha a encontrado em completo caos da jardinagem. O esposo merecia sua melhor versão.

O clima estava agradável e ela estava suada pelos afazeres durante o dia, então não se incomodou em esquentar a água, apenas colocou na banheira, jogou algumas rosas e perfume dentro e mergulhou.



— Sabe o que eu estava pensando? — Era tarde da noite e o casal estava deitado em sua cama. Levin traçava uma trilha de beijos nas costas nuas da esposa, que sorria cada vez que os lábios dele entravam em contato com sua pele.

— Não acabou de dizer que eu tenho o poder de esvaziar sua mente quando estamos aqui? — ele arqueou as sobrancelhas e ela se virou para dar um leve tapa no torso do marido.

— Por que é tão convencido?

— Para tirar essas reações de você. — Ele se aproximou para beijá-la.

Amelia retribuiu, enterrando as mãos no cabelo dele, e Levin estava prestes a aprofundar o beijo quando ela o interrompeu.

— Eu estava dizendo — a condessa riu quando ele fez uma cara de derrota e se jogou de costas na cama ao lado dela — Agora que sabemos que Deus é bom, isso nos abre um mundo de possibilidades.

— Estava pensando em Deus enquanto eu a beijava?

— Está com ciúmes de Deus, marido?

— Tem que me dar um tempo para me adaptar — Levin respondeu, contrariado — Tenho a impressão de que Jesus se envolveria em tudo na nossa vida.

— E isso é ruim? — Amelia se preocupou.

— É só diferente. Parece certo, não sei explicar — ele deu de ombros — Mas é uma grande loucura. Será que Ele está nos observando agora ou está fechando os olhos pela nossa nudez?

Amelia riu da imagem que se formou em sua cabeça. Não sabia se era irreverência e, se fosse, confiava que Deus a perdoaria.

— Eu não sei — a mulher admitiu — Pensei em algumas coisas também. Não sei se devo continuar rezando para Santa Matilde.

— Eu falei direto com Deus na outra noite. Acho que não quero falar com outra pessoa. — Ele se endireitou para encarar o teto — Você acha que ainda existe a chance de irmos para o purgatório?

— Ah, Levin. Eu espero que não. Acho que se Jesus morreu por nós, não tem mais por que sermos punidos, não é?

— Sei tanto quanto você, esposa.

— Temos tempo — ela garantiu, se deitando no peito dele — E o que

não assimilarmos, aprenderemos cara a cara com Ele pela eternidade.

— Sabe que eventualmente teremos que falar à nossa família sobre isso, certo? E talvez a mais pessoas, agora que penso nisso. Deve haver muitos que estão precisando ouvir boas notícias, como você.

— Nem imagino o que minha mãe vai dizer — Amelia enfiou a cabeça no travesseiro, frustrada — Ela me incentivava a ser mais tranquila, mas ainda valoriza muito a autoridade da igreja. O que vai ser de tudo isso? Será que não devemos mais frequentar as missas?

— Vamos arrumar uma grande briga.

— Quem ficaria ao nosso lado?

— Leona, com certeza. Agora que penso sobre isso, Franz tinha algumas ideias muito parecidas.

— Ulrike — Amelia acrescentou — Seu irmão? — ela franziu a testa.

— Ficará ao meu lado contra a ira de meu pai, sem dúvidas, mas não quer dizer que concordará.

— Rolf tentará acalmar a minha mãe.

— Minha mãe provavelmente achará tudo uma grande aventura. A amo, mas ela não sabe demonstrar um pingo de juízo.

— Talvez pessoas sem juízo sejam o que precisamos agora — Amelia deu um sorriso de canto para ele — Tudo que eu tinha por sabedoria já foi confundido mesmo.

— De qualquer forma, acho melhor montar uma estratégia, para quem vamos contar e quando.

— Você parece preparado para ir à guerra, marido — ela riu.

— Prometi a Deus que lutaria batalhas por ele, — Levin disse, a voz baixa. Ele olhou para Amelia, e por um instante, o brilho dos seus olhos parecia capturar o fraco reflexo das estrelas que se viam pela janela aberta. O vento da madrugada fez a cortina balançar suavemente, trazendo um toque de frescor ao ambiente silencioso.

O tom dele era firme, mas havia uma fragilidade por trás, um

encantamento pela própria promessa. Amelia sentiu um calafrio percorrer a espinha quando ele a olhou novamente, e uma parte de Levin parecia transbordar pela própria vulnerabilidade, algo que ele ainda não sabia totalmente como lidar.

— Me parece que uma dessas batalhas seja contar a verdade. E sou um ótimo estrategista.

— Lidere o caminho então, general — ela fez uma reverência, que foi logo impedida, pois ele segurou suas mãos acima da cabeça e encheu a mulher de cócegas.



15

“Me deixe pegar sua mão, farei tudo ficar bem.

Eu juro te amar por toda minha vida”

Hold On - Chord Overstreet

Ela escovava os cabelos molhados e sorria para si mesma no espelho, orgulhosa da roupa que tinha escolhido. O vestido e as joias destacavam tudo nela. Era como se estivesse pronta para um baile.

Na verdade, tinha finalmente convencido Levin para dançarem e ele aceitou, desde que fossem só os dois em um lugar privado.

Para a condessa não importava se ocorresse longe dos olhos do público, ela se divertiria com certeza. Já tinha sido muitíssimo engraçado ver ele cedendo. Ela achava impossível que o marido dançasse mal, apesar de estar irredutível em tentar achar algo que ele fizesse de forma ruim. E era engraçado encontrar uma coisa a qual Levin tinha tanta aversão em fazer e o ver concordando apenas para deixá-la feliz.

Ter alguém apaixonado por si era divino.

Amelia ouviu sons de cavalos se aproximando e franziu o cenho. Não era comum receberem visitantes após o pôr do sol e, quando ocorria, eles eram informados com antecedência. Se perguntou se Levin precisou de algo na cidade e desceu para a sala, pronta para ser a anfitriã, mesmo que um pouco frustrada com a ideia de que aquilo poderia atrapalhar seus planos.

— Pois não? — ela perguntou, curiosa, vendo os dois homens em traje de soldado na sala de estar.

— O que está havendo aqui? — Levin entrou na sala logo em seguida e, ao ver os homens, franziu o cenho. — Milligan? Konrad? Aconteceu alguma coisa?

— Conhece eles? — Amelia questionou e não teve resposta, porque o homem mais alto estendeu um pergaminho enrolado para ele.

— Essa correspondência pertence a vocês?

Levin abriu o papel e, quando viu o conteúdo, seus olhos se arregalaram.

— Onde conseguiram isso?

— *Graf* Besser, reconhece o selo de sua residência nessa carta? — o outro homem perguntou, o tom de voz insistente.

Amelia conseguiu ver de relance o conteúdo do papel que seu marido tinha em mãos. Sentiu um frio na espinha, fruto de uma sensação de que algo estava terrivelmente errado.

Era a carta que tinha escrito mais cedo para Ulrike. Ela não entendia o porquê aqueles homens viriam tão longe por algo assim, mas não podia ser algo bom.

Foi aí que ela se deu conta. A carta onde escreveu os acontecimentos do último dia.

A carta onde relatava seu marido cometendo atos que, de acordo com o Édito de Worms, eram atos criminosos.

Amelia ia vomitar.

— Levin, eu — ela se virou para o homem e, por mais que ele mantivesse a postura firme, a condessa aprendeu a lê-lo. Podia ver os traços de medo em seu olhar.

— *Shh* — ele pediu — Não diga uma palavra — a princípio ela imaginou que ele deveria estar furioso com ela, mas seu olhar demonstrou que o pedido era para ela não se pronunciar na frente dos homens, ao indicá-los com a cabeça — Senhores — se virou para eles — quero que deixem bem claro suas intenções aqui hoje. Em nome de quem vocês vêm?

Um dos soldados, que mais tarde Amelia descobriu ser Konrad, tirou outro papel, mas, ao invés de entregar ao casal, leu em voz alta.

— Essa é uma ordem expedida por Carlos, Sacro Imperador Romano e Arquiduque da Áustria, Senhor dos Países Baixos e Duque da Borgonha. Declaro a prisão do *Graf* Levin Besser, senhor do distrito de Handschuhsheim por crimes de desobediência contra o édito real. O Núncio

Papal, aqui representado por Girolamo Aleandro, reforça a sentença.

Frau Schielen, ao ouvir isso, deu um grito aterrorizado, ao passo que Amelia encarava os homens sem conseguir dizer uma palavra.

Otto tomou o papel das mãos dos homens e, ao confirmar o que tinham lido, direcionava olhares de ódio para Milligan e Konrad, que não pareciam nada felizes de estarem ali.

Logo a confusão estava instaurada na casa. *Frau* Schielen era abanada por Veronica, que provavelmente acordou com os barulhos e veio ver o que ocorria. Otto estava quase partindo com socos para cima dos soldados, gritando a plenos pulmões que teriam que passar por cima dele para levar o seu patrão. Os dois homens, por suas vezes, estavam com a espada embainhada, mas não pareciam ter nenhum receio quanto a usá-la se necessário. E Amelia olhava tudo aquilo sem saber o que fazer, imaginando que deveria interferir de alguma forma, mas a situação estava fora de seu alcance totalmente.

— É O SUFICIENTE — Levin gritou e todos os presentes, inclusive os soldados, o fitaram, atônitos. A atmosfera do ambiente mudou instantaneamente quando o homem assumiu a liderança da situação e saiu ditando ordens para todos os lados.

— Veronica, leve a *Frau* Schielen para a cozinha e prepare uma xícara de chá para que ela se acalme, por favor. *Frau*, por tudo que é mais sagrado, a senhora passar mal aqui só vai piorar a situação.

A menina assentiu e conduziu a mais velha, que olhava para trás relutante. Mas o conde não tinha dado uma sugestão.

— Otto, contate meu jurista e peça para me encontrar no palácio. E mantenha tudo preparado por aqui conforme te orientei.

— Mas *Graf*, o senhor não pode deixar...

— Otto — um olhar de Levin foi o suficiente para o homem interromper sua argumentação e seguir para o andar de cima.

— Quanto a vocês — ele ordenou, dessa vez se dirigindo aos soldados — deixem-nos. Eu e a condessa temos que falar.

— Vossa Graça, temos ordens de que, se o senhor não colaborar e vir

conosco em paz, devemos levar a *Gräfin* também. *Eure Majestät* está disposto a demonstrar clemência por ela, mas pede sua colaboração.

— É claro que tem — ele passou as mãos pelos cabelos — Irei acompanhá-los, senhores, porém eu irei falar com minha esposa a sós, e sugiro que nenhum de vocês tente me impedir.

O espanto era visível na postura dos homens. A reputação de Levin o precedia e, naquele momento, ele parecia feral se colocando na frente da esposa, o corpo servindo como um escudo para cobri-la da vista deles.

Optaram por acatar seu conselho.

— Esperaremos o senhor no hall de entrada — O ruivo, Mulligan, assentiu, se direcionando para lá junto com seu companheiro.

Levin se virou para Amelia e ela começou a balbuciar, os olhos brilhando com as lágrimas contidas.

— Me desculpe — ela pediu, as mãos trêmulas — Eu agi sem pensar. É tudo minha culpa.

— Amelia — ele a puxou para seus braços — Fique calma. Respire. Consegue fazer isso por mim? — ele segurou o rosto da mulher com as mãos — Não vou conseguir ir sabendo que você está nesse estado.

— É minha culpa que você tenha que ir — ela balançava a cabeça freneticamente — Me desculpe, me desculpe.

— Está tudo bem. Eu fui até Lutero sabendo dos riscos. Isso estava fadado a acontecer. — A voz dele transparecia calmaria e isso a confundia.

— Eu deveria ir e falar com o imperador. Dizer a ele que foi tudo minha culpa, que eu o instiguei, algo do tipo.

— De forma nenhuma — ele grunhiu, a simples ideia de sujeitá-la a assumir a culpa em seu lugar causando uma fúria inexplicável nele. — Sou seu marido, Amelia. É minha função, minha responsabilidade.

— O que vamos fazer? — agora as lágrimas já corriam livremente pelo rosto da mulher.

— Você vai ficar bem — Levin as enxugou — Nós vamos ficar bem.

— Como tem tanta certeza?

— Não tenho, mas entregamos nossas vidas de verdade nas mãos de Deus, não é? Ele vai cuidar de nós melhor que nós mesmos. — O conde abraçou a esposa novamente — Ouça, Otto tem todos os recursos para lidar com a propriedade em minha ausência. Tudo o que precisar, o chame.

Amelia assentiu, se segurando em Levin, com medo de que, se afrouxasse o abraço, nunca mais conseguiria tocá-lo.

— Quero que me prometa uma coisa. — Ele pediu, sussurrando no ouvido dela.

— Qualquer coisa.

— Me prometa que, se o pior acontecer, você não irá assistir.

— Não diga coisas assim — A condessa se afastou levemente para conseguir olhar o marido nos olhos — Não diga algo assim, por favor.

— Amelia — ele suspirou, a seriedade nos seus olhos parecia abrasá-la — Me prometa. Não deixe que meu corpo decapitado seja a última memória que você tem de mim.

— Isso não é justo. Não fizemos nada de errado.

"Ou será que fizemos?", se passou na cabeça de Amelia após sua fala. A ideia de que ela tinha pecado gravemente, desobedecido aos homens de Deus e agora estava sendo alvo de Sua ira. O corpo de Levin perto do seu foi o que a ancorou de volta à realidade. Aquilo não fazia mais sentido frente ao Deus que conheceu.

Tudo que tinha feito foi confiar em Deus. Ele não a puniria por depender do Seu amor.

— Eu sei, meu amor, eu sei — ele acariciou a bochecha dela. — O que quer que aconteça, lembre-se que eu te amo. Entregaria minha felicidade pela sua num piscar de olhos.

— Eu também te amo, continuo falhando e você continua me amando.

— Eu sou mesmo impressionante.

O conde conseguiu arrancar de Amelia uma risada fraca.

— Eu preciso ir — ele pegou as mãos dela e beijou-as — Me mantenha em suas orações.

— Não desista, por favor.

— Não irei. Em nome de Deus, não irei.

E ele a puxou para um beijo avassalador, que pareceu roubar todo o chão de Amelia e, por um instante, ela esqueceu que tinha que respirar. Poderia ficar com a boca de Levin na sua para sempre, provando a doçura do marido e todos os sentimentos que ele demonstrava por ela naquele toque tão íntimo.

Então ele se foi, tão silenciosamente como um vento em dias de verão, que deixa apenas a lembrança do toque de suas brisas.



Milligan e Konrad não precisaram arrastar Levin para lugar nenhum. De fato, ambos os homens estavam impressionados com a cooperação do conde. Foram alertados a esperar muito mais resistência.

O palácio estava em polvorosa com a volta do imperador e o édito publicado em Worms. Poucos olhares se voltaram para eles quando passaram, o que fez Levin presumir que Carlos havia decretado sua prisão em sigilo.

Ao invés de encontrarem o homem no salão principal, eles se dirigiram para uma câmara reservada próximo aos aposentos de sua majestade.

Os soldados bateram e anunciaram sua presença ao entrar, mas em vez de uma grande comissão que Levin esperava ver lá dentro, estava apenas Carlos, com um olhar furioso.

Um aceno com a mão do imperador foi o suficiente para que os homens assentissem e saíssem do cômodo, deixando-o sozinho com Levin.

Nem o Besser nem o seu soberano eram tolos. Carlos sabia que Levin podia matá-lo em um instante se assim desejasse, e o conde tinha certeza de

que o rei poderia destruir toda a sua família.

Naquele momento, se firmava um acordo silencioso entre eles de que não fariam nenhuma dessas coisas.

Levin não ousou pronunciar uma palavra, tinha ciência que sua situação ali era crítica e preferia não irritar mais o homem.

Por isso, se ajoelhou em um joelho só, em um gesto de cavalheirismo, e esperou que Carlos se dirigisse a ele.

Quando finalmente isso aconteceu, o tom de voz dele era de um profundo desprezo.

— E então? Se prostra diante de mim como se fosse um dos servos leais do meu reino? — O conde não respondeu — Espero que tenha uma boa explicação, Besser. Girolamo está pedindo que eu faça de você um exemplo e estou tentado a concordar com ele.

— *Eure Majestät*, eu lhe garanto que não fiz nada para prejudicar o reino ou o senhor.

— Você não entende, não é mesmo? Seu desprezo pela política o deixa cego a ela. Pensa que sempre escapará, porque apenas seus motivos importam. Eu tolerava sua indiferença à nossa igreja, já que sabia que podia contar com você para defendê-la, mas não vou permitir que a afronte dessa maneira.

— Eu contava com você, Besser — o imperador continuou — Achava que defenderia meus interesses, a todo o custo. Mas você não só simpatizou com o inimigo desse país, como o ajudou a escapar aos olhos da justiça. Eu tentei defendê-lo quando os rumores que você estava na Saxônia chegaram até mim. Agora, tenho uma evidência em carta de que você se encontrou com um fugitivo. Quer que eu acredite que suas ações não foram para prejudicar a mim ou ao meu reino?

— E, para piorar, você volta e enche a cabeça da *Gräfin* de ideias. Ideias perigosas. Tem noção do que fez à fé de sua mulher? Não se conteve em ir ao precipício, quis levar a fiel Amelia a isso? Se a carta para Speyer não tivesse sido interceptada, quantos mais saberiam de suas percepções, Besser? Quantos mais você incentivaria a apoiar um criminoso?

— *Majestät*, encarecidamente lhe peço, não há outros envolvidos. Essa responsabilidade é minha.

— Estou disposto a considerar que a pobre de sua esposa estava apenas mostrando sua submissão a você, por ter acatado o que disse. Não tenho o mínimo desejo de dar fim à linhagem de Dieter.

O conde deu um suspiro aliviado ao ouvir aquilo, pois demonstrava que Amelia não tinha mencionado em sua carta que ele foi atrás de Lutero para benefício dela.

— Me dê o motivo — Carlos praticamente cuspiu — Me dê o motivo para você ter cometido traição à coroa.

Levin rangeu os dentes e, instintivamente, apertou as palmas da mão. Não podia de forma alguma dizer a ele que tinha feito isso pela esposa. Sabia que Carlos no fundo admirava a devoção de Amelia e todos ao redor dela a tinham com grande valia. Não podia estragar a reputação dela e de forma nenhuma arriscaria que o imperador a considerasse culpada ou incentivadora de algum delito.

— Eu queria ver com meus próprios olhos — ele disse, por fim — As ideias. Queria ver o que estavam escondendo de nós. Roma, *Eure Majestät*, e todos com acesso ao seu livro sagrado.

— E supõe agora que Roma esteve errada por todos esses anos e um sacerdote de uma pequena paróquia é que está certo sobre a interpretação da Palavra de Deus? — a falta de resposta de Levin foi tomada como um sim por Carlos — Dúvida de Sua Santidade, o Papa, Besser?

— *Majestät*, com todo o respeito — ele começou, relutante. Levin nunca relutava para nada na vida. Mas sentia que aquela era uma das conversas mais importantes que poderia ter com alguém — quando alguém tem consigo a verdade, não precisa ter medo de ser confrontado. A verdade continuará sendo verdade. O senhor mesmo me disse sobre as coisas que estão sendo escondidas. Se é a verdade, temos como provar. Sempre.

— E qual é a verdade? — Carlos disse, encarando o homem de forma enigmática. Não era desdém que Levin ouviu na sua voz, mas um tom de mágoa e também uma curiosidade contida.

O conde suspirou, precisava medir muito suas palavras. Não era um

erudito como Lutero, mas, quando abriu a boca, tudo fluiu perfeitamente.

— Quem crer em Jesus Cristo será salvo, e isso não depende do que conseguimos fazer ou deixar de fazer. A salvação é um presente de Deus. No final, o que nos livra da condenação não é o que fazemos, mas a fé que temos em Cristo. E temos que tirar nossos ensinos da Bíblia, e não apenas em doutrinas de homens.

— Não posso acreditar que, quando você finalmente decide adotar algum traço de religião em sua vida, seja de uma maneira tão blasfemadora. — O imperador se recostou em sua cadeira — Por tudo que é mais sagrado, Besser, volte a seus sentidos.

— Eu não posso, *Majestät*, não perdi os sentidos. — Levin balançou a cabeça — Entreguei minha vida a Deus e essa verdade só se convenceu em meu coração através da própria Palavra, não da boca de homens. Lutero foi apenas o instrumento o qual me direcionou para as Escrituras.

Carlos fitava o homem a sua frente incrédulo. Não conseguia entender como pudera mudar de atitude tão repentinamente, num momento passando de alguém que não se importava com Deus para esse ser comprometido.

Ele sempre pensou que um dia Levin iria se envolver com a igreja, lutando por ela, e não apenas por reverência ao império. Mas agora ele lhe parecia como alguém que tinha os olhos vendados pelas mentiras que o herege contava.

O poder de persuasão de Lutero era no mínimo admirável, Carlos pensou.

— Na escrivaninha atrás de você tem um documento — ele disse, respirando fundo. Aquela situação estava lhe causando dor de cabeça — Assine e estará livre.

Levin arqueou a sobrancelha, surpreso com a declaração repentina do imperador, mas se dirigiu ao papel que estava em cima do móvel.

Ele teve que conter uma maldição de escapar os seus lábios quando se deu conta do conteúdo.

— Você irá reafirmar sua lealdade para com o império, para com Roma e a Santa Igreja e com sua Santidade, o Papa. — Carlos disse metodicamente,

o tom de ordem em sua voz muito claro — Vai negar qualquer associação com Martinho Lutero e sua participação no sequestro dele. Vai condenar abertamente as ideias e credos que ele professa e se submeter às penitências que Girolamo determinar para seu pecado. Assine concordando, e tem minha palavra que o perdoarei completamente.

Levin olhava atônito para o papel. Então, sabendo qual seria seu destino, fez uma prece silenciosa, confiando que Deus faria o melhor por ele.

Devolveu o papel de volta mesa.

— Carlos — essa era a segunda vez que se dirigia ao imperador pelo nome. A primeira foi quando tinha sido chamado por ele logo após a coroação e este, visivelmente embriagado, lhe perguntara se Levin achava que seria um bom governante. O Besser havia dito na ocasião: *"Carlos, você tem potencial para grandes coisas."* e aquilo tinha deixado o homem satisfeito.

O que Levin diria agora não teria o mesmo efeito.

— Eu não posso.

Um momento de silêncio se passou entre eles e, por um instante, Levin pôde ver a boca de Carlos se abrir levemente em surpresa.

— Pois bem — o rei assentiu, se remexendo na cadeira — Você não me deixa outra escolha. — Konrad — ele chamou e o soldado abriu a porta, mostrando que ele e Mulligan estavam de guarda ali o tempo todo. — Escolte o *Graf* para a cela. — E se virando para Levin — Seu jurista estará presente quando decidirmos o seu destino.

16

“Mas eu vou nadar até você, nadar pela minha vida

E eu oro para que eu consiga chegar lá até o final da noite”

Lighthouse - Callum Scott

Amelia sabia o que tinha que fazer.

Quando recebeu a notícia, não teve dúvidas de que não poderia ficar sentada esperando, como *Frau* Schielen tinha implorado.

A governanta garantiu a Amelia que tudo se resolveria em breve, mas a condessa se recusava a se manter em casa apenas orando sabendo que tinha os recursos e tudo que precisava fazer para libertar seu marido, que agora estava em uma masmorra imunda no castelo de Heidelberg. Ela se sentia nauseada só de pensar em Levin preso naquelas condições desumanas.

Nunca havia passado nem perto das instalações de uma prisão militar, mas uma vez Amelia teve o desprazer de presenciar um prisioneiro político de Maximiliano depois deste ser libertado, após uma semana de encarceramento. Já o conhecia antes de ser preso, então vê-lo após ter se deteriorado tanto em tão pouco tempo foi um choque para a menina.

Não, Amelia Besser estava determinada a não deixar o marido dormir mais nenhuma noite nas masmorras.

— Diga a meu padrasto e minha mãe que desejo vê-los, por favor — ela pediu para a *Magd*, após ter sido recebida no salão principal da casa, e recusou a oferta para se sentar.

— Me traga algo mais forte — Amelia ordenou, quando uma das serviçais mais nova ofereceu uma água ou um refresco — Veja se há *aqua vitae* do Rolf — ela odiava cerveja e não estava em clima de festividade para beber hidromel. A bebida destilada era perfeita para o que ela precisava, todo seu corpo doía por ter cavalgado boa parte da tarde e da noite.

— Amelia? — ela ouviu a voz de sua mãe vindo do andar de cima e se virou.

Gerda descia enquanto amarrava um robe ao redor da cintura, seguida pelo marido sonolento, que quase tropeçou nas escadas mais de uma vez e esfregava as pálpebras desesperadamente.

— Santo Deus, minha filha — o rosto da madame demonstrava espanto vendo o estado dela e correu para abraçá-la, examinando-a de cima a baixo — Você parece que passou por um vento furioso. O que aconteceu? — uma conclusão horrível parece ter passado pela cabeça de sua mãe, porque a expressão dela mudou para a mais pura aflição — Onde está seu marido?

Foi o suficiente para toda a tensão que Amelia estava segurando se desprender. De repente ela se jogou nos braços da mãe, as lágrimas caindo como uma cachoeira pelo seu rosto e molhando o robe de Gerda.

Isso serviu para preocupar ainda mais a mais velha, que já esperava pelo pior.

— Calma, criança — Rolf se aproximou delas, vendo o caos que se instauraria ali se ninguém explicasse o que estava acontecendo — Seja o que for, você vai ficar bem — ele depositou uma das mãos nas costas de cada uma delas, acariciando, como um afago para acalmá-las. — Amelia, pode nos contar o que aconteceu?

A menina se forçou a largar a sua mãe, mas quando olhou os dois nos olhos, seus soluços pioraram.

A *Magd* trouxe finalmente uma taça com uma dose generosa de *Acqua Vitae* e Rolf teve que se controlar para não se desesperar junto. Amelia quase nunca bebia, não aguentava nem doses menores. Se ela tinha pedido por aquilo, algo muito sério tinha acontecido.

Depois dela ter terminado a bebida que estava em sua tacinha e enxugado suas lágrimas no lenço que recebera da sua mãe, ela conseguiu soltar algumas informações com a voz ainda um pouco anasalada pelo choro:

— Levin foi preso, mama — ela colocou o rosto entre as mãos. Estava exausta.

— Preso? — foi Rolf que respondeu — Por que um conde de Carlos seria preso?

— Ele foi acusado de tomar parte nos materiais do herege e compactuar

com suas ideias.

— Ora, mas isso é ultrajante — Gerda agora andava de um lado para o outro — Certamente houve algum mal-entendido. Minha filha, tanto o rei quanto seu marido sabem de sua devoção. Levin não confabularia com um fora da lei sabendo que isso poria em risco o casamento de vocês e a sua fé — ela olhou para Amelia, esperando confirmação, mas o que encontrou no olhar da filha a assustou.

— Amelia — a mulher se aproximou, segurando a mão da condessa entre as dela — Me diga que é tudo um mal-entendido, por favor.

A moça negou com a cabeça e abraçou a mãe novamente, voltando a cair no choro.

Gerda e Rolf se fitaram, incertos do que fazer. As acusações contra o seu genro eram gravíssimas e, se ele fosse a julgamento e condenado, não tinham dúvida que seria levado à decapitação. A reputação de Amelia estaria arruinada e, se, por algum milagre, o Besser tivesse uma sentença mais branda, seria exilado e perderia todas as posses. Ambos não estavam tão preocupados com o que a igreja acharia deles, mas tinham que considerar os sentimentos de Amelia nisso tudo.

— Ele fez por minha causa — a menina falou, parecendo ter se acalmado um pouco dessa vez — Ele estava tentando me ajudar, mama. Eu estava tendo um dos meus episódios de medo e ele foi atrás de Martinho porque estava convicto de que tinha algo de errado com meus devaneios.

— Amelia — Rolf se ajoelhou na frente dela, como a sua esposa tinha feito — Levin pode negar as acusações. Com certeza os anos de trabalho e o nosso bom relacionamento com a corte irão contribuir para que ele seja absolvido. Se ele disser que não ajudou o herege nem que compactua com as ideias que ele apresentou, ninguém fará esforço para condená-lo.

Ela imediatamente balançou a cabeça, deixando seus pais ainda mais chocados.

— Ele não vai negar, Rolf. Prefere morrer.

— Ah, Amelia, faça-me o favor — sua mãe soltou sua mão e se levantou, exasperada, cruzando os braços na frente do corpo — Nós já vimos seu marido enganar metade da população feminina de Speyer e prometer

casamento para várias prostitutas. Agora não pode contar uma mentirinha para o tribunal de Carlos?

— Por que Levin não quer negar a associação com o herege, Amelia?

— Porque ele estava certo, Rolf — ela respondeu, encarando o padrasto, querendo que ele visse a seriedade de sua resposta, e depois se virou para Gerda — Ele está certo, mama. Fomos enganadas a nossa vida toda. Todas aquelas indulgências, todo aquele sacrifício, os jejuns, as privações. Nada daquilo servia para me poupar do meu sofrimento. Eu estava indo para o inferno. Ele nos mostrou a verdade. E negar isso seria negar ao próprio Cristo.

— Amelia, isso é blasfêmia — a mãe gritou, horrorizada, e pareceu perceber que era ainda muito madrugada, pois diminuiu seu tom — Como pode chamar homens de Deus de enganadores?

— Mama, eu prometo que vou te explicar tudo. Aqui — ela estendeu a carta que havia recebido de Lutero para sua mãe — Enquanto eu não volto, leia isso. Mas não posso me demorar. Rolf — ela chamou a atenção do homem — preciso que me ajude.

— Qualquer coisa que quiser, filha — o homem respondeu e o coração de Amelia se encheu de ternura.

— Preciso que me forneça as escrituras da porção de terra de Niederbayern, que pertenciam ao meu pai. Sei que é sua por direito de casamento. Se ceder essa gentileza para mim, prometo pagá-lo o valor da propriedade com os juros que determinar.

— Amelia, você enlouqueceu? Aquelas escrituras eram os maiores orgulhos do seu pai. — Gerda se indignou.

— Mama, eu sei o que estou fazendo. Confie em mim.

— Confiar em você? Minha filha, você nunca soou tão longe de confiança como agora.

— Mama eu...

— Gerda – Rolf interrompeu a enteada para falar com a esposa — Amelia está com uma cara exausta, não acha? O jurista deve demorar algumas horas para encontrar os papéis — Agora ele se dirigia à Amelia —

Mas são suas, não preciso que me pague de volta. O que eu e sua mãe precisamos é que se deite um pouco. Não vai ser de nenhuma serventia desse modo.

Amelia quis protestar, mas o cansaço, junto com a dose forte de bebida que havia tomado, fazia com que todo o seu corpo parecesse latejando.

Ela já não conseguia raciocinar direito as palavras e seus olhos pareciam pesados. Por mais que quisesse pegar os papéis e voltar à sua cavalgada rumo ao destino, sabia que desabaria em algum lugar do caminho e aquilo só iria piorar as coisas.

Então, ela deixou sua mãe a conduzir escada acima, para o seu antigo quarto. Gerda parecia estar se contendo, mas não disse mais nada enquanto colocava as cobertas por cima da condessa. O cheiro familiar atingiu Amelia quando ela se deitou nos lençóis macios, as lembranças da primeira noite que tinha passado com o marido naquele lugar e, em algum momento, o sono a venceu.



Levin Besser já dormira em lugares horríveis. O conde (ou ex-conde, Levin não sabia qual sua situação atual perante o título) tinha passado noites na estrada, a céu aberto, em locais que seriam insalubres até de mencionar.

Mas o ambiente das masmorras do palácio de Heidelberg era definitivamente o mais angustiante deles: a cela era úmida e o cheiro de podridão exalava forte, mesmo nos corredores até chegarem ali.

As correntes rangiam levemente enquanto ele se mexia, tentando encontrar uma posição no chão frio. Nem todos os prisioneiros do imperador tinham as mãos e os pés presos por grilhões. Levin não sabia se, em seu caso, ele estava assim pois tinham medo dele escapar ou apenas como método de tortura. O homem desconfiava que eram as duas coisas.

As paredes de pedra, escuras e cobertas por manchas que Levin sabia serem de sangue, pareciam fechar-se ao seu redor, tornando o ambiente ainda mais claustrofóbico. Apenas a luz fraca de uma tocha, pendurada em um

suporte de ferro enferrujado, lançava sombras longas e distorcidas que dançavam pelas paredes.

Era inútil ter janelas ali. Estavam baixos demais no subsolo e a luz do sol não o alcançaria, portanto, sua única indicação de que tinha amanhecido era a refeição fria e duvidosa que o guarda tinha passado a ele por entre a grade.

Levin encostou-se na parede, tentando não se deixar levar por algum tipo de desespero. Ele era racional, precisava se manter dessa maneira. Mas não conseguia deixar de pensar nos prisioneiros que já tinham passado por ali. Prisioneiros que ele próprio tinha mandado para lá e garantido que fossem tratados de maneiras que causariam asco no Deus que agora tinha como seu Senhor.

Carlos teria que tomar uma decisão, ele concluiu, não era sábio deixá-lo ali por muito tempo, e sua prisão ou exílio não causariam o efeito esperado. Não, os conselheiros exigiriam que ele fosse feito de exemplo, e o mais radical possível.

Ele pensou em Amelia, confiava que as pessoas que tinha deixado ao redor dela garantiriam que ela sairia ilesa dessa situação, bem como sua família, de quem Lothar cuidaria para não sofrerem retaliações.

Seu temor no momento era que nenhum deles deixaria aquilo passar sem lutar. Os Besser eram uma potência e protegiam seus membros, mas Levin não queria o envolvimento deles naquilo. Era mais perigoso do que qualquer coisa que já tivessem lidado.

Além disso, bem no fundo, ele temia que nem seus pais, nem seus irmãos entendessem sua atitude. Ninguém de sua família o cobrava em relação a assuntos religiosos, sempre foram complacentes acerca de sua ausência nas missas e faziam vista grossa ao seu comportamento devasso.

Mas tradições eram tradições. Levin sabia da importância delas e de suas bases para que as coisas não desmoronassem. Temia que seus pais também se importassem mais com elas do que com seu filho.

Agora seria a hora de descobrir.

Um barulho de trancas sendo abertas chamou sua atenção e os seus olhos se dirigiram para a porta, onde viu seu jurista entrar com pena e papel

na mão e, atrás deles, alguns guardas trazendo uma mesa e duas cadeiras.

— Vossa Graça — o homem cumprimentou — Otto me enviou. Podemos falar?

— É claro — ele assentiu.

— Senhores — Hieronymus Schurff deu um olhar nada contente aos soldados — Creio que os grilhões não são necessários. Meu cliente não representa uma ameaça e, sendo assim, exijo que os retirem.

Os homens se entreolharam, em dúvida. Nenhum deles conhecia o conde. Ele não duvidava que, se fosse algum membro de sua ex-tropa, não teriam hesitado em obedecer.

— Depressa, por favor. Sou pago pela hora de trabalho e acredito que nenhum de vocês tenha fundos para remunerar o tempo que estou gastando enquanto espero minha reunião com o conde iniciar.

A fala do jurista teve o efeito desejado, pois um dos guardas se dirigiu a Levin, soltando as correntes de suas mãos e pés. O Besser massageou levemente o local, se levantando logo em seguida e se dirigindo à cadeira de frente para Hieronymus.

— Devo admitir, *Graf* Besser, que, apesar de o senhor ser meu cliente há muitos anos e eu ter atuado nas alegações de Lutero, nunca imaginei que teria que trabalhar defendendo o senhor por auxiliá-lo — ele se sentou, espalhando os papéis na mesa.

— Quando te vi na lista de defesa de Martinho, cogitei dispensá-lo para proteger minha reputação, doutor e olhe onde estamos agora — Levin deu uma risada amarga.

— Uma grande ironia do destino, de fato — ele pôs as lentes e começou a ler os papéis para Levin. Quando terminou, colocou eles em ordem na mesa e fitou o prisioneiro — *Graf*, não preciso informá-lo dos pormenores. A situação é crítica, como o senhor mesmo sabe e, assim como aconselhei Martinho, aconselharia o senhor: retirar suas palavras e receber clemência.

Antes que Levin pudesse responder, ele continuou:

— Porém, sei dos fatos. Conseguirei convencer o senhor a recuar tanto

quanto consegui convencê-lo. Portanto, quero saber do senhor, que caminho quer tomar na audiência?

— No mínimo, quero que ouçam a verdade. Se me deixarem falar, ficarei satisfeito.

— *Graf* Besser, eles podem até ouvi-lo, mas não vão escutar nada, se é que me entende.

Levin entendia. Mas ainda acreditava que, se tivesse a chance, deveria tentar.

— Só garanta que isso não irá de maneira nenhuma refletir em Amelia. Como fica o distrito, digamos — ele cerrou os dentes — se o pior acontecer?

— Visto que o senhor não tem filhos, a propriedade passaria a um parente direto do sexo masculino a não ser que o imperador determine o contrário. Lothar seria a opção mais adequada, mas primeiro esperariam para garantir que a condessa não esteja esperando um herdeiro do senhor.

Levin passou as mãos pelo cabelo. Um filho dele e de Amelia garantiria os direitos de Handschuhsheim para a criança e, consequentemente, para ela. Como isso parecia fora de cogitação, sabia que Lothar era uma boa opção. Ele e Heidi, caso se tornassem senhores do condado, iriam garantir que Amelia tivesse tudo o que precisasse.

— Temos alguma outra alternativa?

— Sendo honesto, Levin, dada sua situação e de Lutero com Deus, apenas mais uma, que é rezar por um milagre.



Quando Amelia acordou, não muitas horas depois, ainda não estava completamente descansada, mas não se sentia a ponto de desmaiar, então já era uma vitória.

Nem que tentasse dormir mais, não conseguiria. Primeiro porque já tinha perdido tempo demais, segundo porque a casa estava um alvoroço no

andar de baixo.

Vozes, uma tentando falar mais alto que a outra, podiam ser ouvidas, junto com passos que pareciam ir a todo e nenhum lugar.

Ela se dirigiu ao local de onde o barulho parecia ter origem e, quando chegou, encontrou madame Besser chorando descontroladamente no sofá e sua mãe a abanando.

Herr Besser sabia manter o olhar impassível como Levin, mas ela conseguia ver indícios de que ele estava furioso.

Liesel segurava Ludwig, que estendia os braços na direção da mãe e parecia ser afetado pelo choro desta, já que os olhinhos do menino estavam vermelhos.

E, em um canto mais afastado, ela viu Leona e Ulrike sussurrando uma para a outra, ambas com receio estampado.

As amigas foram as primeiras a notar a presença de Amelia no cômodo. Sairam em disparada e estenderam os braços para a loira, que aceitou de bom grado o conforto.

— Recebemos notícias de Heidelberg e viemos para cá — a cunhada falou — Otto nos diz que é muito ruim, Amelia, o que houve?

— Isso é ultrajante — *Herr* Besser elevou o tom de voz, com raiva — Meu filho não é um criminoso e muito menos um herege. Ele pode até ser um devasso, mas nunca um traidor da igreja.

— *Schwiegervater*[22] — ela chamou o homem, indo na direção dele de cabeça baixa, envergonhada — Foi tudo culpa minha. Levin se associou com os rebeldes procurando o meu bem-estar e eu não soube lidar com a situação e acabei enviando uma carta para cá que foi interceptada e descobriram tudo. Peço que me perdoe.

O homem a fitou por um instante e Amelia mordeu o lábio, nervosa com a reação que iria receber do sogro.

— Bobagem — ele balançou a cabeça — confio em Levin. Se ele foi atrás daqueles homens, teve seus motivos. Isso não o torna um traidor. E se ele a está protegendo, querida, está fazendo a obrigação dele.

— Temos que fazer alguma coisa, marido — a madame o chamou — Não podemos deixar meu menino naquele lugar e muito menos que tentem tirar a vida dele.

— Lothar está indo para lá, ele cuidará disso, não se preocupe. Nada será decidido sem uma audiência formal com um jurista.

— Isso pode levar dias, papai — Leona retrucou — Eles têm tempo o suficiente para levantar qualquer evidência e testemunha que desejarem.

— Meus pais avisaram que estão dispostos a testemunhar da idoneidade do *Graf*, se for preciso — Ulrike sentiu a necessidade de contribuir e Amelia lançou a ela um olhar de gratidão.

Apesar de nenhuma das pessoas ali saber com exatidão o que tinha acontecido e todos os fatos apontarem para a culpa do Besser perante a lei, estavam depositando sua confiança no caráter de Levin, e isso aquecia o coração de Amelia.

Entretanto, a sala tinha virado um burburinho novamente. Todos tentando falar ao mesmo tempo, opiniões sendo dadas e ideias despertando. Era muito para a condessa. Naquele ritmo, Levin sofreria mais noites em uma cela insalubre, afastado de qualquer dignidade.

O seu sogro estava certo em confiar em Lothar para lidar com a situação. Amelia tinha certeza de que o cunhado tinha mais conhecimento que ela.

Mas não era o suficiente. Ela veio a Speyer com um objetivo bem definido, sabendo o que deveria fazer.

— Família — ela chamou e ninguém, fora as amigas, deram atenção a ela — Família — Ela tentou mais alto e ainda nada. Aquilo a desanimou.

— FAMÍLIA — Leona deu um grito ao seu lado que assustou grande parte dos presentes, mas teve êxito em trazer as atenções de todos para si. Até Ludwig parou de chorar — Amelia quer falar. — Se virou para a condessa — Prossiga, cunhada.

Amelia deu um sorriso grato para ela, achando um pouco de graça em como ela era parecida com Levin naquele momento e se virou para os presentes.

Todos a encaravam com um misto de expectativa, curiosidade e nervoso.

— Muitos de vocês sabiam sobre o medo avassalador que dominava minha vida — ela fitou sua mãe, que assentiu — Achei que poderia ser uma boa esposa para Levin e apenas cumprir meus deveres. Mas como devem bem conhecer o filho de vocês, — a condessa se virou para os Besser — é difícil não amá-lo.

— Por causa do meu medo, eu acreditava que não podia ser feliz com meu marido. Que qualquer sentimento tinha que ser reprimido, caso contrário eu estava correndo o risco de pecar e de receber um castigo de Deus.

— Acredito que leram o conteúdo da carta — ela apontou para o papel aberto na mesinha de chá no meio da sala — Essa correspondência foi resultado de Levin ter ido atrás de Lutero. Um fora da lei, aos olhos do imperador, mas um homem que tem a verdade sobre Deus e quer contá-la para quem estiver disposto a ouvir.

— Eu poderia vir aqui e não citar nada disso, pois sei que nossas tradições são um assunto delicado e não quero magoá-los. Mas não vou esconder a questão de fé que mais fez sentido em toda a minha vida. Sinto que fui enganada por todo esse tempo pela nossa igreja — o queixo de sua mãe caindo não passou despercebido nem o sorrisinho de Leona — E quanto a isso, não vou dar um passo atrás.

— Só que meu marido está numa prisão enquanto perdemos tempo discutindo entre nós. E eu acredito, não, eu tenho certeza — ela balançou a cabeça — que é minha função ajudá-lo. Peço a licença de vocês e que me deixem fazer isso.

Quando ela fitou Rolf, percebeu que o padrasto olhava para ela de volta e alternava entre a loira e um pergaminho amarrado que estava sobre a mesinha, próximo à porta.

— Sei o quanto Niederbayern significa para os Hohl, para os Kühnemann e para os Besser. É um grande ativo de nossa agora família. E é também para mim. O lugar detém as minhas últimas lembranças com meu falecido pai. Mas acredito que falo por todos aqui e que meu pai concordaria: a vida de Levin vale muito mais.

Então, sob o silêncio de todos os presentes, que pareciam chocados demais para impedi-la, ela pegou o papel e se dirigiu a saída.



17

“O escravo não tem lugar permanente na família, mas o filho pertence a ela para sempre. Portanto, se o Filho os libertar, vocês de fato serão livres”

João 8:35-36

Amelia Besser marchou de cabeça erguida até a sala do trono. Ela podia ver pelo canto do olho e ouvir os cochichos das pessoas por todos os corredores que passava no palácio. Havia escárnio nesses sussurros, mas ela não cedeu.

Tinha ido até ali com uma missão e não sairia até que a tarefa estivesse completa.

Na porta que dava acesso ao grande salão, um dos guardas tentou pará-la.

— *Gräfin*, não está autorizada a entrar aí. Não pode se apresentar sem a permissão do rei. Ele irá mandar prendê-la.

— Me solte — ela se desvencilhou do homem — Deixe isso para *Eure Majestät* decidir e, se nosso senhor tiver que proferir alguma sentença, que ele faça comigo presente.

— Eu entendo, mas temos ordens de que o Imperador não quer receber ninguém.

— Pois me prenda então. Mas faça isso depois que eu falar meu caso na presença do rei. Ainda sou a Condessa de Handschuhsheim e eu serei ouvida.

Isso pareceu causar até um certo medo nele, já que se afastou e deu espaço para Amelia abrir as portas sozinha. Ele não ousou fazer isso e nem fez menção de apresentá-la no salão.

Carlos, Guillermo de Croy[23], Girolamo Aleandro e mais alguns conselheiros estavam reunidos com os homens ao redor do trono, onde o Imperador falava algo baixo para eles. Todos os olhares se voltaram para Amelia, que vinha decidida, mas com a expressão calma no rosto.

Quando ela chegou na frente do salão, fez uma reverência para os clérigos e, para a surpresa de todos, se lançou no chão na frente do rei.

A mulher estava com as mãos apoiando seu peso, com os joelhos dobrados e o rosto muito próximo da superfície. Ela não ousava levantar a cabeça, mesmo diante dos burburinhos.

O último olhar que havia dado para o rosto de Carlos indicava que ele estava intrigado.

— Meu Senhor — ela suspirou — Todo esse tempo, eu e meu marido temos sido cidadãos exemplares do Sacro Império. Com nossas fortunas, fizemos a coroa mais rica e a Alemanha mais próspera. *Graf* Besser honrou Sua Saudosa Majestade, Maximiliano, até sua morte e tem feito o mesmo com Vossa Majestade Imperial.

— Eu posso atestar pela honra de meu marido — ela continuou, para não deixar espaço para ninguém a interromper — Que nenhuma das ações que ele tomou foi com a intenção de causar dano ao seu reinado ou à *Eure Majestät*. Levin Besser nunca foi um homem de fé, como o senhor sempre atestou. Tudo que ele fez foi por causa do meu bem-estar e pela sua vontade recém-descoberta de conhecer coisas que ele ainda não entende.

— O conde daria a vida por *Eure Majestät*. Mas também por mim, pelas nossas famílias e por todos quem ele assumiu a responsabilidade de proteger. E meu marido fez um juramento ao próprio Deus que seguiria a Ele. — Amelia fez um esforço descomunal para se controlar e não deixar sua voz tremer. A vontade de chorar se alastrava pela garganta dela — Por isso eu apelo ao seu próprio compromisso com Deus, *Majestät*. Não destrua a vida de alguém que se colocaria em frente a uma espada para salvá-lo.

— Se nós estivermos tomando caminhos tortuosos, que Deus nos julgue e nos condene por isso — Amelia conteve um sorriso ao dizer isso. Sabia que não havia mais nenhuma condenação para ela e para Levin aos olhos de Deus.

— Aceite, por favor — Ela estendeu o pergaminho para ele e pôde ver pelos sapatos do Imperador que não tinha sido o próprio quem retirou o objeto de sua mão.

— Mas isso é... isso é — *Herr* de Croy exclamou, espantado.

— É a escritura da propriedade de Niederbayern — ela assentiu, esperando que os homens pudessem ver — Sabemos o quanto a coroa tinha o desejo de anexá-la, desde os tempos que meu pai trabalhava na corte. Está em nossa família há gerações e gostaríamos de oferecê-la para os tesouros reais. Os Kühnemann continuarão a manter a propriedade e suas despesas, mas o poderio sobre ela, bem como todos os lucros, irá para o senhor. Como prova de nosso comprometimento com o Império.

Os homens ao redor do trono se entreolharam, mas Carlos fitava atentamente a mulher ajoelhada à sua frente. Amelia Besser o tinha surpreendido mais do que os acontecimentos em Worms.

— Deixe-nos — ele disse, olhando para os nobres — Quero falar a sós com a *Gräfin*.

— *Majestät*, não creio que isso seja apropriado — Aleandro interveio.

— Caso não tenha sido claro, esse império é meu antes de ser de Roma, Girolamo. E eu ordenei que nos deixassem.

Um a um, os homens foram relutantemente deixando a sala do trono e a porta foi fechada, os olhares curiosos fitando o rei e a condessa até o último instante.

— Levante-se, *Gräfin* — Carlos pediu e foi quando Amelia ergueu o rosto que percebeu que o imperador estava com a mão estendida para auxiliá-la — Ao contrário do que as más vozes dizem, não sou um monstro. Meus desejos de ver uma mulher humilhada são nulos.

— Obrigada, meu senhor — a mulher acatou a ajuda, mas não ousou se mexer após levantar-se. Ela sentia o olhar fixo de Carlos em si e se forçou a manter as mãos ao seu lado, quando sua vontade era esfregá-las uma na outra para conseguir retirar a pele que cobria suas unhas.

— Diga-me, porque estou achando tudo muito difícil de assimilar. Está aqui por amor, por lealdade ou por medo?

Amelia não conseguiu conter um sorriso no canto de seus lábios.

Estava em uma das situações mais perigosas pelas quais já tinha passado em sua vida, em algo que ameaçava tudo que tinha construído. E não sentia medo. Tudo que sentia era a pura liberdade de entender que o homem

parado à sua frente, por mais poder e autoridade que exibisse, nunca seria capaz de fazê-la cativa novamente.

— Uma mulher só vai até um certo ponto por medo, *Eure Majestät*. E laços de lealdade são fáceis de destruir. Creio que, no fim, a resposta sempre será o amor. — Ela finalmente o encarou — Estou aqui por meu amor a Deus e ao conde.

— Entendo — o rei assentiu e Amelia podia jurar que havia um semblante satisfeito em seu rosto — Eu presumo que esse amor, ou mesmo a lealdade, não se estenda mais à nossa igreja?

A condessa não resistiu e aproximou as mãos.

— *Majestät*, peço que não me entenda mal. Não é por soberba ou por rebeldia que falo isso, porém que chances o amor e a lealdade tinham de se fincarem em meu coração quando foram colocados lá através do medo?

Carlos Habsburgo encarou a mulher a sua frente, cujas palavras eram mais enigmáticas que as de Levin, mas ele conseguia compreender de onde tudo aquilo vinha. Anteriormente, visualizava a condessa por uma fachada, entretanto, naquele instante, percebeu que estava vendo a verdadeira Amelia Besser, assim como viu Levin quando o prendera.

— A senhora foi corajosa em vir aqui, *Gräfin*. Poucas mulheres se arriscariam tanto pelos seus maridos.

O silêncio que se seguiu foi ensurdecedor.

Então Carlos tornou a se sentar e começou a escrever. E pareceu fazer isso por horas, mas Amelia sabia que foram só alguns minutos.

— O que irei lhe dizer não constará em nenhum auto — ele falou por fim, enrolando o pergaminho e dando nas mãos da condessa — Mas saiba que a senhora foi sábia. Bendito seja o teu lar. — Amelia soltou o fôlego que não sabia que estava segurando — Leve essa ordem de soltura para o guarda responsável pelas prisões. Seu marido está livre para ir. Niederbayern fica comigo.

— Obrigada, *Majestät*, muito obrigada — a moça se inclinou para beijar a mão do rei e uma lágrima solitária correu de seus olhos para o anel do homem.

Amelia tinha conseguido, com algumas palavras e a guia de Deus, fazer a coisa certa. Em seu coração, ela glorificou a Cristo por aquele livramento.

— Na ordem consta quantos dias vocês têm para sair de Heidelberg — Carlos disse, a voz firme, mas a reação de Amelia não mudou — Deixem os bens que pertencem exclusivamente ao condado e meus conselheiros ficarão em alerta para não permitir que vocês se aproximem de minha corte novamente.

Amelia assentiu, agora tremendo um pouco. A ideia de abandonar Handschuhsheim apertava o coração dela, porém a alternativa era muito pior e sua gratidão não vacilou.

— Eu entendo, meu senhor. E lhe agradeço mesmo assim.

— Vá buscar o conde — E, se Carlos percebeu que se referiu ao homem pelo título, não deu nenhuma indicação.

A mulher se afastou do trono com uma reverência, e foi à saída mais rápido do que deveria, porém com um esforço descomunal para não correr.

Foi quando ouviu a voz do imperador a chamando de uma maneira que nunca imaginou escutar:

— Amelia — ela parou e encarou o homem, surpresa — Espero que um dia o mundo esteja normal o suficiente para que eu reencontre seu marido.

— Tenho certeza de que ele gostará muito disso, Carlos — ela arriscou, com um sorriso, se dirigir à sua majestade pelo nome — E caso o mundo que conhecemos nunca alcance esse estado, espero poder vê-lo ao lado de nosso Senhor.

O rei apenas assentiu, surpreso com a última afirmação dela, e Amelia cruzou a porta e passou a correr pelos corredores, agora que estava livre dos olhares do imperador.



— Besser — Levin ouviu a voz do guarda principal o chamar — Para qual santo você reza?

A sobrancelha arqueada do conde na direção dele foi um indicativo de que Levin não estava a fim de responder perguntas engraçadinhas.

O responsável pelos prisioneiros já havia trabalhado com o homem que agora estava separado de si por uma grade e conhecia o temperamento do tal. Apenas deu uma risada e balançou a cabeça com a reação dele.

Porém, ficou satisfeito ao ver a leve surpresa de Levin quando a porta foi aberta e ninguém entrou, nem seu jurista, nem alguém para lhe carregar para a execução, ou uma pessoa para lhe dar uma surra. Normalmente eram os únicos motivos pelos quais as celas eram abertas.

— E então? — o guarda perguntou, indicando a saída com a cabeça — Quer ficar mais algum tempo ou irá fazer as honras?

— O que está acontecendo?

— Está livre para ir — ele disse simplesmente — Acabei de receber a ordem.

— Vinda de quem? — Levin se levantou e foi cautelosamente na direção do homem — Alguém da minha família está aqui?

— Por Deus, Besser, saia de uma vez. A moça se recusou a esperar lá em cima e ela parece com frio.

Se dissessem ao soldado que ele veria Levin Besser tão surpreso tantas vezes naquele dia, o pobre homem não teria acreditado. Porque a expressão do conde, pela primeira vez em muito tempo, indicava que ele não tinha ideia do que estava acontecendo. A situação estava fora de seu controle e aquilo deixava Levin desconfortável.

Entretanto, quando pisou perto da porta e viu a figura de sua esposa parada ali, de braços cruzados, não parecendo ter nenhuma inquietação no mundo, foi que Levin Besser perdeu toda a compostura que lhe restava.

— Amelia, pelo amor de Deus, o que está fazendo aqui?

O sorriso que a mulher abriu quando o viu fez com que ele perdesse parte da vontade de dar um sermão nela. Amelia parecia pronta para abraçá-

lo, nem que para isso precisasse adentrar um pouco a cela, mas Levin morreria antes de permitir aquilo. Por isso, se adiantou e pegou a mulher pela cintura, levantando-a do chão e tirando-a dali.

A saudade que sentia dela se misturou com a vontade de protegê-la daquele local, com o medo que teve de Amelia estar machucada e com a sua indignação por ela ter desobedecido.

— Eu também senti sua falta — Amelia se aninhou no peito do marido e aquilo pareceu acalmá-lo um pouco.

— Eu não te disse para ficar em casa? — Levin carregava a mulher escada acima com muita rapidez e não parecia fazer nenhum esforço para tal.

— Vim te libertar — o homem sabia que ela estava sorrindo, orgulhosa.

— Não sei nem o que dizer para você.

— Um ‘obrigado’ basta, marido — o conde a colocou no chão quando saíram do ambiente da masmorra. Por mais que ainda estivessem no castelo, local onde nenhum dos dois deveria permanecer naquele momento porque as notícias corriam rápido, Levin sabia como se esgueirar por passagens menos movimentadas.

Ainda assim, ele não prosseguiu sem antes pegar Amelia pela cintura mais uma vez e a envolver em um abraço. O homem afundou o rosto no pescoço da condessa, a proximidade não sendo o suficiente para garantir a Levin que ela estava ali e aquilo não era uma miragem.

Em algum momento de sua prisão, Levin achou realmente que não veria Amelia de novo. Tê-la segura em seus braços foi motivo para ele fechar os olhos e agradecer a Deus pela benção.

— O que você fez? — O Besser sussurrou para a esposa.

— Niederbayern. — Ela disse simplesmente e Levin entendeu a troca.

— Quantos dias temos no condado?

— Como você sabia?

— Ele não pode nos deixar ir sem represálias.

— Dez dias. — Amelia se afastou para fitá-lo e acariciou o rosto dele — Me desculpe. Sei o quanto se esforçou pela propriedade.

— Nós vamos superar isso. Estamos juntos e nada mais importa. Eu só sinto que tenha que deixar a casa que se tornou seu lar.

— Meu lar é com você, Levin.

O homem se abaixou para beijar os lábios da esposa.

— Obrigado — ele agradeceu, colando suas testas.

— É claro. — Amelia pareceu lembrar de algo, porque adquiriu um sorriso travesso — Não o deixaria preso. Onde mais eu encontraria um marido para me amar como Cristo amou a igreja?

Levin riu. Lutero tinha escrito essa afirmação nos versos para eles e Amelia tinha achado fantástico.

— Não esqueça da parte onde diz para as esposas se submeterem aos seus maridos, como ao Senhor. O que inclui não sair em missões perigosas quando o marido diz para ficar — ele repreendeu, mas estava rindo com ela.

— Eu estava sob ordens superiores — ela deu de ombros e se inclinou para beijar Levin novamente — Com certeza você vai superar.

Os dois estavam tão absortos um no outro que não viram um homem vindo em sua direção, e este também parecia tão nervoso que não notou o casal no corredor até que esbarrou neles.

— Minhas desculpas, meus caros, eu não os vi e.... — Ele começou a dizer e, quando Levin reparou nos traços da figura à sua frente, arregalou os olhos.

— Lothar?

— Irmão? Amelia?

— Olá, cunhado — ela acenou para ele.

— Onde vai com tanta pressa? — Levin perguntou, mas já sabia a resposta.

— Oras, eu estava indo te salvar, é claro.

— Temo que sua cunhada já te superou nisso — Levin disse e Lothar finalmente entendeu a situação. O conde riu do choque no rosto do irmão — Fique esperto, Lothar, ou Amelia deterá o título da Besser que resolve as coisas na nossa família.

— Fico feliz que está bem, irmão, mas você — ele se virou para Amelia — se arriscou muito vindo aqui. Não faça mais isso.

— Farei o possível — A mulher assentiu para ele.

— E, por favor, não dê esse tipo de ideias a Heidi — a expressão no rosto do mais velho era quase de súplica e isso fez o casal gargalhar com pena de Lothar.

Quando Amelia e Levin retornaram para casa e puderam ficar sozinhos, a primeira coisa que a condessa cobrou foi a dança que o marido estava devendo a ela.

Depois daquele dia e de ter comprovado que Levin era, de fato, bom em tudo que fazia, Amelia exigiu que ele dançasse com ela sempre.

Levin Besser nunca aprendeu a gostar de dançar, mas gostava de Amelia e de fazê-la feliz, então apenas concordava.

FIM



EPÍLOGO

“Eu sei que você ainda me amará quando eu não for mais jovem ou bonita”

Young and Beautiful - Lana Del Rey

17 ANOS DEPOIS

"Só um passo de cada vez", eu tentava me convencer enquanto olhava para as escadas. Eu estava enorme, a ponto de não conseguir ver meus próprios pés. *Frau* Schielen era minha única incentivadora para me exercitar, pois, de acordo com ela, se eu fizesse o que quisesse, passaria o dia deitada lendo.

Minha governanta não estava errada.

Quando descobri minha quarta gravidez, fiquei inconsolável. Eu não me achava mais com idade ou paciência para criar uma criança e quis bater no meu marido quando vi seu olhar de pura felicidade ao dar a notícia para ele.

A vontade de matá-lo passou tão rápido quanto veio, sendo substituída pela de chorar. E, como não havia nenhuma ressalva bíblica sobre o choro, aproveitei para colocar minhas lágrimas para fora.

A expressão de Levin mudou no mesmo instante, e admito que sinto um pouco de culpa quando lembro o quão preocupado ele ficou.

— O que foi, *Gräfin*? — ele se aproximou de mim, com cautela, usando o mesmo apelido de quando nos casamos, apesar de, oficialmente, não estarmos mais utilizando nossos títulos. O nome tinha pegado e eu gostava de como soava nos lábios dele — Há algum problema? Está se sentindo mal?

Eu queria gritar que sim, que não havia cabimento uma mulher ter um filho na minha idade. Que muitas coisas ruins poderiam acontecer, que eu

não era mais jovenzinha e que ele era um irresponsável por ter deixado aquilo acontecer. Mas eu sabia que nenhuma dessas eram minhas preocupações genuínas então resolvi falar a verdade.

— O que as pessoas vão pensar de mim? — eu soluçava enquanto tentava falar uma frase legível. — O que vão pensar que eu fiz para ficar grávida nessa idade?

Para minha surpresa, meu querido marido, com um sorriso que não envelheceu um dia desde que nos casamos e a mesma aparência jovial, riu.

O verbo rir parecia pouco para descrever a gargalhada exagerada que ele deu e até parei de chorar para encará-lo, inconformada.

— Está rindo, Levin? Será que não consegue levar nada a sério? — eu acusei — Sua esposa em prantos, prestes a ser difamada pela sociedade e você rindo como se tudo fosse uma piada?

— Meu amor — ele tentou segurar meu rosto, mas eu me afastei e sentei na cama, cruzando os braços, sem me importar com as lágrimas que ainda caiam — Amelia — ele chamou, agora com um tom mais sério e se ajoelhou ao lado de onde eu estava — A única coisa que as pessoas vão pensar é que você é uma mulher muito bem casada e que seu marido é louco por você — ele piscou — Tão louco que não conseguimos ficar longe um do outro.

— E se julgarem que estou infeliz por causa disso?

— Você está? — ele questionou, e eu imediatamente balancei a cabeça, negando — Foi o que pensei. Não importa como te julguem, lembra? Nós sabemos que a única opinião que importa sobre nós é a do Senhor. E o que Ele te diz sobre isso?

— Que esse filho é uma herança — respondi e Levin sorriu, se aproximando de mim e acariciando minha barriga.

— Exato — ele tirou a mão do local e se inclinou para depositar um beijo lá — E quem sou eu para recusar um presente do meu Criador? — ele levantou os olhos da minha barriga, e foi um daqueles momentos em que eu fui lembrada de que o amor é paciente e bondoso. Havia tanta ternura no rosto de Levin que era quase possível ver aquele sentimento exalar para os arredores dele.

Os anos tinham passado e, apesar de às vezes a chama que havia entre nós enfrentar um período de queda, o amor continuava ali.

Meu marido tinha se tornado um pastor cuidadoso para as ovelhas do rebanho de Cristo em nossa igreja local, atencioso e disposto a ajudar os membros. Ele era também um pai excelente para nossos três filhos, amoroso, firme e compreensivo. E, além disso, exercia o sacerdócio da nossa casa com maestria, sempre tomando sobre si a autoridade que era devida e isso tinha sido essencial para termos chegado ali.

Hoje, quase entrando em minhas últimas semanas de gravidez, eu lembro com ternura o quanto minha vida se tornou mais fácil por causa dele. Levin fazia o que tinha que ser feito, e isso me dava espaço para exercer o papel que o Senhor tinha dispensado para mim com alegria e disposição.

Eu até tinha conseguido aprender francês. Meu marido tinha sido um ótimo professor, mas me fez prometer que ele seria o único com quem eu usaria o idioma ao me ver falando uma frase completa pela primeira vez. Ele disse que o biquinho que eu fazia na pronúncia era o suficiente para fazer impérios desabarem.

— Precisa de uma carona? — ouvi um sussurro em meu ouvido e dei um pulinho com a aproximação, rindo quando percebi quem era.

— O último degrau está tão distante quanto parece? — perguntei enquanto me virava e percebi que ele se segurava para não rir.

— *Gräfin*, não sou nem louco de responder esse tipo de pergunta para você.

Eu fiz uma careta.

— Vou deixar essa passar porque preciso muito chegar lá embaixo — estendi os braços sobre os ombros dele.

— O prazer é todo meu — Levin se abaixou e, de uma vez, me levantou como se eu não pesasse mais que sua armadura — Para onde?

— Para a sala de estar — pedi — As crianças prepararam algo que querem nos mostrar.

Levin me deu um olhar divertido quando ouviu eu me referindo aos nossos filhos como crianças. A única que podia se passar como tal era nossa

caçula, que ficava muito brava quando nos referíamos a ela desse modo e não como mocinha.

— E você pretendia subir para me chamar novamente?

— Confesso que não pensei nisso — dei de ombros. — Provavelmente eu só iria mandar Susanna atrás de você. Ela tem energia para gastar, eu não.

Ele riu, provavelmente lembrando da altivez de nossa filha, que em breve se tornaria filha do meio como Anna Maria. Ela tinha acabado de completar doze anos e sempre foi a mais enérgica dos três.

Nós desconfiávamos que, de alguma maneira, ela tinha puxado a Ulrike.

Susanna sempre estava procurando algo para preencher seu tempo e não suportava ficar sentada por mais de alguns minutos. Ela só havia se interessado por aprender o alaúde porque podia tocar em pé.

Anna Maria, nossa segunda, diferente da irmã, era a artista mais quieta que conhecíamos. Ela tinha sido dotada de uma voz melódica e, juntando ao piano que pediu para aprender desde pequena, enchia nossa casa de música e nossos cultos na comunidade de louvores belíssimos. Ela gostava de passar temporadas com Catarina e Elisabeth Lutero em Wittenberg, apesar de Levin torcer o nariz de preocupação toda vez que pedíamos a ele se ela poderia ir.

Anna Maria sabia como fazer o pai ceder, mas nunca sem ser acompanhada de uma lista de alertas para a menina ter cuidado e mais cartas para amigos de confiança que ele ainda tinha na cidade, pedindo para que tomassem conta do bem-estar e segurança da filha.

Gosto de pensar que ele está se saindo muito bem no papel de pai de menina.

E Franz, ah, Franz, meu primogênito. Quando segurei ele em meus braços pela primeira vez, foi como se o próprio Deus o entregasse, me dizendo que eu experimentaria um outro lado de Seu amor. Franz, que tinha tanto de mim que às vezes eu me preocupava. Meu filho era apaixonado por literatura mitológica e gostava não só de aprendê-las, mas realmente aproveitar as histórias. Muitas vezes, ele vinha para mim com os mesmos questionamentos que eu havia feito há anos e, apesar de ele ter uma das fés mais bonitas que já tinha visto, em certas circunstâncias era dominado pelo

medo avassalador.

Nesses momentos, eu tinha que lembrá-lo da verdade das boas notícias de Cristo, assim como o pai dele tinha feito comigo há muitos anos. Lembrá-lo de que Deus o amava, o aceitava, não condicionado ao que ele fizesse ou deixasse de fazer, e que não era seu gosto por histórias sobre deuses, que ele sabia que eram inexistentes, que iria mudar isso.

Quando Levin chegou comigo na sala, vi que todos já estavam ali e ele me colocou no maior sofá.

— Foi aqui que pediram uma entrega de mamãe? — Meu marido perguntou enquanto me ajeitava. Ele se virou para as crianças.

Elas me encaravam, especialmente minha barriga, com um entusiasmo visível. Tinham ficado encantados quando contei que teríamos outro bebê e se esforçavam para cuidar de mim o máximo que podiam.

Franz, particularmente, estava indissolúvel na ideia de que seria um menino.

— Para equilibrar os números — meu primogênito tinha dito.

Eu tendia a concordar com seu palpite.

As crianças estavam posicionadas perto dos instrumentos musicais, Anna Maria no piano, Susanna no alaúde e Franz no meio delas.

— O que queriam nos mostrar? — Levin perguntou e eu sabia que agora elas tinham sua total atenção. O único indício de que ele lembrava que eu estava no cômodo era sua mão, que segurava a minha e desenhava círculos invisíveis em cima, uma mania que ele tinha e nem notava.

Meus filhos se encararam e, com um aceno de cabeça de Franz, a melodia tomou conta do local.

[Nota da autora: coloquem essa música para tocar]



By God alone I'm saved from my sin
(Apenas por Deus eu sou salvo de meu pecado)

To God alone, be glory! Amen
(Apenas para Deus seja a glória! Amém)

Não é apenas porque ele é meu filho, mas a voz de Franz é absurdamente linda. Lembro de ter ficado assustada que, conforme ele foi crescendo, parecia que ela tinha engrossado e ficado mais parecida com a do pai da noite para o dia.

The Word of God is truth revealed for man to know God's law
(A Palavra de Deus é verdade revelada para o homem conhecer a lei de Deus)

The standard of reality, the Bible guides in all
(O padrão da realidade, a Bíblia orienta em tudo)

There is no other book divine, no other sacred tome
(Não há nenhum outro livro divino, nenhum outro livro sagrado)

The truth of God lies nowhere else but in His Word alone
(A verdade de Deus não está em nenhum outro lugar, apenas em Sua Palavra)

Eu me aconcheguei ainda mais no sofá, as palavras da música tocando o meu coração, a presença de minha família acolhedora ao meu redor e, lá fora, o barulho do mar. Desde que nos mudamos para mais perto de Lübeck, passei a entender o que meu marido tanto gostava sobre ondas.

Salvation is a gift of God, so may no human boast
(A salvação é um presente de Deus, então nenhum ser humano pode se gabar)

By grace alone have saints been saved and blessed to uttermost!
(Somente pela graça os santos foram salvos e abençoados ao máximo!)

No, nothing else can save my soul, my sin that can atone
(Não, nada mais pode salvar minha alma ou pode expiar meu pecado)

The sinner, now redeemed by God, is saved by grace alone
(O pecador, agora redimido por Deus, é salvo somente pela graça)

Levin tinha um olhar de puro encantamento fitando nossos filhos. Ele era assim com absolutamente tudo que envolvia aqueles três. Mesmo que ali eles estivessem fazendo algo que o pai gostava, ele sempre demonstrava para as crianças que o amor dele a elas não era condicionado ao que fizessem.

Essa certeza enchia meu coração de alegria.

Eu trouxe a mão dele mais perto dos meus lábios para dar um beijo e ele sorriu, sem desviar o olhar do trio.

The works of natural man cannot appease the wrath of God
(As obras do homem natural não podem apaziguar a ira de Deus)

Nesse momento Susanna entrou com o alaúde, balançando a cabeça enquanto tocava, e parecia não conseguir se conter.

Levin pedia para ela ser um pouco mais discreta na igreja, devido ao tipo de liturgia, mas, aqui em casa, ela se soltava.

Through Christian faith the Savior saves and stays the Father's rod
(Por meio da fé cristã, o Salvador salva e permanece a vara do Pai)

For God could not my sin forgive through merits of my own
(Pois Deus não poderia perdoar meus pecados pelos meus próprios méritos)

The guilty wretch is justified by God through faith alone
(O desgraçado culpado é declarado justo por Deus somente pela fé)

When first the sin of man appeared, the Lord withdrew His hand
(Quando o pecado do homem apareceu pela primeira vez, o Senhor retirou Sua mão)

Algumas lágrimas caíram no meu rosto quando eu ouvi a voz suave de Anna Maria começando a cantar junto com seu irmão. Minha menininha tinha crescido e logo seria uma moça feita.

Thus, Christ became a man and died to bridge the awful span
(Assim, Cristo se tornou um homem e se fez ponte sobre o terrível abismo)

No other One could mediate between me and God's throne
(Nenhum outro poderia mediar entre mim e o trono de Deus)

The wayward son, restored to God, finds hope in Christ alone
(O filho rebelde, restaurado a Deus, encontra esperança somente em Cristo)

Eu não poderia ser mais feliz. Mas minha felicidade não se dava pelo que eu tinha ou por laços emocionais com minha família. Minha felicidade foi encontrada e segura quando, há anos, eu percebi que era aceita por Deus pelos méritos de Cristo. Que eu era justa, amada, e nada do que eu pudesse fazer ou ter iria me colocar nessa situação. Tudo já tinha sido feito por mim. Eu só precisava acreditar.

O praise the God who saves the weak, O glorify His name
(Louvado seja o Deus que salva os fracos, glorifiquem o Seu nome)

Let all creation with one voice His wondrous deeds proclaim!
(Que toda a criação em uma só voz proclame Suas obras maravilhosas!)

Who else deserves the laud, the praise? It is not flesh and bone
(Quem mais merece o elogio, o louvor? Não é carne nem osso)

May all of life e'er glorify our King, our God, alone!
(Que toda a vida possa glorificar nosso Rei, nosso Deus, apenas!)

Levin se inclinou para mim enquanto ouvia a última frase do hino e, com um sorriso de puro contentamento, recitou o verso que tinha ficado marcado em nós no sermão de último domingo:

— Eu e minha casa serviremos ao Senhor.



Agradecimentos

Obrigada ao Espírito de Deus que guiou meus dedos para colocarem as palavras certas na tela. Essa obra nunca sairia sem tua bondade e gentileza em me conduzir. Obrigada por ter me permitido contar essa história, que não é só sobre Amelia, mas também é sobre mim.

Obrigada a Rebeca Bigão, Camila Rocha e J. Carmelo, minhas betas que também são escritoras incríveis, pelas reações empolgadas e pelos surtos enquanto liam Desabando em Chamas.

Aos meus pais, irmã e amigos por vibrarem comigo no processo, e às minhas fefiqueiras, que foram minha comunidade de apoio desde o início.

Obrigada ao Alê, meu leitor crítico. Tuas correções deixaram essa história 100% melhor. Agradeço a paciência, os elogios e os puxões de orelha.

Quero agradecer a todas as igrejas que me receberam e me acolheram enquanto eu estava descobrindo minha fé e buscando uma comunidade.

Obrigada especialmente ao grupo do Verdadeiro Evangelho de Campinas, que tem feito um trabalho fantástico para o reino de Deus, combatendo heresias dentro de igrejas e apresentando a suficiência de Cristo. Vocês sempre serão parte crucial da minha história.

Notas

[1] – Palavra alemã para Sr. É o equivalente a Mr. no inglês. Também pode designar Mestre ou Patrão.

[2] – Palavra alemã para indicar uma Condessa

[3] – Doce a base de amêndoas, açúcar e clara de ovos. Apesar de ter origem árabe, no século XIII começou a ser produzido em massa pelos habitantes de Lübeck e até hoje é uma especialidade da cidade.

[4] – Palavra em alemão para Conde

[5] – Termo alemão para se referir a criadas

[6] – Termo alemão respeitoso para se dirigir a senhoritas

[7] – Herói nórdico relacionado a uma famosa cidade na Alemanha

[8] – Poeta e trovador alemão

[9] – Vossa Majestade

[10] – Equivalente a “Senhora” no português

[11] – Bebida forte, destilada de grãos ou batata, e aromatizada

[12] – Tradição alemã de composição de canções sobre amor cortês

[13] – Termo usado para se referir à casa de banho

[14] – Trad: Você não precisa. O francês é para flertar, então pretendo ser o único na sua vida com quem você falará de amor. E compreendo muito bem o alemão.

[15] – Livro de Juízes 9:7-15

[16] – Livro de Salmos 92:12

[17] – Doce tradicional do carnaval em Berlim

[18] – Unidade monetária utilizada em várias partes do Sacro Império Romano-Germânico. Seu valor e seu peso variavam de acordo com a localidade, já que não havia um sistema de moeda unificado

[19] – Adaptação da lenda originária do folclore da França medieval

[20] – Cena adaptada de Luther (2003)

[21] – Romanos 1:17; Gálatas 3:11; Hebreus 10:38; Habacuque 2:4

[22] – Sogro, em alemão.

[23] – Há uma discrepância sobre quando ocorreu a morte do primeiro-ministro. Estou utilizando de liberdade criativa para inserir ele vivo nessa cena, que se passa em Junho de 1521.